



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA
FACULDADE DE TEOLOGIA

MESTRADO INTEGRADO EM TEOLOGIA (1.º grau canónico)

ESMERALDO JOSÉ DE OLIVEIRA BORGES

**A Evangelização em Cabo Verde nos séculos XIX e
XX: O desenvolvimento e o amadurecimento de
uma experiência eclesial**

Dissertação Final
sob orientação de:
Professor Doutor António Matos Ferreira

Lisboa
2016

*«A nossa proteção está no nome do Senhor, que fez o céu e a terra:
Se o Senhor não estivesse connosco,
que o diga Israel, se o Senhor não estivesse connosco,
os homens que se levantaram contra nós ter-nos-iam devorado vivos,
no furor da sua ira. (Salmo 123 (124), 1-3)».*

AGRADECIMENTOS

Antes de mais, quero agradecer a Deus pela força e pela perseverança que me deu para que este trabalho fosse realidade. Enquanto fonte de toda a sabedoria, ensinou-me que jamais podemos desistir, que é preciso mantermo-nos perseverantes em nossa caminhada, porque se quisermos vencer temos que carregar a nossa cruz cada dia e seguir os caminhos que Ele nos indicar. Agradeço aos meus pais que me educaram na fé, pelo amor e pelo sacrifício com que me ensinaram a encarar a vida, que fizeram de mim a pessoa que sou hoje e que sempre me apoiaram em todos os momentos da minha vida.

Ao professor Doutor António Matos Ferreira, o meu maior agradecimento por toda a disponibilidade e orientação prestado, pelo apoio incondicional e compreensão que sempre manifestou que Deus lhe acumule com muitas bênçãos e saúde.

Agradeço de uma forma especial a todos aqueles que de uma maneira ou de outra acompanharam-me nesta caminhada, (Padre António Ferreira; Padre José Constantina Bento; Padre José Álvaro; professora Doutora Arlinda; Sr. José Adragão; Sr. Miguel Vasconcelos; Casa da Memória: Ilha do Fogo; Arquivo histórico Nacional de Cabo Verde; Arquivo histórico da Diocese Santiago de Cabo Verde; Biblioteca Nacional de Cabo Verde e o Seminário diocesano de S. José Praia/ Cabo Verde), mostrando-se sempre disponíveis na concretização deste projecto.

Por último, mas não menos importante, agradeço aos meus irmãos, amigos, colegas de curso e a todos os professores que comigo partilharam do seu saber. Deus seja louvado.

RESUMO

A Evangelização acompanhou Cabo Verde no seu crescimento desde o início da sua povoação em 1462. O desenvolvimento da pastoral em Cabo Verde e a consequente valorização do anúncio do Evangelho articulam-se com o processo de constituição da Igreja como instrumento da Evangelização, uma vez que se pode constatar o valor da missão da Igreja, pois vemos que missão é aquilo que chama e une os cristãos numa só fé, através da catequese e da Eucaristia. A instrução dos fiéis na doutrina cristã foi matéria que desde cedo preocupou as autoridades eclesíásticas.

ABSTRACT

Since Cape Vert started being populated in 1462, evangelization was a constant feature of its life. The growth of the Church's mission in Cape Verd and subsequent importance given to the spread of the Gospel, contributed to the Church's becoming an instrument of Evangelization. The worth of the Church's action can be attested by the effect of the mass and the catechism in bringind the people together under a single faith. Indeed, from early days Cape Vert's religious authorities were concerned with how the faithful were educated in the Christian doctrine.

Palavras-chave: Cabo Verde; Evangelização; Pastoral; Sociedade.

ÍNDICE

Índice	1
Siglas e abreviaturas	4
Introdução	6
I Capítulo Processo de implementação da Igreja nas ilhas de Cabo Verde	11
1.1- O significado da Igreja Particular nos documentos conciliares	11
1.1.1- Fundamentos da Igreja sobre a «Igreja particular»	13
1.1.2- Igreja particular	16
1.1.3- Igreja santa	18
1.2- O enquadramento histórico e geográfico de Cabo Verde	19
1.2.1- Ribeira Grande de Santiago como berço da cabo-verdianidade	21
1.2.2- A origem da Diocese de Cabo Verde.....	24
1.2.3- A relevância da evangelização na história de Cabo Verde	26
1.3- A evangelização no séc. XVI e XVII no contexto da reforma tridentina	29
1.3.1- Uma passagem ao século XVIII.....	35
1.3.2- Algumas relevâncias do primeiro crescimento desta Igreja particular	38
1.4- Ribeira Grande no centro das origens da Igreja em Cabo Verde	41
II Capítulo Igreja em cabo-verdiana ao serviço da evangelização (Séc. XIX E XX)	47
2.1- Reflexão teológica do conceito Evangelização	47

2.1.1-	Um juízo teológico da Igreja à Evangelização	49
2.1.2-	Eucaristia no centro de toda a ação evangelizadora e como sinal do reino de Deus que Jesus veio trazer	52
2.2-	Século XIX, as condições da Igreja na evangelização em Cabo-Verde	56
2.2.1-	Conjuntura da Igreja no séc. XIX.....	58
2.2.2-	O papel da Igreja na Evangelização em Cabo Verde séc. XIX.....	61
2.3-	O sincretismo religioso na cultura cabo-verdiana	65
2.3.1-	Tabanca	65
2.3.2-	Os rituais festivos da tabanca	67
2.3.3-	A devoção popular em Cabo Verde no século XIX	70
2.4-	A influência das três grandes revoltas política (séc. XIX e XX) na vivência da fé do povo cabo-verdiano	72
2.5-	A Ilha de S. Nicolau no centro dos acontecimentos eclesiais no Séc. XIX.....	79
2.5.1-	O Seminário - liceu	82
2.5.2-	A Igreja e o Regime Republicano em Cabo Verde	85
III	Capítulo A Igreja em Cabo Verde numa pastoral de desenvolvimento (Séc. XX)	89
3.1-	A estabilidade e o início de uma nova era (séc. XX).....	90
3.1.1-	Os Espiritanos em Cabo Verde.....	91
3.1.2-	A Origem dos Rebelados	94
3.2-	A reorganização e recristianização na Igreja em Cabo Verde (séc. XX).....	98

3.2.1-	A língua crioula: instrumento para comunicar o Evangelho	103
3.2.2-	A relevância da catequese na missão evangelizadora da Igreja em Cabo Verde.....	105
3.3-	D. José Felipe do Carmo Colaço (1955- 1975).....	110
3.3.1-	Biografia	110
3.3.2-	As conjunturas eclesiais.....	111
3.4-	Família como primeira célula da Igreja e da sociedade	117
3.4.1-	A família comunidade crente e Evangelizadora.....	119
3.5-	Dom Paulino Livramento Évora, primeiro bispo do Cabo Verde Independente 1975-2009.....	122
3.5.1-	Biografia.....	122
3.5.2-	A fase da Reconstrução Nacional (1975-1990).....	124
3.5.3-	As datas que marcaram a vida da Diocese de Cabo Verde Depois da Independência Nacional até hoje	126
3.6-	Apelos e votos de São João Paulo II aos cabo-verdianos em 1990 na sua visita a Cabo Verde	130
	Conclusão	134
	Bibliografia	140
1-	Fontes	140
1.1-	Fontes do Magistério	140
1.2-	Fontes das Dioceses de Cabo verde.....	141
2-	Estudos	142
3-	Bibliografia complementar.....	146
4-	Documentação eletrónica	147

SIGLAS E ABREVIATURAS

AAS. – Acta Apostolicae Sedis.

Act. – Atos dos Apóstolos.

AHU – Arquivo Histórico Ultramarino.

APPCSSp – Arquivo da Província Portuguesa da Congregação do Espírito Santo.

B.O – Boletim Oficial.

Cap. – Capítulo.

CECV – Centro de estudos de Cabo Verde.

Cf. – Conferir.

CIC – Código de Direito Canónico (Codex Iuris Canonici).

Const. – Constituição.

Coord. – Coordenação.

Cor. – Coríntios.

C.S.Sp. – Congregatio Sancti Spiritus (Congregação do Espírito Santo).

Cx. – Caixa.

Dez. – Dezembro.

Doc. – Documento.

Dogm. – Dogmática.

DS – Denzinger.

Ed. – Edição/Editora

Ef – Efésios.

Fil – Filipenses.

Jo – João.

Km. – Quilómetro.

LG – Lumem Gentium.

Luc – Lucas.

MPD – Movimento para a democracia.

Mt – Mateus.

PAICV – Partido africano para a independência de Cabo Verde.

PAIGC – Partido africano para a independência de Guiné – Cabo-Verde.

Séc. – Século.

Sl – Salmo.

Tim – Timóteo.

UNESCO – United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization.

Vol. – Volume.

INTRODUÇÃO

No âmbito do curso de Teologia, a minha dissertação na área da Teologia e da História, mais concretamente sobre a história da Igreja Católica em Cabo Verde, pretende apresentar uma compreensão do papel do catolicismo no desenvolvimento da nação cabo-verdiana, sobretudo na sua envolvimento na realidade, quer na vida pessoal de cada um, quer na vida social em geral. Por isso, a evangelização em Cabo Verde teve e tem um impacto forte na própria originalidade do povo cabo-verdiano. O Evangelho esteve presente desde o seu descobrimento em 1460.

Do ponto de vista histórico, podemos aproveitar esta parte introdutória para dizer que «desde 1533 esteve criada a Diocese de Cabo Verde, que incluía também a terra firme da Guiné, devendo dizer-se, no entanto, que é sobretudo a partir de 1660 que a evangelização da Guiné se começa a processar com carácter de suficiente regularidade. Essa evangelização desenvolveu-se em estilo notoriamente itinerante, ou seja, com alguns poucos pontos de fixação, e daí irradiando depois para diferentes pontos do território, com a agravante de que, até meados do séc. XVIII, a itinerância dos frades se espalhava muito para lá da Guiné-Bissau atual, atingindo a sul as costas da Serra Leoa e a norte as do Senegal.»¹ A diocese foi erigida por desmembramento da Arquidiocese do Funchal a 31 de Janeiro de 1533, pelo Papa Clemente VII, abrangendo então todo o arquipélago de Cabo Verde e a Guiné-Bissau. A história eclesiástica do arquipélago de Cabo Verde não foi uma história contínua, ou linear, com momentos de fracassos e sobressaltos, até à criação da diocese de Santiago e ao desmembramento da diocese do Funchal. Passaram por Cabo Verde numerosos missionários, religiosos, seculares, franciscanos e jesuítas, que foram lançando as sementes cristãs entre a

¹ DIOCESE DE BISSAU E BAFATÁ, *Anuário*, 2009, p. 2.

população das ilhas, e estas foram ganhando a sua autonomia até ao desmembramento da diocese do Funchal. Este avanço não se deu de um dia para o outro. Houve momentos de fracasso e de sucesso, com a esperança de um dia se atingir a maturidade da fé da Igreja Católica em Cabo Verde. Foram muitos os bispos que passaram por Cabo Verde, provenientes de várias nacionalidades: portugueses, indianos e outros e, por último, os próprios bispos cabo-verdianos. Os bispos eram das ordens Franciscana, Agostiniana e Espiritana, bem como seculares.

A dissertação visa abordar a reorganização da Diocese de Cabo Verde e os desenvolvimentos da implementação da vida cristã (católica) no arquipélago, até ao período da independência. O grande apreço pelas manifestações de uma cultura desencadeou em mim o interesse de aprofundar e conhecer melhor a história, os costumes e, especialmente, a religiosidade do povo cabo-verdiano com quem convivo e de que faço parte.

A dissertação tem como tema: “A evangelização em Cabo Verde nos séculos XIX e XX: O desenvolvimento e o amadurecimento de uma experiência eclesial”. Também tem como objetivo apresentar a importância da Igreja em Cabo Verde, em vários aspetos da vida das pessoas e da sociedade em geral. Pretende mostrar também que, ao longo da história da Igreja em Cabo Verde, o evangelho remodelou a cultura cabo-verdiana – mesmo nos anos de interrogações, o que prevaleceu foi essa impregnação do evangelho na cultura e na história do nosso povo. Toda a gente sabe que o povo de Cabo Verde é um povo cristão, mas um povo que precisa de purificação, que precisa de crescer e entender mais. Por exemplo, a vocação sacerdotal em Cabo Verde foi sempre escassa. Durante todos os séculos, o número de sacerdotes foi sempre pequeno e muito dependente do exterior, acentuando a centralidade da função do padre.

Todavia, queremos também transmitir uma visão sobre o homem cabo-verdiano, o seu conceito do mundo, as suas crenças, os seus valores e as suas devoções.

Em relação ao esquema, o trabalho divide-se em três capítulos:

No primeiro capítulo, pretendo apresentar um breve histórico da implantação da Igreja em Cabo Verde, mostrando os seus fracassos e sucessos ao longo dos séculos e pondo em relevo que o sinal visível da sincera solidariedade da Igreja com toda a familiaridade humana tem sido a plena participação nas alegrias e esperanças, tristezas e angústias de todos os homens em todos os tempos. A vida da Igreja Cabo-verdiana foi quase sempre tormentosa nos quatro séculos do seu já longo viver. Mas estes padecimentos agravaram-se particularmente em meados do século XVII, por circunstâncias várias, entre as quais não se pode esquecer a longa vacância por morte de D. Frei Lourenço Garro em 1646 e a retirada dos Religiosos da Companhia de Jesus, em Julho de 1642. Faltaram-lhe pastor e missionários quase a um tempo, ficando o rebanho sem mão e sem pão. Mesmo quando os estados modernos se mostraram em condições de assumir a tarefa da promoção e do desenvolvimento dos povos, a Igreja nunca perdeu o sentido da sua missão. Deste modo, pretendo mostrar que a Igreja tem garantido o sentido da missão que constituiu a sua vida desde o princípio, caracterizada pelos valores inseparáveis e fundamentais, a saber: a missão, a ação profética ou o ensino da palavra, a ação litúrgica e a ação caritativa ou de compromisso. Através deles, proclama e manifesta ao mundo a Boa Nova da salvação de Jesus Cristo Ressuscitado. Porei também em relevo que de facto, a primeira diocese da África Subsariana é a da Ribeira Grande, fundada em 1533, na ilha de Santiago, sede da atual capital, Praia, com competência para toda a costa ocidental africana. Ribeira Grande, mais conhecida como Cidade Velha, é considerada o berço da Nação cabo-verdiana e, em 2009, foi reconhecida como património mundial pela UNESCO. Aí se encontra também a mais

antiga igreja colonial do mundo: a igreja de Nossa Senhora do Rosário, erigida em 1495, em estilo manuelino e, com grande probabilidade, foi precisamente à sombra dessa igreja que as primeiras populações encontraram o seu espaço do reconhecimento.

No segundo capítulo, pretendo fazer compreender a vivência da fé em Cabo Verde, através do serviço da Igreja. A missão evangelizadora comporta necessariamente a ação para a justiça e as tarefas de promoção do homem. «Comporta-a pelo simples facto de existirem, entre a evangelização e a promoção humana ou desenvolvimento, laços profundos e inseparáveis de ordem antropológica, teológica e de caridade».² Por isso, a evangelização só será completa quando tiver em linha de conta as relações concretas e permanentes existentes entre o Evangelho e a vida social. Este capítulo tem também como objetivo dizer que a Igreja faltaria gravemente ao seu dever se não oferecesse ao país aquilo de que, como perita em humanidade, é depositária: os princípios decorrentes da única mensagem que é capaz de fundamentar a dignidade humana e de motivar um género de convivência que tenha como ponto de referência fulcral a busca, na liberdade e na Justiça, do bem comum.

No terceiro capítulo, pretendo abordar a veracidade daquilo que a Igreja apresenta no seu desenvolvimento para o crescimento de Cabo Verde em todos os níveis no século XX, desde a vinda dos missionários do Espírito Santo, até à independência de Cabo Verde. Cabo Verde, desde sempre, foi uma encruzilhada de povos e culturas e também o epicentro estratégico por excelência para a difusão do catolicismo na África e não só. Neste capítulo, está um pouco exposto aquilo que é a cultura cabo-verdiana, vendo, como manifestação dessa cultura, a língua materna, a música, a arte, a poesia e a culinária. Com a independência política a 5 de Julho de 1975, a história das ilhas de Cabo Verde dividiu-se em duas partes: o tempo do colonialismo e o da Nação livre. A

² Cf. PAPA PAULO VI, *Evangelii Nuntiandi*, Exortação Apostólica de 8 de Dez. 1975, in: AAS 31 (1976), 5-76.

Diocese de Santiago de Cabo Verde, depois da independência, inicia um novo período, sem qualquer ligação ao Estado. A Igreja procura afirmar-se na sua própria identidade cabo-verdiana. O Papa Paulo VI, num discurso aos participantes da “*Unione Internazionale degli Studi di Archeologia, Storia e Storia dell’Arte*”, disse: «Se é verdade que o olhar da Igreja está fixo no pólo escatológico do seu futuro destino, não é menos verdadeiro que a Igreja nunca deve cansar-se de olhar para trás, às suas origens, à história da sua salvação. A Igreja é ao mesmo tempo aluna e mestra da História e não pode deixar de sentir uma íntima afinidade espiritual com todos aqueles que dedicam as suas pacientes e sábias fadigas aos estudos históricos».³

A Igreja deve caminhar na História com o olhar para trás e ao mesmo tempo para a frente, mas fixo sobretudo no alto, em Cristo, seu Senhor. Através deste capítulo, podemos constatar o valor da missão da Igreja, pois vemos que missão é aquilo que chama e une os cristãos numa só fé, através da catequese e da Eucaristia. As missões são a flor mais linda da Igreja. Com a ajuda de Deus, pode-se fazer muito bem, mas é preciso uma grande virtude. Diria que, para fazer o missionário é preciso esquecer-se do corpo e da vida, para não se sentirem tão vivos os golpes que caem sobre o amor-próprio. Portanto, podemos concluir que o objetivo deste trabalho, mais do que um resumo, pretende ser uma perspetivação sobre o amadurecimento mais contemporâneo da Igreja Católica em Cabo Verde.

³ *L’osservatore Romano*, Città del Vaticano, 1967, p. 1.

I CAPÍTULO

PROCESSO DE IMPLEMENTAÇÃO DA IGREJA NAS ILHAS DE CABO VERDE

Neste capítulo, pretendo abordar, em primeiro lugar, o conceito e a importância da Igreja particular, enquadrando a Diocese de Cabo Verde na linha de orientação do Concílio Vaticano II, designadamente apresentando uma abordagem Teológica, Eclesiológica e Canónica da Igreja, com o objetivo de dizer que a Igreja em Cabo Verde, independentemente da sua história e localização geográfica, pertence ao mesmo rebanho fundado e deixado por Cristo. Num segundo momento, pretendo abordar de uma forma geral o enquadramento geográfico e histórico de Cabo Verde, apresentando a evangelização como um processo que acompanhou o desenvolvimento de Cabo Verde, desde o seu povoamento em 1462.

1.1- O significado da Igreja Particular nos documentos conciliares

O Concílio Vaticano II foi essencialmente um esforço de autocompreensão por parte da Igreja e manifestou a tomada de consciência desta realidade ao apresentar a Igreja Sacramento do mundo como conceito-chave da definição da Igreja. A Igreja sempre venerou as Divinas Escrituras, tal como o próprio Corpo do Senhor. Ambos alimentam e regem toda a vida cristã. «A vossa Palavra é farol para os meus passos e luz para os meus caminhos» (Sl 119)⁴. «As Igrejas particulares, nas quais e das quais existe a una e única Igreja Católica, são primariamente as dioceses, às quais, se outra

⁴ II CONCÍLIO DO VATICANO, *Const. dogm. Dei Verbum*, 21: AAS 58 (1966) 827.

coisa não constar, são equiparadas a prelatura territorial, a abadia territorial, ao vicariato apostólico e à prefeitura apostólica e ainda a administração apostólica estavelmente ereta».⁵ A relevância das estruturas eclesíásticas não pode deixar de nos merecer o considerável grau de atenção que a sua existência postula como dado factual, digno de análise logo ao nível das incidências socioculturais que irradiam. A Igreja Católica na segunda metade do século XX caracteriza-se pelo constante esforço de renovação que foi estimulado e consagrado pelo Concílio Ecuménico Vaticano II.

O Sínodo dos Bispos de 1985 e vários documentos emanados da Santa Sé, esclareceram, sem sombra de dúvida, que o «Povo de Deus» não é um conceito jurídico, no sentido de uma sociedade democrática, na qual o poder dos ministros sagrados lhes seria dado por delegação dos fiéis. A comunidade eclesial não se compara com esse regime político.⁶ Ela é mistério, comunhão que tem as suas raízes na Santíssima Trindade. São Paulo insiste em seu múnus apostólico. Ele não lhe vem dos cristãos mas foi-lhe conferido por Cristo: «Em nome de Cristo exercemos a função de embaixadores e, por nosso intermédio, é Deus mesmo que vos exorta» (2 Cor 5,20). A Igreja, fundada por Cristo, tem uma estrutura essencialmente divina. Os integrantes da obra de Jesus são criaturas humanas que vivem no tempo.

«Cristo Senhor, em quem toda a revelação do Deus altíssimo se consuma, tendo cumprido e promulgado pessoalmente o Evangelho antes prometido pelos profetas, mandou aos Apóstolos que o pregassem a todos, como fonte de toda a verdade salutar e de toda a disciplina de costumes, comunicando-lhes assim os dons divinos»⁷. A Igreja, o instrumento principal da evangelização, foi instituída por Cristo que é o centro de toda a revelação. «Não há doutrina melhor, mais preciosa e esplêndida do que o texto do

⁵ *Código de Direito Canónico*, 1983, Cân. 368.

⁶ REBEIRO, A., *Estrutura eclesíásticas de Cabo Verde, Guiné e São Tomé e Príncipe*, Instituto superior de ciências sociais e política ultramarina, Lisboa, 1966, p.9.

⁷ II CONCÍLIO DO VATICANO, *Const. dogm. Dei Verbum*, 7: AAS 58 (1966) 820.

Evangelho. Vede e retende o que nosso Senhor e Mestre, Cristo, ensinou pelas suas palavras e realizou pelos seus atos».⁸ Os evangelhos são o coração de todas as Escrituras, enquanto são o principal testemunho da vida e da doutrina do Verbo encarnado, nosso Salvador.⁹ «Cada bispo, como vigário de Cristo, tem o encargo pastoral da Igreja particular que lhe foi confiada, mas ao mesmo tempo ele, colegialmente, com todos os seus irmãos no episcopado, deve ter solicitude por todas as Igrejas: Se cada Bispo só é pastor propriamente dito da porção do rebanho que lhe foi confiada, a sua qualidade de legítimo sucessor dos apóstolos por instituição divina, torna-o solidariamente responsável pela missão apostólica da Igreja».¹⁰

1.1.1- Fundamentos da Igreja sobre a «Igreja particular»

«As Igrejas particulares são plenamente católicas pela comunhão com uma delas: a Igreja de Roma, que preside à caridade. Pois com esta Igreja, em razão de sua origem mais excelente, deve necessariamente concordar cada Igreja, isto é, os fiéis de toda a parte. Com efeito, desde a descida a nós do Verbo Encarnado, todas as Igrejas cristãs de toda parte consideraram e continuam considerando a grande Igreja que está aqui [em Roma] como única base e fundamento, visto que, segundo as próprias promessas do Salvador, as portas do inferno nunca prevaleceram sobre ela».¹¹

A Igreja é una devido à sua origem: o modelo e princípio supremo deste mistério é a unidade de um só Deus Pai e Filho no Espírito Santo, na Trindade de pessoas. A Igreja é una devido ao seu Fundador: o próprio Filho encarnado, Príncipe da paz, por sua cruz reconciliou todos os homens com Deus, restituindo a unidade de todos em um só povo e em um só corpo. A Igreja é una devido à sua alma: o Espírito Santo que

⁸ *Catecismo da Igreja Católica*, p. 48, n° 127.

⁹ II CONCÍLIO DO VATICANO, *Const. dogm. Dei Verbum*, 18: AAS 58 (1966) 826.

¹⁰ *Catecismo da Igreja Católica*, n° 1560, p. 401.

¹¹ *Catecismo da Igreja Católica*, n° 834, p. 224.

habita nos crentes e enche e governa toda a Igreja realiza essa admirável comunhão de fiéis e une todos em Cristo tão intimamente que é o Princípio da unidade da Igreja. Portanto, pertence à própria essência da Igreja ser una: que surpreendente mistério! Há um só Pai do universo, um só Logos do universo e também um só Espírito Santo, idêntico em todas as partes; há também uma só virgem feita mãe, que é a Igreja.¹² A comunhão eclesial é, portanto, um dom, um grande dom do Espírito Santo, que os fiéis leigos são chamados a acolher com gratidão e, ao mesmo tempo, a viver com profundo sentido de responsabilidade. O modo concreto de agir é por meio da participação na vida e missão da Igreja, para cujo serviço os fiéis leigos contribuem com as suas diversas e complementares funções e carismas.¹³ Esta comunhão não é só visível, mas também invisível. A doutrina dos Apóstolos, os sacramentos e a ordem hierárquica manifestam a íntima relação entre a comunhão visível e a comunhão invisível. Por isso, não podemos dissociar uma dimensão da outra. De facto, é esta relação que constitui a Igreja como sacramento de salvação e, por fim, não pode ser uma realidade recolhida sobre si mesma ou autorreferencial, mas permanentemente aberta às dinâmicas missionária e ecuménica, pois foi enviada ao mundo para anunciar e testemunhar, atualizar e estender o mistério da comunhão que a constitui: reunir todos e tudo em Cristo.¹⁴

A comunhão é uma noção muito estimada na Igreja antiga. Com a passagem dos séculos, o sentido eclesiológico passará a ser o de uso dominante, com uma tendência sustentada durante toda a Idade Média. Por outro lado, a conceção da comunhão eclesial irá adquirindo um carácter cada vez mais jurídico do que teológico ou espiritual, especialmente desde o Concílio de Trento (1545-1563), o qual, em

¹² *Catecismo da Igreja Católica*, n.º 813, p. 217.

¹³ II CONCILIO DO VATICANO, *Const. Christifideles laici*, n.º 20

¹⁴ CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ, *Alguns aspectos da Igreja como comunhão*, 1992, n.º 4.

resposta à Reforma protestante, buscou enfatizar a visibilidade da Igreja, isto é, a sua dimensão institucional. Para efeitos deste subsídio, podemos considerar que esta conceção se manteria praticamente invariável até ao século XX. Influenciado pelas correntes teológicas que se vinham testando na primeira metade do século XX, o Concílio Vaticano II retomará o conceito de comunhão em seu sentido original, indo além do jurídico. A constituição *Lumen gentium* apresenta-nos a Igreja, que «é em Cristo como um sacramento, ou seja, sinal e instrumento da união íntima com Deus e da unidade de todo o género humano»¹⁵, isto é, como realidade espiritual interna ou mistério, que se expressa visivelmente, entendendo que a Igreja, ao mesmo tempo, é uma assembleia visível e comunidade espiritual.¹⁶ A comunhão eclesial é comunhão missionária porque a Igreja está chamada a acolher todos e é enviada a todo o mundo para reconciliar o homem com Deus e n'Ele fazer irmãos a todos os homens. «A comunhão e a missão estão profundamente unidas entre si, compenetraram-se e implicam-se mutuamente, a tal ponto que a comunhão representa também a fonte e o fruto da missão: a comunhão é missionária e a missão é para a comunhão».¹⁷ A LG começa recordando a dimensão comunitária do ser humano. Ele é pessoa, mas só existe pessoa numa comunidade de pessoas. Foi assim que Deus nos criou. É assim que ele realiza o seu desígnio de salvação, chamando os seres humanos não apenas como indivíduos, mas também como membros de uma comunidade.

¹⁵ II CONCÍLIO DO VATICANO, *Const. Lumengentium*, nº 1.

¹⁶ II CONCÍLIO DO VATICANO, *Const. Lumemgentium*, nº 8.

¹⁷ Cf. II CONCÍLIO DO VATICANO, *Const. Christifideleslaici*, nº 8: A Igreja «é mistério porque o amor e a vida do Pai, do Filho e do Espírito Santo são o dom absolutamente gratuito que se oferece a quantos nasceram da água e do Espírito (cf. Jo 3,5), chamados a reviver a mesma comunhão de Deus e a manifestá-la e comunicá-la na história (missão)».

1.1.2- Igreja particular

«A diocese é a porção do povo de Deus que é confiada ao Bispo para ser apascentada com a cooperação do presbitério, de tal modo que, aderindo ao seu pastor e por este congregada no Espírito Santo, mediante o Evangelho e a Eucaristia, constitua a Igreja particular, onde verdadeiramente se encontra e atua a Igreja de Cristo una, santa, católica e apostólica».¹⁸ «Esta Igreja de Cristo está verdadeiramente presente em todas as legítimas comunidades locais de fiéis que, unidas aos seus pastores, são também elas, no Novo Testamento, chamadas Igrejas. Nelas, os fiéis são reunidos pela pregação do Evangelho de Cristo, nelas celebra-se o mistério da Ceia do Senhor. Nessas comunidades, embora muitas vezes pequenas e pobres, ou vivendo na dispersão, está presente Cristo, por cuja virtude se constitui a Igreja una, santa, católica e apostólica. Entende-se por Igreja particular, o que é, em primeiro lugar, a diocese, uma comunidade de fiéis cristãos em comunhão na fé e nos sacramentos com o seu Bispo ordenado na sucessão apostólica. Essas Igrejas particulares são formadas à imagem da Igreja universal, é nelas e a partir delas que existe a Igreja católica una e única».¹⁹ A *Lumen Gentium* entra no mistério da Igreja. Mas o que se entende por mistério na expressão “mistério da Igreja”? Não se trata de algo difícil ou mesmo impossível de ser entendido, uma barreira que a razão humana não consegue transpor. Ao falar em mistério da Igreja, a LG baseia-se na Bíblia, sobretudo em S. Paulo para quem mistério designa uma realidade que, escondida em Deus, é revelada visivelmente aos homens. Assim, ao referir-se ao mistério da Igreja, a LG quer dizer que a Igreja é uma realidade divina, transcendente e salvífica, visivelmente presente entre os homens.

A Constituição Dogmática sobre a Igreja (LG) tem o seu primeiro capítulo sobre o Mistério da Igreja. E explica com várias imagens do Antigo e do Novo Testamento o

¹⁸ CIC, 1983, *Cân.* 369.

¹⁹ *Catecismo da Igreja Católica*, nº 832-833, p. 223- 224.

que é a Igreja. Assim, a Igreja é um redil, do qual Cristo é a única e necessária porta. Cristo, mediador único, estabelece e continuamente sustenta sobre a terra, como um todo visível, a Sua Santa Igreja, comunidade de fé, esperança e amor, por meio da qual difunde em todos a verdade e a graça. Assim como a natureza assumida serve ao Verbo divino de instrumento vivo de salvação, a Ele indissolúvelmente unido, de modo semelhante a estrutura social da Igreja serve ao Espírito de Cristo, que a vivifica, para o crescimento do corpo (cf. Ef 4,16). Esta é a única Igreja de Cristo, que no Credo confessamos ser una, santa, católica e apostólica; depois da ressurreição, o nosso Salvador entregou-a a Pedro para que a apascentasse (Jo 21,17), confiando também a ele e aos demais Apóstolos a sua difusão e governo (cf. Mt 28,18 ss.) e erigindo-a para sempre em «coluna e fundamento da verdade» (I Tim 3,5).

Esta Igreja, constituída e organizada neste mundo como sociedade, é na Igreja católica, governada pelo sucessor de Pedro e pelos Bispos em união com ele, que se encontra, embora fora da sua comunidade se encontrem muitos elementos de santificação e de verdade, os quais, por serem dons pertencentes à Igreja de Cristo, impelem para a unidade católica. A Igreja «prosegue a sua peregrinação no meio das perseguições do mundo e das consolações de Deus», anunciando a cruz e a morte do Senhor até que Ele venha (cf. Cor 11,26). Mas é robustecida pela força do Senhor ressuscitado, de modo a vencer, pela paciência e pela caridade, as suas aflições e dificuldades tanto internas como externas, e a revelar, velada mas fielmente, o seu mistério, até que por fim se manifeste em plena luz. «Cristo Jesus que era de condição divina... despojou-se de si próprio tomando a condição de escravo...» (Fil 2, 6-7) e por nós, «sendo rico, fez-se pobre» (2 Cor 8,9): assim também a Igreja, embora necessite de meios humanos para o prosseguimento da sua missão, não foi constituída para alcançar a glória terrestre, mas para divulgar a humildade e a abnegação, também com o seu

exemplo. Cristo foi enviado pelo Pai «a evangelizar os pobres, a sarar os contritos de coração» (Lc 4,18), «a procurar e salvar o que perecera» (Lc 19,10)». ²⁰

1.1.3- Igreja santa

A Igreja é a lavoura ou campo de Deus, é a construção de Deus. A Si mesmo o Senhor se comparou a uma pedra que os construtores rejeitaram, mas que se tornou pedra angular; a Igreja é a casa de Deus, na qual habita a sua família, morada de Deus no Espírito Santo; Igreja é templo santo representado em santuários de pedra, onde é louvado o Senhor pelos Santos Padres; a Igreja é a Jerusalém celeste e a nossa mãe. É ainda descrita como a esposa imaculada do Cordeiro imaculado. A Igreja entre as perseguições do mundo e as consolações de Deus, avança, peregrina, anunciando a Cruz e a Morte do Senhor, até que venha. Mas é fortalecida pela força do Senhor Ressuscitado, a fim de vencer pela paciência e pela caridade as suas aflições e dificuldades, tanto internas como externas. A Igreja é visível e espiritual, Santa e pecadora. ²¹

Ainda sobre a Igreja Particular, o decreto conciliar *Christus Dominus*, sobre o Múnus Pastoral dos Bispos na Igreja, dá a seguinte noção: A diocese é a porção do povo de Deus confiada a um Bispo para que a pastoreie em cooperação com o presbitério. Assim, essa porção, aderindo ao seu pastor e por ele consagrada no Espírito Santo, mediante o Evangelho e a Eucaristia, constitui uma Igreja Particular. Nela verdadeiramente reside e opera a Una, Santa, Católica e Apostólica Igreja de Cristo. Cada Bispo a que se confiou o especial cuidado de uma Igreja particular, sob a autoridade do Romano Pontífice, apascenta como seu próprio pastor, ordinário e

²⁰ II CONCÍLIO DO VATICANO, *Const. Lumengentium*, n° 8.

²¹ II CONCÍLIO DO VATICANO, *Const. Lumengentium*, n° 8, 9, 10, 11, 23.

imediate.²² Com a ereção da Diocese de Santiago de Cabo Verde desenvolveu-se o Cristianismo, embora no meio das dificuldades. A Igreja em Cabo Verde está na mesma barca porque o mediador é um só, que é Cristo. A Igreja inteira está unida à oferta e à intercessão de Cristo. Encarregado do ministério de Pedro na Igreja, o Papa está associado a cada celebração da Eucaristia em que ele é mencionado como sinal e servidor da unidade da Igreja universal. O Bispo do lugar é sempre responsável pela Eucaristia, mesmo quando é presidida por um presbítero: o seu nome é nela pronunciado para significar que é ele quem preside à Igreja particular, no meio do presbitério e com a assistência dos diáconos.²³

O Concílio Vaticano II veio pôr em relevo que não existe Igreja onde não existir um serviço de ministério e uma comunidade de fiéis conduzidas e vivificada pela graça de Deus, que, de modo ordinário, atinge as almas através de um regime sacramental, também este instituído por Cristo.²⁴ «Este Sagrado Concílio, seguindo os passos do Concílio Vaticano I, com ele ensina e declara que Jesus Cristo, Pastor eterno, edificou a Igreja tendo enviado os Apóstolos como Ele próprio fora enviado pelo Pai, e quis que os sucessores deles, os bispos, fossem pastores na sua Igreja até o fim dos tempos. Mas, para que o mesmo episcopado fosse uno e indiviso, colocou o bem-aventurado Pedro à frente dos outros Apóstolos e nele instituiu o princípio e fundamento perpétuo e visível da unidade de fé e comunhão».²⁵

1.2- O enquadramento histórico e geográfico de Cabo Verde

O estudo do arquipélago de Cabo Verde era realizado no âmbito de obras gerais sobre o Império Português ou no âmbito da atuação de determinada congregação

²² II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. *Christus Dominus*, nº11.

²³ *Catecismo da Igreja Católica*, nº 1369, p. 353.

²⁴ REBEIRO A., *Estrutura eclesíásticas de Cabo Verde, Guine e São Tomé e Príncipe*, p.12.

²⁵ II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. *Lumen Gentium*, nº 18.

religiosa, muitas vezes à margem do estudo da costa da Guiné. O arquipélago de Cabo Verde, localizado a 500 km do continente africano, é constituído por dez ilhas, que se dividem em dois grupos, definidos pela sua posição em relação aos ventos dominantes. O conjunto das ilhas do barlavento é constituído por Santo Antão, São Vicente, Santa Luzia, São Nicolau, Sal, Boavista e os ilhéus Raso e Branco; o das ilhas do sotavento compõe-se por Maio, Santiago, Fogo, Brava e os ilhéus Grande, Luís Carreira e de Cima. Pela posição geográfica que ocupa, Cabo Verde marca a extremidade ocidental da faixa subsaariana.

Esta localização confere-lhe um clima árido, marcado pela pluviosidade fraca e irregular.²⁶ A localização geográfica e as condições climáticas do arquipélago constituíram um fator incontornável da sua história, caracterizando-o por uma grande variabilidade social e cultural, donde distinguimos o povoamento, a relação do Homem com o ambiente, o desenvolvimento da língua crioula, as relações sociais, fatores que estão na base da construção da identidade cabo-verdiana.²⁷ A entrada do arquipélago nos anais da história oficial data de 1460, com a chegada das embarcações portuguesas dirigidas pelo italiano António Noli, considerado o descobridor oficial de cinco ilhas orientais do arquipélago.²⁸ Uma vez que se encontravam desabitadas à chegada dos portugueses, tal como aconteceu nos arquipélagos dos Açores e da Madeira, foram povoadas. Daí que não se possa falar de uma colonização neste período, mas sim de um povoamento, uma vez que por parte de Portugal não houve necessidade de dominar ninguém para aí se estabelecer. O povoamento das ilhas regeu-se sobretudo por dois fatores: o grau de interesse económico imediato, ou seja, a possibilidade de extrair delas, com o mínimo esforço e em pouco tempo, o máximo de proveito possível, e os

²⁶ PERES, Damião, *História dos descobrimentos portugueses*, Portucalense editora, Porto, 1943, p. 135.

²⁷ BARRATA, Óscar, *O povoamento de Cabo Verde, Guiné e São Tomé*, Instituto superior de ciências sociais e política ultramarina, Lisboa, 1966.

²⁸ LOPES, João Filho, *Iha de S. Nicolau - Cabo Verde formação de uma sociedade e mudança cultural*, Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 1993, p. 89-90.

benefícios fiscais reservados aos moradores do arquipélago, concedidos pela Coroa na exploração do comércio africano.²⁹ A Ilha de Santiago é a maior e a mais povoada e as ilhas de quadros populacionais mais modesto são as do Maio e da Boavista, seguindo-se-lhe as do Sal e Brava.³⁰ A sociedade cabo-verdiana surgiu assim como o resultado da expansão marítima europeia quatrocentista, fruto do encontro de dois mundos: o europeu e o africano. Deste encontro nasceu e se formaram o Homem e a sociedade cabo-verdiana, num processo de cinco séculos de mestiçagem e criouliização.³¹ No entanto, manteve-se como território colonial português até 5 de Julho de 1975, data em que foi proclamado como país independente.

1.2.1- Ribeira Grande de Santiago como berço da cabo-verdianidade

A antiga Ribeira Grande situa-se no sul da maior ilha de Cabo Verde, Santiago, e foi fundada em 1462. Tem como aspeto favorável a proximidade ao continente africano. Situa-se a 12km da atual capital do país, Cidade da Praia. Ribeira Grande era uma das capitánias que em 1462 o rei de Portugal criou. Essa capitania foi doada a Bartolomeu de Noli, irmão do descobridor, com abundância de água, vegetação luxuriante, porto sofrível. Reunia, pois, condições para ser a cabeça temporal e espiritual das novas terras. Em 1466, chegaram os primeiros escravos vindos da Guiné. Assim se deu início à vila, que tão fagueira esperança proporcionava, situada como estava no meio de duas encostas da Ribeira Grande.³²

²⁹ LOPES, João Filho, *Iha de S. Nicolau - Cabo Verde formação de uma sociedade e mudança cultural*, p. 19-21.

³⁰ CARREIRA, A., *Cabo Verde: Classes sociais, estrutura familiar, migrações*, Ulmeiro, Lisboa, 1977, p.7 e 8.

³¹ FILHO, Wilson T., *Uma experiência singular de criouliização*, Série Antropológica, Brasília, 2003, p. 35.

³² BALENO, Ilídio Cabral, «Povoamento e formação da sociedade,» in: ALBUQUERQUE, Luís e Maria Emília Madeira Santos, *Historia Geral de Cabo Verde*, Vol. I, Centro de Estudos de Historia e Cartografia Antiga Instituto de Investigação Científica Tropical/ Direcção Geral do Património Cultural de Cabo Verde, Lisboa/ Praia, 1991, p. 136.

O povoamento das Ilhas de Santiago e Fogo crescia a olhos vistos, devido à importação de grandes contingentes de escravos vindos da Guiné, enquanto as ilhas do Maio e Boavista, ilhas de pastagem, eram povoadas por pastores. Em 1513, tinha a Ribeira Grande 162 habitantes, 58 brancos, 16 negros, 12 padres. Deste número são excluídos os escravos, certamente em grande número, pois o mesmo historiador afirma que em 1549 a população conjunta da Ribeira Grande e Praia Negra somava 15.708 habitantes. A Ribeira Grande serviu de base de tráfico de escravos e para aprovisionamento dos navios e o seu período áureo, durante o qual passaram pelo seu porto escravos de África para outras partes do Mundo, vai de meados do século XV até finais do século XVI, mantendo ainda alguma importância no início do século XVII, devido sobretudo ao tráfico negreiro. Ainda no século XV, foi porto de escala de Vasco da Gama, na sua viagem marítima para a Índia, e de Cristóvão Colombo na sua terceira viagem para as Américas.³³

A prosperidade material da Ribeira Grande ficou a dever-se a três fatores: o comércio de escravos, a exploração agrícola que possibilitava a criação de gado para consumo local e para a exportação e o cultivo da urzela, ao tempo, famoso corante vegetal. Nas primeiras décadas do século XVI aumentou consideravelmente o povoamento da ilha de Santiago: a Ribeira Grande tinha-se tornado na primeira vila dos trópicos, ponto de paragem para as armadas que demandavam terras de Vera Cruz e albergava já bom número de Cristãos.³⁴ A Cidade Velha era dirigida nos séculos XVI a XVIII por três tipos de elite, que poderiam evoluir conforme os ritmos da sociedade. A primeira elite no século XVI, urbana, nobre, cosmopolita, armadora, proprietária rural, parte da população que estava muito perto do reino, muitas vezes com familiares a trabalhar para a Coroa, o que contribuía para que certos assuntos fossem tratados

³³ *Ibidem*, p. 138-139.

³⁴ Cf. CERRONE, Frederico, *História da Igreja de Cabo Verde: 450 anos da Igreja em Cabo Verde*, S. Vicente, Gráfica do Mindelo, 1983, p.14-15.

diretamente com o Rei. Esta era a elite onde se concentrava o poder, a autoridade, a influência e que dominava a sociedade de Santiago e a costa da Guiné. Todos os conflitos por que a sociedade passava afetavam essas elites também. Nesse século, os cabo-verdianos ainda não existiam praticamente e o que predominava aqui eram os reinóis e os escravos; os homens livres pretos são pouco numerosos e os homens brancos pobres ou fazem parte da clientela dos armadores ou integram a população flutuante: artesãos, marinheiros e pequenos comerciantes que aportam à cidade da Ribeira Grande e aí residem pouco tempo.

A partir dos finais do século XVI, parte da elite de nobreza insular começa a extinguir-se e é substituída pelos «filhos da terra», apelido atribuído por Iva Cabral aos filhos mestiços entre brancos e negros, muitas vezes filhos ilegítimos da elite anterior. Uma sociedade intermédia que começa a tomar conta dos espaços sociais. Mas, ao contrário da primeira elite que possuía poder económico e tinha acesso direto ao Rei, os nativos cabo-verdianos comunicavam através da Câmara, os tratos comerciais eram feitos através de cartas de procuração, contratos comerciais ou letras de câmbio. A situação económica vem a piorar quando, depois da Restauração em 1640, o poder central mostra cada vez menos interesse pelas ilhas e mais interesse em desenvolver o Brasil. É assim que o arquipélago entra em abandono por parte do poder central, ficando somente a população pura cabo-verdiana, os chamados «brancos da terra», os que nasceram na terra – terceira elite. Esta população já não é urbana como as primeiras, os interesses económicos são à base de agricultura e pesca, encontram na filiação à Milícia a única forma de enobrecimento: são os ditos capitães e coronéis.³⁵

³⁵ CABRAL, Maria Iva, *As elites da Ribeira Grande* (séculos XVI -XVIII).

Cidade, a partir de 1533, quando da instituição do bispado de Cabo Verde, a Ribeira Grande foi, desde a sua fundação, a capital do arquipélago, seu centro socioeconómico, administrativo, militar e eclesiástico.

1.2.2- A origem da Diocese de Cabo Verde

Em primeiro lugar, convém frisar que o contexto do aparecimento da Cristandade em Cabo Verde é inerente ao processo de expansão europeia do séc. XV e, envolvidos nesse contexto, encontram-se os objetivos e as razões que motivaram a introdução da Cristandade nas ilhas. Na verdade, os missionários e os mercadores zelavam de igual modo e, ainda que com objetivos diferentes, penetraram nos continentes. É de realçar que o cuidado que se fez arder no espírito dos missionários tem como centro o facto espiritual que acendeu no seio da Igreja Católica um grande desejo de expansão, a qual, por conseguinte, se encontra relacionada com a própria política expansionista dos Papas, contemplando assim os objetivos das cruzadas.³⁶

Apesar dos obstáculos e instabilidades dos anos quatrocentos, um marco importante na implantação da instituição católica em Cabo-Verde consiste na criação da Diocese de Cabo Verde, pela bula *Pro Excellentia*, em 1533. Em 1527, o rei D. João III solicitou ao Papa Clemente VII que a Ribeira Grande fosse separada da diocese de Funchal, à qual até então estava ligada, a fim de se tornar numa diocese autónoma. De acordo com a permissão de 31 de Janeiro de 1533, Cabo Verde e Guiné-Bissau instituíram uma Diocese sedeada na Ribeira Grande que, em 1530, já tinha recebido a Carta de Vila e, em 1533, foi elevada à condição de cidade para poder acolher a capital da diocese.³⁷

³⁶ MAURO, Frédéric, *A Expansão Europeia*. Editorial Estampa, Lisboa, 1988, p. 117- 123.

³⁷ DOMINGUES, Ângela, «Administração e Instituições: Transplante, Adaptação, Funcionamento», in_ ALBUQUERQUE, Luís e Maria Emília Madeira Santos, *Historia Geral de Cabo Verde*, Vol. I, Centro de

«Os cristãos eram pontuais aos ensinamentos dos Atos dos Apóstolos, à união fraterna, ao repartir o pão e às orações. Viviam unidos e possuíam tudo em comum. Como se tivessem um só coração e uma só alma, frequentavam diariamente o templo. Partiam o pão em suas casas e tomavam o alimento com alegria e simplicidade de coração, louvando a Deus e tendo a simpatia de todo o povo. E o Senhor aumentava todos os dias o número dos que tinham entrado no caminho da salvação». (Act 2, 42-47). Sem dúvida, a primeira comunidade cristã cabo-verdiana inspirou-se na comunidade de Jerusalém: pregação e estudo da palavra de Deus, união fraterna, oração comum, partilha dos bens e comunhão de vida, alegria, simplicidade e louvor a Deus, com a simpatia dos outros irmãos. O historiador Padre António Brásio, na sua escrita sobre a evangelização do Arquipélago de Cabo Verde, afirma: «se o arquipélago nos apresenta tão vazio no aspeto, aliás fundamental, do povoamento humano, a sua evangelização sofreu inevitavelmente as consequências insuperáveis da precariedade do elemento étnico, dificuldades estas acrescidas ainda de outras de primordial e específica importância, a dispersão das Ilhas, privadas de meios normais, intensos e regulares de comunicação mútua, a carência crónica de missionários em número e qualidade, quer filhos da terra, quer vindos da metrópole. Esta crise pode dizer-se endémica, desde o descobrimento até hoje».³⁸

A responsabilidade evangelizadora das ilhas pertenceu, desde o descobrimento, à Ordem de Cristo. Todavia, é-nos lícito induzir que, à medida que as ilhas iam sendo povoadas, a assistência religiosa, embora quase sempre precária, não deixou de acompanhar o povoamento. As igrejas iam-se levantando lentamente, custosa e pobremente. Em 1508, estava já construída na Ribeira Grande a igreja do Espírito

Estudos de História e Cartografia Antiga Instituto de Investigação Científica Tropical/ Direção Geral do Património Cultural de Cabo Verde, Lisboa/ Praia, 1991, p. 122.

³⁸ BRÁSIO, António, *História e Missionologia*, Instituto de Investigação Científica de Angola, Luanda, 1973, p.29.

Santo. Em Julho de 1526 tratava-se da construção da capela-mor da igreja de Nossa Senhora, na Vila da Praia de Santa Maria.³⁹ Com a ereção da diocese de Santiago de Cabo Verde desenvolveu-se o cristianismo, embora no meio das dificuldades.

1.2.3- A relevância da evangelização na história de Cabo Verde

Na história do cristianismo e da sua continuidade ocidental representada pela Igreja Católica, os concílios ecuménicos marcam com especial intensidade as relações com as sociedades em que se inserem. Neles se definem novas fases, na sua organização, teologia e forma de olhar o mundo, com impacte na cultura dos povos. Os dados culturais de cada contexto epocal são pertinentes como fator e, ao mesmo tempo, como resultado da dinâmica conciliar. Desde os primeiros séculos, é nesse âmbito que se tem definido o património doutrinal da Igreja e se foi constituindo o seu magistério histórico. Por isso, os concílios costumam ter uma projeção que ultrapassa o âmbito da própria Igreja. A Igreja Católica encontrou em Cabo Verde uma sociedade cuja vida religiosa não tinha outros ministros ou manifestações públicas de culto. Das religiões que entraram no arquipélago, a católica era a única que tinha uma estrutura e obreiros reconhecidos.⁴⁰

«A responsabilidade evangelizadora das ilhas pertenceu, desde o descobrimento, à Ordem de Cristo. Em 7 de Junho de 1454, doava D. Afonso V à Ordem toda a espiritual administração e jurisdição, do mesmo modo que esta a tinha em Tomar, cabeça da mesma Cavalaria, sobre todas as praias, costas, terras e ilhas, conquistadas ou a conquistar no futuro, com a expressa obrigação de mandar prover aqueles povos que conquistados forem, de pregadores e reitores que lhes ministrem os eclesiásticos

³⁹ BRÁSIO, António, «Descobrimto, Povoamento, Evangelização do Arquipélago de Cabo Verde», *Stvdia* 10 (1962) p.90-92.

⁴⁰ SEMEDO, Adilson F. C., *Religião e Cultura: A Influência da Religião Católica na Reprodução da Dominação Masculina em Cabo Verde*, Centro de Estudos Africanos da Universidade do Porto, 2009, p. 72.

Sacramentos.».⁴¹A evangelização começou com o povoamento em 1462 e passou por vários momentos: florescimentos, decadências e ressurgimentos. Em 1462 há menção de um vigário e coadjutor na Vila da Ribeira Grande (Ilha de Santiago); a Igreja matriz foi dedicada a Nossa Senhora da Conceição, havendo, em 1503, referência, nesta vila, à Igreja do Espírito Santo. Em 1466 chegaram à Ribeira Grande dois missionários franciscanos portugueses. Em 1532, foi criada, no arquipélago, uma diocese, cujo território, para além das ilhas, compreendia a costa ocidental de África, desde o rio Gâmbia até ao Cabo das Palmas, estando incluída, portanto, a Guiné portuguesa.⁴² Com a Criação da diocese, Ribeira Grande passou a cidade, tendo-se iniciado, dois anos mais tarde, a construção da catedral.

O primeiro Bispo de Cabo Verde foi D. Brás Neto⁴³, que tomou posse em Lisboa e por lá ficou. Um dos seus sucessores, D. Frei Francisco da Cruz⁴⁴ (1547-1571), foi o grande e zeloso apóstolo, concretamente, na ação educativa da Igreja, que não se orientava só para a formação dos cleros mas lecionava os ignorantes na sua própria residência e chegou a ter como alunos o filho de um rei do Sape (Serra Leoa) e os dois primeiros escritores cabo-verdianos, André Alves Almada e André Donelha, no domínio da catequese e na preocupação de fundar um seminário, intento que não

⁴¹ BRÁSIO, António, «Descobrimto, Povoamento, Evangelização do Arquipélago de Cabo Verde», *Stvdia* 10 (1962) p. 20.

⁴² OLIVEIRA, Miguel e Lopes da Cruz, *Anuário católico de Portugal*, União Gráfica, Lisboa, 1933, p. 304.

⁴³ D. Brás Neto – «Foi reitor da Igreja Paroquial de S. Cosme, na diocese de Braga e embaixador régio, doutor em direito civil e direito canónico, foi confirmado por breve de Clemente VII, 31 de Janeiro de 1533. Apesar de El-Rei mandar às autoridades judiciais e administrativas, em 1534, que assistissem a pessoa enviada para tomar posse do Bispado em nome de D. Braz Neto, este não seguiu para a sua diocese. Em 1537 era enviado como embaixador à França. Faleceu a 9 de Fevereiro de 1538». - Ver VACHETTO, Bernardo P., *Ilhas de Cabo Verde: Origem do povo cabo-verdiano e da diocese de Santiago de Cabo Verde*, Edição Farol, Boston, 1987, p. 246.

⁴⁴ D. Frei Francisco da Cruz – «Natural de Vila Viçosa, professor em 2 de Julho de 1528 na Ordem dos Cônegos Regrantes de S. Agostinho. Fora confirmado coadjutor do Bispo de Coimbra em 3 de Julho de 1545, com o título de Bispo de Opia. Confirmado Bispo de Santiago de Cabo Verde, a 18 de Agosto de 1553. Foi muito notável o seu governo. De vida exemplar, construiu a Igreja, Casa da Misericórdia, o Paço Episcopal, e começou o edifício da Sé na ilha de Santiago. Morreu a 19 de Janeiro de 1571 e foi sepultado na Igreja da Misericórdia, junto ao altar de S. Francisco, na ilha de Santiago.» -Ver VACHETTO, Bernardo P., p. 247.

conseguiu realizar. Tendo-se destacado pela sua vida exemplar e pelas obras levadas a cabo, o seu governo foi notável até 1571, data da sua morte. Desenvolveu várias ações, nomeadamente, construção de igrejas, espaços e edifícios eclesiásticos, ao mesmo tempo que dotou o corpo de oficiais eclesiásticos.⁴⁵ A missionação de Cabo Verde, cujos princípios pareciam prometedores, decaiu, nesta altura, devido a um conjunto de circunstâncias. Nesta fase de missionação dos Bispados em Cabo Verde, houve períodos de vazio, de impasse e até de conflito na administração da Diocese. O clero foi sempre escasso e, quando em 1596 o Estado concedeu um subsídio à Ordem Religiosa para que se lançasse na criação de um seminário capaz de atender às necessidades eclesiásticas da diocese, nenhuma se ofereceu, sintoma de que todos pareciam fugir de Cabo Verde e da parte do continente integrada na diocese. Mais tarde, porém, em 1604, partiu para as ilhas uma missão jesuíta composta por 3 sacerdotes e 1 irmão.

No século XVII, a par dos avanços alcançados relativamente ao procedimento dos bispos, revelando sinais evidentes de melhorias e a consequente normalização do seu modo de atuação, surge, simultaneamente no centro de atenção/preocupação das autoridades civis e eclesiásticas locais e do Reino, a questão da presença dos cristãos novos na Guiné.⁴⁶ Esta problemática que atravessara todo o século XVI, volta a impor-se também no século XVII, pelo que justificava a intensificação da cooperação entre os diferentes poderes, de modo a impedir o avolumar da desordem e impor o respeito. Não eram apenas as questões religiosas que preocupavam as autoridades. Avultavam outras, sobretudo a questão económica e política. Num tempo em que a atividade comercial naquela costa africana era a grande fonte de receita das ilhas, a dificuldade das autoridades locais em controlar as ações ilícitas prejudicaram e comprometeram a

⁴⁵ CERRONE, Frederico, *História da Igreja de Cabo Verde: 450 anos da Igreja em Cabo Verde*, S. Vicente, Gráfica do Mindelo, 1983, p. 22.

⁴⁶ SANTOS, Matilde M., *Os bispos e o Tribunal do Santo Ofício no arquipélago de Cabo Verde (1538-1646)*, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Coimbra, 2010, p. 48.

arrecadação de rendimentos, o que, por sua vez, provocara grandes danos na sociedade.⁴⁷

O fanatismo religioso, que imperava no tempo da escravatura, e o espírito de Cruzada que animou a ação colonizadora impunham, como essencial e objeto primordial, a salvação das almas pelo Batismo e catequização dos habitantes, para que todos vivessem como bons cristãos. Em cada granja de certa importância havia nesse tempo uma capela, onde os escravos eram levados aos domingos a ouvir missa. Muitas dessas capelas existem ainda hoje em ruínas.⁴⁸

1.3- A evangelização no séc. XVI e XVII no contexto da reforma tridentina

No século XVI, a situação do clero caracterizava-se por uma profunda decadência. A instrução dos fiéis na doutrina cristã foi matéria que desde cedo preocupou as autoridades eclesiásticas. Os objetivos da catequização das massas não diferiam dos de outros mecanismos utilizados pela Igreja com o propósito do disciplinamento social, de que são exemplo as visitas pastorais.

O magistério pretendia combater as heterodoxias e enraizar nos jovens e nos rústicos o modelo de conduta do bom cristão. No entanto, o *modus operandi* era naturalmente distinto. Se os tribunais da Inquisição e episcopais constituíram a face punitiva e coercitiva do empreendimento, o ensino doutrinal constituiu a via pedagógica, tendo-se revelado, porventura, o meio mais eficaz. Cânticos, cartas pastorais, catecismos, histórias edificantes, iconografia religiosa, livros de devoção, sermões e teatro constituíram alguns dos instrumentos utilizados pelos agentes

⁴⁷ SANTOS, Maria Emília Madeira e SOARES, Maria João – «Igreja, Missionação e Sociedade», in: SANTOS, Maria Emília Madeira, Coord. *História geral de cabo verde*, Vol. II, Ed. Centro de Estudos de História e Cartografia Antiga Instituto de Investigação Científica Tropical/ Instituto Nacional de Investigação Cultural Cabo Verde, Lisboa/ Praia: 2001. p. 402.

⁴⁸ ROCHA, Hugo, *Cabo Verde: A segunda republica*, Instituto humanismo e desenvolvimento, Lisboa, 1992, p. 33.

eclesiásticos para disseminar a mensagem evangélica e fincar padrões comportamentais entre os *rudimenta fidei*.⁴⁹

O Concílio de Trento reafirmou a importância do magistério, tendo procurado regulamentar a prática. Na sessão V, capítulo I, foi deliberado que o ensino da Sagrada Escritura tivesse lugar nas cátedras das catedrais e nas principais colegiadas, enquanto nas igrejas de menores rendimentos a instrução ficaria a cargo de um mestre de gramática, aprovado pelo prelado.⁵⁰ Na mesma sessão, capítulo II, foi decretado que os curas de almas apascentem com palavras saudáveis os povos aos domingos e dias festivos, empregando para tal vocábulos breves e claros, por motivos facilmente inteligíveis. Tratava-se de uma instrução básica que visava sobretudo identificar os vícios a evitar e as virtudes a seguir.⁵¹ Na sessão XXII, capítulo 8, a temática foi de novo abordada. Desta feita foi estatuído que os párocos, durante a Eucaristia, explicassem frequentemente «alguma daquelas causas que se lêem na Missa; e entre o mais declarem algum mistério deste santíssimo Sacrifício, principalmente nos Domingos, e Festas»⁵².

Por fim, na sessão XXIV, capítulo 7, foi assentado que os párocos instruissem os paroquianos antes da administração dos sacramentos. Após o Concílio de Trento, o clero desempenhou uma ação mais atuante e efetiva relativamente ao controlo do comportamento dos fiéis, assunto naturalmente ligado ao discurso de natureza política. Bispos, confessores, curas de almas, inquisidores, padres missionários e pregadores constituíram agentes fulcrais na execução das diretrizes tridentinas. Não obstante, coube aos antístites e aos inquisidores o papel principal neste processo, tendo contribuindo

⁴⁹ PALOMO, Frederico, *A Contra-Reforma em Portugal 1540-1700*, Lisboa, Livros Horizonte, 2006, p. 57-68.

⁵⁰ *O Sacrosanto, e Ecumenico Concilio de Trento em Latim e em Português*, tomos I, Lisboa, Oficina Patriarcal, 1781, p. 77-81

⁵¹ *O Sacrosanto, e Ecumenico* [...], tomo I, Lisboa, Oficina Patriarcal, 1781, p. 85-87.

⁵² *O Sacrosanto, e Ecumenico* [...], tomo II, Lisboa, Oficina Patriarcal, 1781, p. 101-103.

decisivamente para a integridade religiosa de Portugal, para o reforço da autoridade da Coroa e para a educação das condutas quer dos eclesiásticos quer dos leigos.⁵³

A assistência religiosa no arquipélago de Cabo Verde, embora com deficiências e clero insuficiente, estava minimamente garantida nas ilhas de Santiago e Fogo. «A igreja no arquipélago de Cabo Verde tem, por detrás, um complexo ordenamento jurídico-institucional que a enquadra e condiciona na sua ação. Devido a um conjunto circunstancial, essa organização normativa, que se transforma em suporte e garante ideológico da expansão, coloca o rei no fulcro da atividade missionária e evangelizadora, através do expediente da Ordem de Cristo. A partir dos meados do séc. XVI, as questões eclesiásticas dos espaços ultramarinos irão correr pelos diversos organismos da corte como se de um assunto de Estado se tratasse. Esta centralização é reforçada pela invocação recorrente nos projetos de expansão marítima da dilatação da Fé, discurso assumido como um vetor político-ideológico oficial, que se confunde com a própria ocupação e organização dos espaços e sempre invocado nas cartas como principal eixo de motivação da Coroa».⁵⁴

Como se pode ver, a Igreja esteve presente desde o nascimento de Cabo Verde, ou seja, acompanhou a descoberta e o progressivo povoamento das ilhas e todo o evoluir histórico por que passaram. Citando o Padre António Brásio, «à medida que as ilhas iam sendo povoadas, a assistência religiosa, embora quase sempre precária, não deixou de acompanhar o povoamento. As igrejas iam-se levantando lentamente, custosa e pobremente. A vida da Igreja em Cabo Verde foi quase, desde sempre, tormentosa nos quatro séculos do seu já longo viver. Estes padecimentos agravaram-se, particularmente,

⁵³ O *Sacrosanto, e Ecumenico* [...], tomo II, Lisboa, Oficina Patriarcal, 1781, p. 283-285.

⁵⁴ SANTOS, Maria Emília Madeira e SOARES, Maria João, «Igreja, Missionação e Sociedade», in: SANTOS, Maria Emília Madeira, Coord. *História geral de cabo verde*, Vol. II, p. 361.

em meado do século XVII, por circunstâncias várias, entre as quais não se deve esquecer a ausência de Bispo durante 26 anos, e a retirada dos Jesuítas».⁵⁵

A partir do século XVII a população cristianizada começou a aumentar, principalmente em S. Nicolau e S. Antão, e passou a exigir que houvesse freguesias nas principais ilhas; aquelas que eram menos povoadas começaram a ter assistência religiosa por padres visitantes porque a divisão eclesiástica era feita com base no número de habitantes que havia nas respetivas ilhas. Em 1605, o governador da diocese lamentava a falta de clérigos para as paróquias e capelanias, vendo-se os cónegos da Sé obrigados a acudir aos trabalhos paroquiais, mas poucos anos depois, em 1613, os principais ofícios eclesiásticos pareciam suficientemente preenchidos.⁵⁶ O começo da evangelização foi animador mas, um ano volvido, restava dessa missão apenas o irmão coadjutor, tendo falecido dois dos sacerdotes e o terceiro encontrando-se na Serra Leoa. Na difusão do cristianismo em Cabo-Verde, não devemos minimizar a ação dos jesuítas. Estes iniciaram a sua missão em Cabo-Verde em 1604 e permaneceram até 1642.

Os missionários desencadearam a sua ação no campo religioso através da catequese das crianças e dos escravos, passando pela confissão dos pecados. Ainda no campo social, prestavam especial atenção ao consolo dos moradores, lutavam contra a escravatura, conseguindo suprimir o trabalho dos escravos nos dias de Santos, Sábados e Domingos.⁵⁷ Nos séculos XVI e XVII, trabalharam no arquipélago, sobretudo em Santiago, os Padres Jesuítas e os Padres Capuchos da Província da Soledade. Apesar das dificuldades levantadas pelo clima, em 1607 mais 3 jesuítas partiram para o arquipélago e, no mesmo ano, outros 4 sacerdotes e 2 irmãos coadjutores da Companhia de Jesus. A missão jesuíta manteve-se em Cabo Verde até 1642, ano em que abandonou este campo

⁵⁵ ROCHA, Hugo, *Cabo Verde: A segunda republica*, p. 35.

⁵⁶ FILHO, João Lopes, *contribuição para o estudo da Cultura cabo-verdiana*, Biblioteca Ulmeiro nº 15, Lisboa, 1983, p. 255.

⁵⁷ GONÇALVES, Nuno S., *Os Jesuítas e a missão de Cabo Verde (1604-1642)*, Faculdade de História eclesiástica, Roma, 1995, p. 39.

de apostolado. A missão dos jesuítas foi continuada, a partir de 1656, pelos capuchinhos: neste ano partiram 8 para a ilha de Santiago, tendo logo iniciado a construção dum convento na Ribeira Grande. Tornou-se conhecido o colégio dos Jesuítas na Ribeira Grande, fator de ressurgimento espiritual e de promoção humana. Seis anos depois, chegou novo grupo de 12 capuchinhos e mais 10 em 1674. Fala-se também de alguns padres agostinianos, que evangelizaram em Santiago e Fogo⁵⁸. A reconstrução missionária da diocese foi-se fazendo, mas sempre dentro de inúmeras dificuldades, tanto assim que, de 1646 a 1672, Cabo Verde esteve sem bispo nomeado. No arquipélago, quase somente a ilha de Santiago era campo de evangelização, estando as outras ilhas praticamente abandonadas. Na ausência dos Bispos, o ministério pastoral era ocupado pelos cleros nomeados. Todos estes constrangimentos confirmam que a implantação e difusão da Igreja em Cabo Verde não ter sido tão fácil como normalmente se deixa entender. Com a criação da nova diocese, a sociedade caboverdiana vê agora ganhar peso, no conjunto das relações sociais, o corpo dos clérigos e dignidades, cuja criação era inerente à diocese. O clero, mais coeso e diferenciado, surge como corpo social, dotado de amplas prerrogativas e privilégios, e vai construir no meio autóctone um novo interlocutor, ora amistoso, ora conflitual, mas sempre uma presença bem marcada.

Finalmente, o próprio grupo do oficialato régio (civil, judicial, financeiro e fiscal) ganha um novo e apreciável parceiro, que vem dotado, não só do seu ministério espiritual específico, mas também com jurisdição e foro próprios, que lhe garantem uma abrangência social e uma cobertura do espaço insular que, provavelmente, irá cavar mais fundo do que as próprias estruturas civis. À medida que as ilhas iam sendo

⁵⁸ Cf. CERRONE, Frederico, *História da Igreja de Cabo Verde: 450 anos da Igreja em Cabo Verde*, p. 24.

povoadas, a assistência religiosa, embora quase sempre precária, não deixou de acompanhar o povoamento e as Igrejas iam-se levantando lenta, custosa e pobremente.

A evangelização não foi fácil no arquipélago de Cabo Verde e o próprio funcionamento da Diocese sempre encontrou várias dificuldades.⁵⁹ O Concílio de Trento despertou na Igreja a necessidade de se mobilizar para os novos desafios da evangelização universal suscitados pelas viagens marítimas promovidas pelos reinos ibéricos de Portugal e Espanha. O descobrimento de novos espaços, povos e culturas ia oferecendo à Igreja um campo de anúncio da mensagem de Cristo nunca antes visto. O horizonte de expansão referido nos evangelhos como devendo chegar aos confins da terra ia ganhando novas semânticas, de traçado cada vez mais evidente e incontornável e provocando inusitadas movimentações. Em Cabo Verde e na Europa toda, a Igreja precisava urgentemente de responder ao desafio do protestantismo e às suas críticas com uma urgente renovação; precisava de regressar às fontes da fé e fomentar uma vida cristã profunda e coerente, mais consentânea com os ditames do Evangelho, revendo e reafirmando doutrinas fundamentais.

Neste sentido, o concílio promoveu uma formação mais sólida do clero através de seminários diocesanos e de currículos mais exigentes e profundos, reviu, reforçou e refundou a missão dos bispos na Igreja à frente das Igrejas locais, as Dioceses. Estabeleceu orientações para dignificar a missão episcopal na Igreja, combatendo o absentismo e entendendo a função dos bispos menos como lugar de promoção e prestígio social ou cargo honorífico e mais como exercício de um ministério comprometido, com obrigação de residência nas suas dioceses, visitas pastorais às paróquias e acompanhamento da ação dos padres e da formação do clero.⁶⁰

⁵⁹ SEMEDO, Adilson F. C., *Religião e Cultura, A Influência da Religião Católica na Reprodução da Dominação Masculina em Cabo Verde*, p. 57.

⁶⁰ CONGRESSO INTERNACIONAL, *Concílio Trento: 450 anos de História*, Instituto de História e Arte Cristãs Braga, 2013.

1.3.1- Uma passagem ao século XVIII

O século XVIII foi muito marcado pela presença das irmandades, que tinham a proteção da Coroa portuguesa. Pelo ofício datado de 26 de Julho de 1700, que os oficiais da Câmara da Ribeira Grande dirigiram à Coroa portuguesa, sabe-se que os irmãos da Sé catedral custearam a ornamentação dos altares para o culto divino. Os irmãos da referida irmandade gozavam da proteção de Sua Majestade, o que levou o reverendíssimo bispo a proibir na Sé da Misericórdia qualquer celebração do culto divino. As irmandades também tinham um papel importantíssimo na organização das festas religiosas, as quais congregavam devotos das diversas freguesias do interior da Ilha de Santiago. Sabe-se pelo ofício de 20 de Abril de 1756 que o Sábado de Ramos congregava a maior parte do povo da ilha que se deslocava para a Ribeira Grande, a fim de assistir aos Divinos Ofícios.⁶¹

Por outro lado, pode-se constatar que o século XVIII foi um tempo de desorganização civil e, nalguns casos, os bispos deviam mesmo substituir a ineficiente autoridade civil. A vila da Praia começou a ganhar importância e, em 1770, a Praia tornou-se definitivamente capital de Cabo Verde. O século XVIII, apesar das ações dos capuchinhos, foi de grande crise. As Igrejas de quase todas as ilhas estavam abandonadas, nem sequer se conservando o Santíssimo Sacramento.⁶² A presença dos escravos merecia particular atenção e a atitude da Igreja para com eles era de carinho e compreensão. O tráfico humano, após uma primeira fase, particularmente intensa e brutal, diminuiu consideravelmente no século XVIII, permitindo melhor atenção por parte da Igreja. Em Santiago, era feita a seleção dos escravos chegados da Guiné: uns

⁶¹ PERREIRA, Eduardo A. C., *Política e Cultura: As revoltas dos Engenhos (1822), de Achada Falcão (1841) e de Ribeirão Manuel (1910)*, Imprensa Nacional de Cabo Verde, Praia, 2015, p. 58-59.

⁶² ROCHA, Hugo, *Cabo Verde: A segunda republica*, p. 35.

desembarcavam e eram distribuídos pelas Ilhas, outros eram mercadorias em trânsito, a caminho das Américas. A Igreja preocupava-se com o Batismo deles.

Na mentalidade desse tempo, a preparação era quase escusada: para escravos em trânsito, o Batismo era administrado em grandes grupos, ou a bordo ou em terra, perante a impaciência do comandante que não tolerava longas demoras; com os escravos destinados às ilhas, o modo de atuar era diferente – deviam ter uma catequização de seis meses, embora este modo de fazer contrariasse a vontade da burguesia e do próprio rei. Existiu em projeto, a ideia de se construir, na Ribeira Grande, uma casa destinada à catequização dos escravos. Para o adulto de mais de doze anos, o Batismo era livre, sendo que após a catequização o escravo era livre de ser batizado ou não. A proteção dispensada pela Igreja aos escravos começava a dar os seus frutos. Conforme diz o Padre Baltazar Barreira, «a ação evangelizadora não termina com o Batismo. Nas fazendas, junto da criadagem, ministrava-se a doutrina cristã. A língua não constituía obstáculo à evangelização.

De facto, noventa anos após a descoberta, já o crioulo existia como veículo de comunicação entre brancos e pretos».⁶³ A Igreja, também ela nas suas misérias, nos seus pecados, nas suas fragilidades, esteve sempre presente em todos os pontos do caminhar na evangelização dos povos, procurando o bem das almas e a paz interior de cada filho de Deus, na sua persistência em comunicar a mensagem evangélica, na perseverança votada à formação de um clero local, digno e promissor, quantas vezes fraco nas suas quedas, mas nunca negando a Fé. O Padre António Vieira, na sua passagem por Cabo Verde, em 1652, confirma que a conversão não foi tão fácil e rápida. «É o caso que nesta ilha de Santiago, cabeça de Cabo Verde, há mais de sessenta mil almas, e nas ilhas todas elas estão em extrema necessidade espiritual. Não há

⁶³ CERRONE, Frederico, *História da Igreja de Cabo Verde: 450 anos da Igreja em Cabo Verde*, p. 30.

religiosos de nenhuma religião que as cultivem, e os Párocos são muito pouco zelosos». ⁶⁴

As últimas décadas do século XVIII marcaram a decadência na vida material e espiritual de Cabo Verde. As febres mortíferas que assolavam Ribeira Grande, ceifando vidas de muitos bispos e governadores, que morriam da doença da «terra», não eram muitos favoráveis àqueles que estavam no terreno a fazer a evangelização apostólica. O atraso escandaloso no pagamento de subvenções afastava a hipótese de aumentar o contingente missionário ⁶⁵. A Igreja em Cabo Verde ficou numa situação muito má, até ao ponto de ser decretada uma lei em 1781 que obrigava, sob pena de sanções, os sacerdotes a irem para Cabo Verde. ⁶⁶ Será a partir da criação da diocese que a estrutura eclesiástica se torna mais complexa, principalmente com o acréscimo de novos ofícios e dignidades. «Respondiam agora no topo da estrutura eclesiástica as dignidades de deão e pregador, tesoureiro, chantre e mestre-escola que, em conjunto com os previstos 12 cónegos, formavam o cabido da Sé. Acrescido de um provisor e vigário geral da diocese, pertencia ao cabido auxiliar o bispo nas suas tarefas litúrgicas e administrativas mais candentes da diocese, mas também e principalmente, quando a Sé estava vaga, substituir o bispo no seu ministério episcopal, através de uma dignidade escolhida e votada para o efeito.

Decorre daqui que o cabido vai tender a assumir na diocese cabo-verdiana um peso preponderante, sobretudo a partir da primeira metade do século XVIII, quando as

⁶⁴ VASCHETTO, P. Bernardo, *Ilhas de Cabo Verde: origem do povo cabo-verdiano e da diocese de santiago*, Farol Bóston 1987, p. 248.

⁶⁵ CERRONE, Frederico, *História da Igreja de Cabo Verde: 450 anos da Igreja em Cabo Verde*, p. 30-31.

⁶⁶ *Ibidem*, p. 32.

vagâncias da Sé se tornam mais frequentes e prolongadas, erigindo-se no interlocutor eclesiástico mais importante, quer a nível local, quer relativamente ao reino». ⁶⁷

1.3.2- Algumas relevâncias do primeiro crescimento desta Igreja particular

A disciplina social levado a cabo por inquisidores e por prelados, com evidentes aproveitamentos por parte do poder régio, acabou por impor aos fiéis os modelos comportamentais preconizados por Trento. As duas instâncias patentearam formas de proceder distintas e agiram sobre grupos diferentes: a Inquisição, sobremaneira direcionada para o problema dos cristãos-novos judaizantes, procurou impor o medo por intermédio do segredo inquisitorial, da utilização do tormento e da severidade das penas, enquanto os prelados, vigiando e punindo os desvios de cristãos velhos, na maioria dos casos optaram por substituir o rigor e o castigo pela brandura e temperança. Conforme sublinha a obra de Lucas de Andrade *Inquisição e episcopado*, em parte devido à colaboração evidenciada, contribuíram decisivamente para a submissão à autoridade dos crentes, quer em relação à Igreja quer relativamente à Coroa, e para aquilo que foi e é o fenómeno da religiosidade em Portugal, sobretudo marcado pela exteriorização dos rituais. ⁶⁸

A origem da Igreja em Cabo Verde aparece intrinsecamente ligada aos portugueses e ao espírito missionário sustentado pela Coroa e pelo incremento comercial atlântico, nomeadamente como ponto de passagem para as Américas, em particular para o Brasil. A Igreja Católica foi o elemento religioso preponderante no arquipélago, desde a descoberta ao seu povoamento, instituição cuja história por muito

⁶⁷ SANTOS, Maria Emília e Maria João Soares, «Igreja Missionação e Sociedade», in *História Geral de Cabo Verde*. Vol I. p. 414.

⁶⁸ OLIVEIRA, Ricardo, *Sob os Auspícios do Concílio de Trento: Pombal entre a Prevaricação e o Disciplinamento (1564-1822)*, Tese orientada pela Professora Doutora Isabel Braga, especialmente elaborada para a obtenção do grau de doutor em História Moderna, Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras, Departamento de História, 2013, p. 375.

tempo se confundiu com a história do Ocidente. Deixou marcas no tempo e foi marcada pelo tempo, numa conjugação de fatores muito humanos, psicológicos, morais, sociológicos, intelectuais e espirituais, cuja consequência foi a civilização do ocidente a partir de uma mentalidade, património cultural e artístico e valores comuns. A presença desta instituição neste espaço insular reforça o poder político-administrativo, abrindo à população novas vias de comunicação com as autoridades políticas e eclesiásticas e mesmo com Roma. Assim, uma nova Diocese corresponde necessariamente a uma nova Sé e outros conjuntos de edifícios que transfiguram o fâcies da cidade.⁶⁹

A fundação da Diocese de Cabo Verde, em 1533, conforme já foi mencionado, corresponde a um ponto essencial do crescimento em termos gerais da Igreja em Cabo Verde e é traduzido num impulso significativo. Por conseguinte, à criação desta instituição impunha-se a nomeação dos Bispos para pastorear a Igreja. De salientar que aos Bispos estavam reservados várias competências, nomeadamente, administrar exclusivamente os sacramentos como a ordenação, crisma, consagração de igrejas ou altares, bênção de certos objetos de culto. Do mesmo modo estava-lhes reservada a jurisdição espiritual. A religião professada pela maioria da população cabo-verdiana é a católica, porque desde o início da ocupação portuguesa os missionários ali pregaram.⁷⁰ Em 12 de Janeiro de 1570, foi decretada pelo Bispo D. Frei Francisco a fundação do Seminário diocesano, que teve início em Abril de 1783.

A fundação do Seminário diocesano deveu-se à necessidade de aumentar o número dos Padres nas ilhas e também constituiu uma forma de expansão e propagação da religião católica em Cabo Verde. No mesmo ano foi principiada a residência episcopal na Ribeira Prata, ilha de Santiago. Num despacho da «mesa da consciência», no dia 20 de Março de 1572, há indicação de um ordenado para os vigários e capelães

⁶⁹ SANTOS, Maria Emília e Maria João Soares, «Igreja Missionação e Sociedade», in: *História Geral de Cabo Verde*. Vol. I, p. 374.

⁷⁰ CABO VERDE, *pequena monografia*, Agência - geral do ultramar, Lisboa, 1966, p. 36.

da diocese de Cabo Verde. A caridade para com as famílias, da parte da Igreja, era um princípio muito cultivado na antiguidade, por causa da pobreza extrema que havia.⁷¹ Deste modo, passa-se a saber os números das famílias que viviam em Cabo Verde no ano 1572, precisamente na Ilha de Santiago e Fogo. Na Ilha de Santiago: Nossa Senhora da Graça na Vila da Praia, 30 famílias e 477 pessoas; Santo Amaro do Tarrafal, 40 famílias e 400 pessoas; S. Nicolau Tolentino da Ribeira de S. Domingos, 143 famílias; Santa Cruz, 225 famílias; São João da Ribeira de Santo António, 80 famílias e 795 pessoas; São Jorge dos Órgãos, 100 famílias; Nossa Senhora da Luz dos Alcatrazes, 30 famílias e 207 pessoas; Santa Catarina do Mato, 370 famílias; S. Miguel da Ribeira dos Flamengos, 50 famílias e 360 pessoas. Na Ilha do Fogo: S. Filipe, 150 famílias, São Lourenço do Pico, 90 famílias.⁷²

Na base da estrutura eclesiástica insular, encontrámos o pároco de cada uma das freguesias em que as ilhas de Santiago e Fogo estavam divididas, bem como outros ofícios paroquiais. A Sé, na sua qualidade de primeira igreja da diocese, possuía uma engrenagem de funcionamento bem mais complexa do que as restantes paróquias, pois, para além do cabido, incluía um cura e coadjutor, sacristão, 4 capelães, sub tesoureiro, 4 moços do coro, um porteiro de maça, um pregador, um organista, um mestre de capela, um escrivão e um recebedor da fábrica. Trata-se aqui de um corpo eclesiástico decalcado das catedrais do Reino, à medida de uma diocese que se desejava especialmente opulenta. A fundação da Diocese em Cabo-Verde contribuiu muito para a difusão e o desenvolvimento da religião neste espaço insular. Apesar das características

⁷¹ DOMINGUES, Ângela, «Administração e Instituições: Transplante, Adaptação, Funcionamento», in: ALBUQUERQUE, Luís e Maria Emília Madeira Santos, *Historia Geral de Cabo Verde*, Vol. I, p. 123.

⁷² BRÁSIO, António, «Descobrimento, Povoamento, Evangelização do Arquipélago de Cabo Verde», *Stvdia* 10 (1962) p. 94-95.

intrínsecas deste arquipélago, o objetivo das Dioceses implantadas no ultramar visava não só pastorear os cristãos, mas também converter os infiéis e os pagãos.⁷³

O aspeto da doutrina católica mais difícil de transmitir ao catecúmeno africano não era tanto a visão do homem como conjunto de corpo e alma numa só natureza, a existência de um outro mundo de vida eterna ou a figura de Cristo como aquele que vem revelar a vontade do Pai, trazendo aos homens a salvação através dos sacramentos da Igreja. Tratava-se antes de inculcar a noção de pecado que não encontra correspondência nas religiões africanas. É por isso que, quando se referem ao número de escravos convertidos, os padres escrevem expressamente escravos de confissão. Era através da pregação que a Igreja se aproximava dos adultos, quer cristãos-velhos, quer de recente e superficial conversão como era o caso da maioria dos escravos, dos alforriados, dos negros livres e daqueles que, tendo perdido o contacto com as práticas litúrgicas, precisavam de ser reintegrados no redil. Aos pregadores competia a importante missão de fazer chegar aos fiéis, esclarecidos ou não, a palavra do Evangelho, a doutrina da Igreja e os preceitos da moral cristã, através de um discurso acessível, emocional e empolgante.⁷⁴

1.4- Ribeira Grande no centro das origens da Igreja em Cabo Verde

O povoamento e a evangelização das Ilhas de Cabo Verde iniciaram-se simultaneamente. Na verdade, ao longo de 1462, fundou-se a sua primeira paróquia na Ribeira Grande, provida com vigários e coadjutores, para doutrinar os negros idos da Guiné e, ao mesmo tempo, prestar socorros espirituais ao elemento colonizador levado da Metrópole. Muito cedo, isto é, em 1508 encontrava-se construída a Igreja de Espírito

⁷³ SANTOS, Maria Emília e Maria João Soares, «Igreja Missionação e Sociedade», in: *História Geral de Cabo Verde*. Vol. I, p. 416.

⁷⁴ SANTOS, Maria Emília Madeira e SOARES, Maria João – «Igreja, Missionação e Sociedade», in SANTOS Maria Emília Madeira, Coord. *História geral de cabo verde*, Vol. II, p. 491.

Santo, na Ribeira Grande e, posteriormente, edificou-se a Igreja de S. Felipe. Em 1526, edificou-se a capela-mor da Igreja de Nossa Senhora da vila de S. Maria. Pela importância das ilhas de Santiago, particularmente Ribeira Grande, e Fogo, nos primeiros séculos de povoamento, compreende-se que a construção das Igrejas nestes espaços foi uma realidade que rapidamente se espalhou pelo interior da ilha, acompanhando o processo de povoamento.

A partir da Idade Média, e entre a cristandade, a importância de um determinado sítio era medido pelo número de edifícios religiosos nele existente. Na antiga cidade da Ribeira Grande, havia nada mais, nada menos do que 24 Igrejas, Capelas e Ermidas. Vestígios delas, porém, praticamente não ficaram, salvos os casos da Igreja de Nossa Senhora do Rosário, o convento de S. Francisco, as ruínas da Sé e a Igreja de S. Nicolau. A Ribeira Grande tornou-se o centro administrativo e religioso dos territórios da África Ocidental incorporados por Portugal em 1533, quando adquiriu o estatuto de cidade, com a implementação da diocese de Santiago e a construção de uma catedral que transformou a Ribeira Grande na primeira cidade católica dos trópicos.⁷⁵ Os séculos XV, XVI, XVII e XVIII representaram para a Ribeira Grande os momentos cruciais no desenvolvimento da estrutura urbana. Ribeira Grande despontava assim como o centro eclesiástico mais organizado e estável, uma vez que comportava vários locais de culto e confrarias, além de estar em construção uma catedral, que todavia avançava lentamente, e possuía uma casa de misericórdia. Apesar do pouco tempo de existência, foi de suma importância para a Coroa portuguesa e para a formação da cultura cabo-verdiana.⁷⁶

«Situada entre montes e rochedos tão altos que não tem outra vista senão a do mar, a capital das ilhas de Cabo Verde era dividida por uma ribeira chamada Maria

⁷⁵ CABO VERDE, *Caixa Geral do Depósito: Dez Ilhas, um país, cinco continentes*, SGE - Mediateca, Lisboa, 2007, p. 35.

⁷⁶ ARGAN, Giulio Carlo, *História da Arte como História da Cidade*, São Paulo: Martins Fontes, 1ª ed, 1992, p. 6.

Parda que nascendo a duas léguas de distância, formava uma pequena lagoa de águas caídas antes de desagüarem no oceano». ⁷⁷ Apesar da sua importância histórica, a Cidade Velha não possuía construções pomposas, de ornamentos e ouro, como se vê na Europa ou no Brasil. Embora numa época áurea, os edifícios apresentavam-se com traços simples e modestos e tinham como destino responder às necessidades do homem daquela época. A cidade era dotada de edifícios religiosos e defensivos, localizados em zonas altas, para se destacarem na paisagem ou defenderem o território, no caso das fortalezas. ⁷⁸ Havia monumentos de grande importância histórica, designadamente a Fortaleza de S. Filipe, Sé Catedral, a Igreja de Nossa Senhora do Rosário, o Convento de São Francisco, os Bairros e as Ruas da Cidade antiga, o Pelourinho, entre outros. O valor histórico da cidade e a recuperação destes monumentos, bem como a sua inclusão no roteiro turístico, histórico e cultural, constituem um dos principais elementos para promover o desenvolvimento económico e social na cidade e no município. ⁷⁹ No dia 20 de Maio de 1532, D. João III julgava poder fundar um Bispado em Cabo Verde. A sede seria em Santiago, na Ribeira Grande, abraçando todo o arquipélago e a partir do rio Senegal até ao rio de S. André.

Em meados do século XVI, compunha-se de cerca de 500 edifícios de pedra e cal, onde se destacava um extenso conjunto de edifícios religiosos: a Igreja de Nossa Senhora do Rosário, a única que chegou aos nossos dias, a Igreja de São Roque, hoje descaracterizada, e as desaparecidas Igreja de São Pedro, Igreja de Monte Alverne, Igreja de Nossa Senhora da Conceição e Ermida de Santa Luzia. Também desaparecidos, à exceção de parte da torre sineira, localizavam-se na parte baixa da

⁷⁷ Cf. CABRAL, Iva, «Ribeira Grande: Vida urbana, gente, mercancia, estagnação», in Maria Emília Madeira Santos, Coord. *História geral de cabo verde*, Vol. II, Ed. Centro de Estudos de História e Cartografia Antiga Instituto de Investigação Científica Tropical/ Instituto Nacional de Investigação Cultural Cabo Verde, Lisboa/ Praia: 2001, p. 225-227.

⁷⁸ *Ibidem*, p. 236-238

⁷⁹ BAPTISTA, P., *A valorização patrimonial como factor de desenvolvimento turístico - O caso de Ribeira Grande de Santiago*, ISE (2008), Praia, p. 23.

cidade a Igreja e o Hospital da Santa Casa de Misericórdia e, um pouco mais para o interior, o hospício e as casas da Companhia de Jesus. Ao lado do Paço Episcopal, no bairro de São Sebastião, erguia-se a Sé Catedral, templo de grandes dimensões, a 25 metros acima do nível do mar, que dominava a cidade com a sua presença. A sua construção iniciou-se em 1556, por iniciativa de D. Frei Francisco da Cruz, terceiro bispo de Cabo Verde, tendo as obras sido interrompidas quando as paredes se encontravam a meia altura. Apenas mais de um século depois, com o bispo D. Frei Vitoriano Portuense⁸⁰, os trabalhos foram retomados, para serem concluídos por volta de 1700. Em meados do século XVII, foi fundado, a meia encosta, o Convento de São Francisco, entre cujas ruínas sobressai, hoje, restaurada, a respetiva igreja. Foi capital até 1769, quando, devido às melhorias do porto e à temida insalubridade da Ribeira Grande, aquela função foi transferida para a Praia de Santa Maria atualmente Cidade da Praia.⁸¹

Em 1617, o padre jesuíta Sebastião Gomes descreve, deste modo, a população da Ribeira Grande: «há aqui quatro sortes de gente, crioulos, que são os naturais da terra, cristãos novos, clérigos da terra e de Portugal, e alguns cristãos velhos de Portugal, mas muito poucos».⁸² Em 1621 revela-se a presença de muitos clérigos na Ribeira Grande, mas também demonstra que houve uma diminuição no resto da ilha (Santiago), porque passaram a existir apenas duas freguesias, no interior, com as respetivas igrejas: São Domingos e Santa Catarina. No Fogo passou a haver apenas uma freguesia com um

⁸⁰ D. Frei Vitoriano Portuense – «Da Província dos Franciscanos da Piedade, tinha 30 anos quando foi eleito; confirmado por Inocêncio XI, Bula de 12 de Maio de 1687; Sagrado em 14 de Setembro pelo Cardeal-Arcebispo de Braga. Chegou a diocese de Santiago em 17 de Abril de 1688. Mandou construir em Bissau a Igreja de Nossa Senhora da Conceição e um hospício para os missionários. Dividiu em duas freguesias a Cidade da Ribeira Grande, ilha de Santiago, com 327 famílias e 1885 pessoas. Lutou contra o abuso da Escravatura e concluiu as obras da Sé, empenhando maiores esforços na fundação do Seminário, deixando nome glorioso entre os bispos de Cabo Verde. Faleceu em 21 de Janeiro de 1705 e foi sepultado na Sé da Cidade da Ribeira Grande Ilha de Santiago». – Ver VACHETTO, Bernardo P., p. 250.

⁸¹ SOARES Maria João, «Igreja, Missionação e Sociedade», in: Maria Emília Madeira Santos, Coord. *História geral de cabo verde*, Vol. II, p. 359-361.

⁸² CABRAL, Iva, *A primeira elite colonial atlântica: Dos «homens honrados brancos» de Santiago à «nobreza da terra»*, Universidade de Cabo Verde, Praia, 2013, p. 142.

clérigo e os moradores das restantes ilhas, nomeadamente, Santo Antão e Sal, tinham que se contentar com as visitas ocasionais dos sacerdotes enviados da capital. Com esta diminuição, mais se acentuava a posição da Ribeira Grande que, na sua pobreza, era, contudo, o centro eclesial mais organizado e estável. Existiam vários locais de culto e culturais, avançava-se lentamente na construção da catedral e estava instituído uma misericórdia.⁸³

A arquitetura religiosa aparece muito cedo na Ribeira Grande, com uma série de capelas e igrejas que ainda são visíveis no centro histórico da Cidade Velha. A igreja teve um papel ativo no escravagismo, pois, além de batizar, ensinava aos escravos as bases do português, prática chamada Latinização. Com a criação de Ladinos, aumentava o valor do escravo no mercado.⁸⁴

«As forças vivas da ilha, representadas na Câmara da Ribeira Grande, viam com apreensão o desamparo espiritual da terra, a saída dos jesuítas, a vacatura da Sé, a falta de renovação do clero reinol. A situação fazia-os temer menos pela falta de ofícios religiosos, do que pela doutrinação e pelo ensino dos filhos. É indubitável a sinceridade e a consciência com que os homens da Câmara tratavam esta questão, sem dúvida resultante da ação pastoral e educativa do clero que, pela catequese e pregação, despertara entre os fiéis leigos a vocação de, através das realidades temporais, participarem da construção do Reino de Deus. O grande meio de intervenção da Igreja era efetivamente, a fé da comunidade».⁸⁵ Com a instituição da diocese, a ilha de Santiago e a cidade de Ribeira Grande veem o seu peso político-administrativo reforçado e abrem-se novas possibilidades de comunicação com as autoridades reinóis,

⁸³ FILHO, João Lopes, *contribuição para o estudo da Cultura cabo-verdiana*, p. 255.

⁸⁴ UNESCO, *Proposition d'inscription sur la Liste du patrimoine mondial*, Centro Histórico de Ribeira Grande, Cidade Velha, 2008, p. 29.

⁸⁵ SANTOS, Maria Emília e Maria João Soares, «Igreja Missionação e Sociedade», in: *História Geral de Cabo Verde*. Vol. II, p. 463.

uma vez que Cabo Verde passa a ser integrado formalmente na República Cristiana e com estatuto igual às restantes dioceses metropolitanas e ultramarinas.⁸⁶

⁸⁶ SEMEDO, Adilson F. C., *Religião e Cultura: A Influência da Religião Católica na Reprodução da Dominação Masculina em Cabo Verde*, p. 56.

II CAPÍTULO

IGREJA EM CABO-VERDIANA AO SERVIÇO DA EVANGELIZAÇÃO (SÉC. XIX E XX)

Neste capítulo, tento fazer compreender a vivência da fé em Cabo Verde, através do serviço da Igreja na evangelização do povo cabo-verdiano, tendo em conta a solicitude da Igreja por todos os aspetos da existência humana – facto que a acompanha ao longo da sua História – e ver a riqueza da fé na cultura cabo-verdiana.

2.1- Reflexão teológica do conceito Evangelização

Falar da evangelização na Igreja em Cabo Verde obriga-nos a percorrer um pouco a origem da sua descoberta, porque ela começou desde o início do povoamento das ilhas e acompanhou toda a formação da sociedade cabo-verdiana até aos nossos dias. Esta evangelização marcada por momentos de florescimento e de decadência deu uma faceta tipicamente cristã ao povo e à cultura, sobretudo na sua devoção popular. A Igreja, enviada por Deus a toda a gente para ser sacramento universal de salvação, por íntima exigência da própria catolicidade, obedecendo a um mandato fundador (cf. Mc 16,16), procura incansavelmente anunciar o Evangelho a todos os homens.⁸⁷

A evangelização tem como fim próprio a salvação dos homens, a obra redentora de Cristo que compreende também a restauração de toda a ordem temporal. Esta presença salvadora de Cristo realiza-se através da mediação da Igreja. Deus, na verdade, quer que todos os homens se salvem na unidade do Seu Povo e pelo ministério deste povo. A mediação da Igreja é exercida com a evangelização. O próprio mundo foi criado pelo Verbo, princípio e fim de toda a ação evangelizadora (Jo 1,3), foi recriado e

⁸⁷ II CONCILIO DO VATICANO, *Const. Dogm. Lumen Gentium*, n° 48.

recapitulado em Cristo (Ef 1,9) e, assim, o mesmo Deus, Criador e Salvador, é igualmente Senhor da História humana e da história da salvação.⁸⁸ Evangelização é definida teologicamente como a proclamação das boas novas da salvação em Jesus Cristo, visando levar a efeito a reconciliação entre o pecador e Deus Pai, mediante o poder regenerador do Espírito Santo. A palavra deriva do substantivo grego *euangelion*, «boas novas», e do verbo *euangelizomai*, «anunciar, proclamar» ou trazer boas novas. A evangelização baseia-se na iniciativa do próprio Deus. Porque Deus agiu, os crentes têm uma mensagem para compartilhar com os outros.⁸⁹

«Como núcleo e centro da sua Boa Nova, Cristo anuncia a salvação, esse grande dom de Deus que é a libertação de tudo aquilo que oprime o homem, sobretudo do pecado e do maligno, na alegria de conhecer Deus e de ser por ele conhecido, de o ver e de se entregar a ele. Tudo isto começa durante a vida do mesmo Cristo e é definitivamente alcançado pela sua morte e ressurreição, mas deve ser prosseguido, pacientemente, no decorrer da história, para vir a ser plenamente realizado no dia da última vinda de Cristo, que ninguém, a não ser o Pai, sabe quando se verificará.»⁹⁰

Em Cabo Verde, muitos pobres põem a sua esperança na Igreja. Confiam porque creem que nela existe uma força desinteressada. Veem na Igreja um serviço desinteressado. Muitos reconhecem na Igreja uma presença de Deus. Por isso, preferem não olhar nem se deixar perturbar pelas deficiências humanas, porque seguem o critério de Jesus Cristo, sabem que a realidade na Igreja não é visível, mas é a ação invisível das Pessoas divinas, embora não saibam explicar esses mistérios com clareza.

⁸⁸ IGREJA CATOLICA, *Primeira pastoral dos Bispos de Moçambique: os padres brancos*, Delfos edição nº 116, Lisboa, 2000, p. 69.

⁸⁹ Cf. WEBER, Timothy P., «Evangelização», In: ELWELL, Walter A., (ed.), *Enciclopédia Histórico-Teológica da Igreja Cristã*, Vol. II, São Paulo, 1992, p. 121-124.

⁹⁰ PAPA PAULO VI, *Evangelii Nuntiandi*, nº 9.

2.1.1- Um juízo teológico da Igreja à Evangelização

A Igreja, ao mesmo tempo que respeita a devida autonomia das coisas criadas e das próprias sociedades, sabendo cumprir em relação a elas a sua missão de sinal de Deus, como assembleia visível e comunidade espiritual, caminha juntamente com toda a humanidade, ilumina o conjunto das atividades e situações humanas em todas as dimensões, tendo por objetivo a salvação dos homens. Sem pretender impor qualquer domínio teocrático, a Igreja não pode deixar de apregoar, oportuna e corajosamente, os princípios morais religiosos que devem inspirar a organização e a busca das soluções mais adequadas ao desenvolvimento integral do homem e das sociedades, condenando ao mesmo tempo todas as desordens económicas, políticas e sociais, que violam a dignidade e a vocação das sociedades.

Com a palavra «evangelização» entendem-se hoje em dia, comumente, diversas coisas. Este termo pode designar, em primeiro lugar, toda a atividade, por meio da qual o mundo é transformado, de qualquer modo, em conformidade com a vontade de Deus criador e redentor.⁹¹O fim da própria atividade missionária é a evangelização e a implantação da Igreja nos povos ou grupos em que ainda não está radicado.

Assim, a partir da semente da palavra de Deus, é necessário que se desenvolvam por toda a parte, igrejas autóctones particulares, dotadas de forças próprias e maturidade, com hierarquia própria unida ao povo fiel, dotadas de meios proporcionados suficientes a uma vida em plenitude, contribuindo para o bem da Igreja universal. O meio principal desta implantação é a pregação do Evangelho de Jesus Cristo. Para anunciar, o Senhor enviou pelo mundo inteiro os seus discípulos, a fim de que os homens, uma vez renascidos pela palavra de Deus, fossem agregados pelo

⁹¹ SINODO DOS BISPOS, *A evangelização do mundo contemporânea*, Edição de secretariado-geral do episcopado, Lisboa, 1973, p. 5.

Batismo à Igreja, a qual, como Corpo do Verbo incarnado, se nutre e vive da palavra de Deus e do pão eucarístico.⁹²

A Evangelização teve a sua origem na missão, visto que a Igreja peregrina é, por sua natureza, missionária, segundo o desígnio de Deus Pai, tem a sua origem na missão do Filho e na missão do Espírito Santo. Este desígnio brota do amor frontal, isto é, da caridade de Deus Pai; sendo como é o Princípio sem Princípio de quem é gerado o Filho e de quem procede o Espírito Santo pelo Filho, quis derramar e não cessa de derramar ainda a bondade divina, criando-nos livremente pela sua extraordinária e misericordiosa benignidade. Aproveu a Deus chamar todos os homens a esta participação na sua vida, não um por um e sem qualquer solidariedade mútua, mas constituindo-os num povo em que os seus filhos, que estavam dispersos, se congregassem em unidade.⁹³ Este dever de restaurar tudo em Cristo empenha todos os membros do Povo de Deus, embora em graus de medidas diferentes.

A evangelização pode ser considerada como uma atividade a um tempo real e profética, pela qual é edificada a Igreja, segundo a intenção de Cristo, mediante a qual o evangelho é proclamado e explicado e mediante a qual a fé viva é suscitada nos não-cristãos e alimentada nos cristãos, tudo isso com a pregação missionária, atividade catequética, homilética. Portanto, a evangelização é um instrumento com o qual a Igreja proclama o Evangelho, para que daí nasça, se esclareça e tome incremento da fé.⁹⁴ É a obrigação de toda a Igreja trabalhar para que os homens se tornem capazes de restabelecer retamente a ordem dos bens temporais e de os ordenar para Deus, por Cristo.

⁹² CONCILIO VATICANO II, *Atividade missionária da Igreja: documentos conciliares*, Secretariado Nacional do apostolado da oração, Braga, 1966, p. 20-21.

⁹³ CONCILIO VATICANO II, *Atividade missionária da Igreja: documentos conciliares*, p. 9.

⁹⁴ IGREJA CATOLICA, *Primeira pastoral dos Bispos de Moçambique: os padres brancos*, p. 70.

A Igreja tem o direito de estar presente nas realidades temporais, sabendo que as coisas criadas e as próprias sociedades gozam de leis e valores específicos, que tem autonomia plena e legítima, correspondente à vontade do Criador, e que o homem recebeu de Deus a missão de submeter a terra e todas as coisas que nela existem e de governar o mundo na justiça e na santidade.⁹⁵ A Igreja tem o dever de propagar a fé e a salvação de Cristo em virtude do expreso mandamento que dos apóstolos herdou a Ordem dos Bispos, ajudada por Presbíteros em união com o sucessor de Pedro e Sumo Pastor da Igreja, também em virtude da vitalidade comunicada aos seus membros em Cristo. A missão da Igreja realiza-se, pois, mediante uma operação pela qual, em obediência a um mandamento de Cristo e a impulsos da graça e da caridade do Espírito Santo, ela se torna atual e plenamente presente a todos os homens ou povos para os conduzir à fé, à liberdade e à paz de Cristo, não só pelo exemplo de vida e pela pregação, mas também pelos sacramentos e pelos restantes meios da graça, de tal forma que lhes fique bem aberto caminho livre e seguro para participarem plenamente do mistério de Cristo. Com missão recebida do próprio Cristo, que foi enviado para evangelizar os pobres, a Igreja, movida pelo Espírito Santo, deve seguir o mesmo caminho de Cristo: o caminho da pobreza, da obediência, do serviço e da imolação própria até a morte, morte de que saiu vencedor pela ressurreição. Com efeito, foi assim que também caminharam na esperança todos os apóstolos, completando com muitas tribulações e fadigas o que faltava aos trabalhos de Cristo pelo seu Corpo que é a Igreja (cf. Col. 1, 24). Muitas vezes, a semente foi o sangue de cristãos.⁹⁶

⁹⁵ IGREJA CATOLICA, *Primeira pastoral dos Bispos de Moçambique: os padres brancos*, p. 72.

⁹⁶ CONCILIO VATICANO II, *Atividade missionária da Igreja: documentos conciliares*, p. 17.

2.1.2-Eucaristia no centro de toda a ação evangelizadora e como sinal do reino de Deus que Jesus veio trazer

A evangelização cristã inicia-se com a pessoa de Jesus. Ele começou o seu ministério público anunciando a Boa Nova da chegada do Reino de Deus (Mc 1.14-15). Na interpretação cristã, em Jesus, revela-se a oferta gratuita de salvação e libertação para todos os seres humanos. «Cristo realiza esta proclamação do reino de Deus por meio da pregação infatigável de uma palavra da qual se diria que não há nenhuma outra igual: Eis uma doutrina nova, ensinada com autoridade. Todos testemunhavam a seu respeito, e admiravam-se das palavras cheias de graça que saíam de sua boca; Jamais alguém falou como este homem. As suas palavras desvendavam o segredo de Deus, o seu desígnio e a sua promessa, e modificavam por isso mesmo o coração dos homens e o seu destino».⁹⁷ A obra evangelizadora da Igreja inicia-se propriamente com a primeira Páscoa-Pentecostes, com a experiência pascal das pessoas seguidoras de Jesus, quando O reconhecem como «O Cristo» e O confessam como tal. Essa experiência da comunidade apostólica, de caráter universal, é a fonte da evangelização que a Igreja tem seguido ao longo de vinte séculos de história. Cristo, centro de toda a ação evangelizadora, consuma a obra da salvação que lhe foi confiada pelo Pai, com a sua encarnação, com palavras e obras, sinais e milagres e sobretudo com a sua morte e ressurreição e com a sua perene presença no mundo.⁹⁸

A Eucaristia está no coração da vida da Igreja. Na Eucaristia, é o próprio Cristo que está presente no meio do seu povo, no Mistério Pascal. O centro de toda a vida cristã é o próprio Cristo. Pela Sua Encarnação e pela Sua obra de Redenção, nós fomos salvos e chamados a participar numa vida nova, uma vida que une os homens entre si como filhos de Deus e participantes na vida da Trindade. A Eucaristia não é um mero

⁹⁷ PAPA PAULO VI, *Evangelii Nuntiandi*, n° 11.

⁹⁸ RETOS DE LA NUEVA EVANGELIZACIÓN, *Bogotá: Comunicaciones sin fronteras*, Colección Vocación y misión, p. 7-13.

símbolo ou cerimónia: é sacramento no qual, mais que em qualquer outro, as obras salvadoras de Jesus e os dons de Deus se tornam acessíveis aos homens.⁹⁹ A Eucaristia é a presença sacratíssima de Cristo e do mistério pascal na Igreja. Ela é a fonte e a coroa de todos os mistérios e apostolados da Igreja. Ela confere beleza, significação e finalidade às diversas atividades que visam o amor a Deus, a nós mesmos e a todos os homens nossos irmãos. Quando os homens celebram a Eucaristia com e em Cristo, não só lhes é oferecida a participação na Sua vida, como também são convidados a oferecer, em união com Ele, a sua própria vida, os seus trabalhos, toda a criação.¹⁰⁰

Numa das orações eucarísticas da liturgia romana, recorda-se a história da salvação: “Pai Formastes o homem à Vossa imagem e quando, por desobediência, perdeu a Vossa amizade, não o abandonastes ao poder da morte; antes, com bondade, a todos socorrestes, repetidas vezes contraístes a aliança com os homens.” No período que precedeu à Encarnação de Cristo, Deus permitiu que os homens O procurassem e encontrassem misericórdia. De diversas maneiras, Deus também ensinou os homens a esperar e a oferecer sacrifícios, pelos quais reconheciam que Ele é o Senhor e se uniam entre si como seu povo. Todo o sacrifício autêntico é uma oferta sagrada dirigida a Deus somente, por reconhecer que Ele é o Senhor de tudo. O próprio reconhecimento da sua glória transcendente e do Seu domínio supremo ajuda o adorador a aproximar-se d’Aquele que é maior do que todos. Em muitos sacrifícios do Antigo Testamento, a refeição sagrada era um dos elementos do culto.¹⁰¹

Na última Ceia, o Senhor instituiu um novo Sacrifício memorial. O verdadeiro Cordeiro de Deus ia ser imolado. Pela Sua cruz e ressurreição Ele iria libertar, não apenas uma nação da escravidão, mas toda a humanidade da servidão bem mais amarga do pecado (Jo 1, 19). Jesus começou por cumprir o ritual da Páscoa. Mas, nessa noite

⁹⁹ II CONCILIO DO VATICANO, *Constituição Dogmática Sacrosanctum Concilium*, nº 47.

¹⁰⁰ II CONCILIO DO VATICANO, *Decreto Presbyterorum Ordinis*, nº 5-6.

¹⁰¹ MISSAL ROMANO, *Ordinário da Missa*, Oração Eucarística IV.

santa, falou dos novos dons que haviam de vir, dos quais os tesouros do passado eram apenas sombras e imagens. Promulgou a nova lei da nova aliança: «O meu mandamento é que vos ameis uns aos outros, como eu vos amei» (Jo 15, 12). Falou da obra salvadora que estava em vias de realizar por eles, em obediência amorosa ao Pai e por nosso amor. Depois, tornou esse Sacrifício de redenção presente, instituindo a Eucaristia, este rito memorial que Ele ordenou fosse sempre celebrado em sua memória.¹⁰² Durante a Ceia, na comida ritual do pão sem fermento, Jesus tomou o pão e, depois pronunciou a bênção, partiu-o e deu-o aos Seus discípulos dizendo: «Tomai e comei, isto é o Meu corpo». Tomando o cálice ritual do vinho, deu graças e entregou-lho dizendo: «Este cálice é a nova aliança do Meu sangue, que por vós se vai derramar». Finalmente, ordenou-lhes: «Fazei isto em Minha memória».¹⁰³

Ao descrever a vida da Igreja primitiva, os escritores cristãos da época prestaram uma atenção especial à Eucaristia. Com efeito, a Eucaristia era a celebração essencial da comunidade: ela é significativa e torna real a presença de Cristo na comunidade. A Igreja, hoje, continua a ser a comunidade eucarística. A celebração do mistério pascal é a razão da sua existência. A fé em Cristo e na Boa Nova e a nova vida que Ele tinha trazido eram o centro da vida da comunidade cristã. A forma litúrgica do culto eucarístico desenvolveu-se em muitos lugares ao mesmo tempo. Nasceram naturalmente formas diversas, que refletiam as culturas das várias comunidades de fé, bem como as diferentes concepções teológicas e as devoções preferidas dos seus povos. Jesus não morre nem ressuscita de novo: todas as vezes que a liturgia eucarística é celebrada torna-se presente aos homens em cada celebração da missa o Seu Sacrifício Único. O Deus-Homem instituiu a Eucaristia com uma dimensão eclesial a fim de que se torne presente o sacrifício cruento que ia consumir-se uma única vez na Cruz, cuja memória

¹⁰² Cf. *João 14, 31; João 15, 13.*

¹⁰³ Cf. *Mateus 26, 26; Lucas 22, 20; 1 Coríntios 11, 24.*

se perpetuaria até ao fim dos séculos e cuja virtualidade salutar se aplicaria ao perdão dos pecados que diariamente cometemos.¹⁰⁴

Na Eucaristia como na cruz, Jesus é Sacerdote principal e também a Vítima, rendendo incessantemente ao Pai louvor e satisfação infinitos. A Sua Igreja une-se-lhe no sacrifício. Com Ele, a Igreja também age como sacerdote e vítima, fazendo de si mesma uma oferta total juntamente com Ele. Quando na pessoa de Cristo, bispos e presbíteros pronunciam as palavras da consagração, o Sacrifício da nova aliança torna-se presente aos fiéis, de forma que também eles podem participar nele. Os sacerdotes são chamados a oferecerem o Sacrifício Eucarístico ao Pai, com Cristo, no Espírito Santo, pelos vivos e pelos mortos, pela salvação de todos, pelas inúmeras necessidades do povo de Deus. Uma vez que o Sacrifício Eucarístico é o ato supremo do culto, ele só pode ser oferecido a Deus.¹⁰⁵ O sacerdote, ministro que age na pessoa de Cristo, celebra o Sacrifício Eucarístico e oferece-o a Deus, em nome do povo. A celebração da Missa é a ação de Cristo e do povo de Deus hierarquicamente organizado.

A Eucaristia produz o efeito nutritivo que simboliza. Isto realiza-se por meio da presença do próprio Jesus e pela concessão da graça àqueles que O recebem, segundo as suas necessidades individuais e as necessidades da comunidade. A Eucaristia simboliza também a unidade evangelizadora da Igreja. Cristo orou por essa unidade no primeiro sacrifício eucarístico.¹⁰⁶ «O empenho em anunciar o Evangelho aos homens do nosso tempo, animados pela esperança mas ao mesmo tempo torturados muitas vezes pelo medo e pela angústia, é sem dúvida alguma um serviço prestado à comunidade dos cristãos, bem como a toda a humanidade».¹⁰⁷

¹⁰⁴ CONCILIO DE TRENTO, *Doutrina sobre o Santo Sacrifício da Missa*, 22ª Sessão, 17 Setembro 1562, cap. 1, DS 1740.

¹⁰⁵ CONCILIO DE TRENTO, *Doutrina sobre a Comunhão sob ambas as espécies e a comunhão das crianças*, 21ª sessão, 16 Julho 1562, cap. 1 e cânones 1-3, DS 1726- 1727, 1731- 1733.

¹⁰⁶ Cf. João 17, 20-21.

¹⁰⁷ Cf. PAPA PAULO VI, *Evangelii Nuntiandi*, n° 1.

2.2- Século XIX, as condições da Igreja na evangelização em Cabo-Verde

No século XIX, a Igreja era marcada pelas festas religiosas, que eram um momento apropriado para a evangelização, porque era nelas que se ajuntavam fiéis de todas as ilhas para irem à missa. Era na época dessas festas que as pessoas se confessavam e por vezes nelas que tinham o privilégio de ouvir as palavras vindas da boca de um padre. Na revolta dos rendeiros de Achada Falcão, em 1841, verificou-se, além de uma transposição de um ritual presente nas festas em devoção ao Santo padroeiro, uma reinvenção de um ritual próprio, com base no imaginário sócio religioso da comunidade local. As festas, muitas vezes, serviam para reivindicações e mobilização política.

A festa representava um espaço por excelência de embates políticos, como, principalmente, de mobilização popular. Todo o festejo religioso no séc. XIX andava à volta da tabanca, era um único movimento que ajudava na evangelização e na vida social.

Por meio de um ofício dirigido à Secretaria de Estado dos Negócios da Marinha e Ultramar, o bispo de Cabo Verde, propôs a criação de um seminário para a instrução dos jovens do arquipélago. Essa iniciativa tinha como objetivo, criar nos alunos os princípios da civilização, juntamente com a ação moral, estudando a religião o máximo que pudessem para poderem abrir os horizontes aos desafios que foram surgindo com o tempo. Com esta iniciativa, o bispo de Cabo Verde pretendia solucionar dois problemas tidos como fundamentais: o primeiro referia-se à necessidade de haver padres que pudessem servir de luz e ensinar o caminho da justiça, do amor de Deus, e que mostrassem a importância do casamento e os males da mancebia. O segundo problema referia-se à obediência às determinações da Coroa portuguesa, uma vez que as

doutrinas religiosas visavam manter a obediência ao rei e seus representantes. O bispo destacou ainda a necessidade de indivíduos com capacidade para orientar o bem social e religioso de um povo cego. Tais objetivos não poderiam ser alcançados, tendo párocos sem instrução, sem conhecimento, que bastassem para preencher aqueles fins sagrados que lhes são confiados. A iniciativa também tinha como objetivo uma certa concorrência dos mestres de reza que, por sua vez, com profundos conhecimentos da cultura local, detinham grande influência sobre os rendeiros do interior de Santiago, a ponto de os aconselharem a revoltar-se contra os seus morgados e as autoridades administrativas.¹⁰⁸

A necessidade de celebração dos cultos com a devida decência justifica-se, tendo em vista que, em todas as festividades do ano, deslocava-se à Ribeira Grande grande número de devotos de toda a Ilha (Santiago), para assistirem na Catedral aos ofícios divinos e à celebração dos santos mistérios. A criação do Seminário e a instrução popular eram importantes meios para se conseguir a submissão popular e evitar revolta contra a Igreja bem como contra a Coroa portuguesa.¹⁰⁹ Os padres eram muito atentos às preocupações do povo, até ao ponto de que eram eles a mobilizar os rendeiros a revoltar-se contra os morgados e aconselhá-los a revoltar-se contra o regime político vigente, apresentando-lhes os ganhos do novo regime político em Cabo Verde.

O verdadeiro poder, acima de qualquer dominação, era o poder da caridade que garante a salvação individual. A caridade era vista como único poder que poderia levar à eternidade. Um bom devoto deveria seguir os exemplos que Cristo deixou ao mundo, como seja o amor ao próximo e a humildade, porque Cristo deve estar presente em todas as nossas ações. As três virtudes de um bom cristão deveriam ser a fé, a esperança e a caridade. Para conhecer o Filho de Deus, o devoto deveria amar e guardar

¹⁰⁸ AHU, Cabo Verde, Cx. 60, doc. 39, 1812.

¹⁰⁹ AHU, Cabo Verde, Cx. 91, doc. 78, 1883.

os seus mandamentos. Também os devotos deveriam celebrar os Sacramentos, pois representavam a purificação, a palavra de vida e, principalmente, o templo de Deus.¹¹⁰

Segundo o representante da diocese de Cabo Verde neste período, o espírito revoltoso dos habitantes devia-se às pregações profanas, repletas de ódio e de vinganças públicas e particulares por parte de vários sacerdotes, indignos para o exercício do sacerdócio. Alguns sacerdotes, ao contrário de pregarem a reconciliação, a concórdia e a tolerância, segundo os ensinamentos de Cristo, instruam os devotos na prática da rebelião e da intolerância, nas perseguições, violências e morte em tempo de guerra civil. De certa forma, os devotos tornaram-se à semelhança dos seus pastores, que sabiam unicamente pregar o temor do inferno, o qual, ao invés de consolar o pecador na esperança da divina misericórdia, lhes ensinava a dor e a angústia. O Deus apresentado aos devotos era um Deus da vingança e não, como ensinava o evangelho, um Deus do perdão e redenção.¹¹¹

2.2.1- Conjuntura da Igreja no séc. XIX

Quando a diocese de Cabo Verde foi criada e se instalou na cidade da Ribeira Grande, todo o seu aparato litúrgico, administrativo e patrimonial encontrou uma sociedade urbana escravocrata católica praticante. Ora o século XIX foi uma época de penúria para a vida da Igreja em Cabo Verde. «O despacho da mesa da câmara municipal da Ribeira Grande, de 8 de Fevereiro de 1816, ao cabido da Igreja Catedral da ilha de Santiago, denunciou o estado de miséria em que se encontrava o bispado e a Sé Catedral, com falta de sacerdotes para celebrar o culto divino. O cabido da Sé Catedral da Ribeira Grande nunca pôde ser completado por faltas de sacerdotes. A maior parte das freguesias do interior da ilha de Santiago, que totalizava dez igrejas,

¹¹⁰ BÍBLIA SAGRADA, 1 Pedro, 5, 3; S. João, 13, 15; Filipenses, 4, 5; 1Pedro, 5, 2; 1 Coríntios, 3, 9.

¹¹¹ PERREIRA, Eduardo A. C., *Política e Cultura: As revoltas dos Engenhos (1822), de Achada Falcão (1841) e de Ribeirão Manuel (1910)*, p. 374-375.

estava sem um único sacerdote, o que obrigava o bispado a recorrer aos mestres de gramática para a celebração do culto divino. A falta de sacerdotes fazia-se sentir principalmente no interior da ilha de Santiago.»¹¹²

Acrescente-se que, de 1829 a 1845, de novo esteve a diocese sem bispo. Esta situação manteve-se até 1864, começo de uma nova era na vida religiosa da diocese com a chegada dos primeiros padres de Cernache do Bonjardim. Com esta crise de clero observa-se a introdução de um conjunto de costumes e crenças religiosas que as pessoas foram vivendo cada um da sua forma porque não havia quem os orientasse. Tudo isso aconteceu pelo facto de a diocese ter ficado sem pastor durante trinta e dois anos. Nessa época, na ilha de Santiago havia um único padre para percorrer as distantes freguesias. As ocasiões solenes, devido à falta de um mestre de cerimónias, eram, por vezes, executadas de forma imperfeita. Quanto às Igrejas, as suas construções encontravam-se em estado de ruína devido, em parte, à sua cobertura ser de palha e as suas estruturas serem construídas de material frágil, como o barro. Devido à falta de verba, deixou de se reparar os telhados das Igrejas, bem como de lavar ou concertar as túnicas utilizadas durante a missa.

A ausência de sacerdotes nas diferentes igrejas foi relevante para o surgimento de líderes comunitários ou mestres de reza, os quais tinham como principal incumbência reinterpretar os ensinamentos bíblicos e socializá-los com a comunidade religiosa local, complementando com os festejos em devoção ao santo padroeiro.¹¹³ Em 1866, criou-se o Seminário-Liceu que até 1899 formou 50 padres. A nível religioso, Cabo Verde ficou devendo muito, neste período, à ação dos três bispos que governaram a diocese de 1884 a 1935: D. Joaquim de Barros, D. António Moutinho e D. José Alves Martins.

¹¹² PERREIRA, Eduardo A. C., *Política e Cultura: As revoltas dos Engenhos (1822), de Achada Falcão (1841) e de Ribeirão Manuel (1910)*, p. 74.

¹¹³ Cf. ASCHER, F., *Os Rabelados de Cabo Verde: História de uma revolta*, L'Harmattan, Paris, 2011, p. 27.

Os obstáculos que a Igreja enfrentou em Cabo Verde podem ser classificados pela penúria de agentes de evangelização – eram precisos mais Padres Seculares, frades de Santo Agostinho, da Ordem Terceira de S. Francisco, Capuchinhos, Jesuítas, religiosos nativos formados nos seminários de Cabo Verde. Todos quantos serviram o arquipélago sempre foram insuficientes para as exigências cada vez maiores da missão. Muitos sacerdotes que passaram nesta diocese ao longo dos séculos não eram bem preparados, porque eram pouco hábeis para o ministério da Igreja, com pouco ou nenhuma literatura; alguns entregavam-se, exclusivamente, ao comércio. Havia também dificuldades económicas, não houve em tempo algum rendimentos que cobrissem as despesas necessárias ao serviço da evangelização.

A Província, vítima de saques impiedosos, levados a efeito por piratas estrangeiros e da tradicional pobreza do território, viveu, quase sempre, em péssimas condições. Muitas vezes, o pessoal religioso não foi pago e, privado de vencimentos e sem emolumentos paroquiais, o povo não podia pagar e o clero conheceu a miséria em certas épocas. Também havia uma certa crise moral, porque em várias ocasiões a situação social na Ilha de Santiago foi, por circunstâncias diversas, muito más. A nobreza, por seu lado, nem sempre teve comportamento digno, chegando o padre António Farinha a escrever o seguinte: “em vez de mandarem ensinar doutrina aos escravos, preparava-os para tiranos todos educados nos exercícios do tiro ou no manejo da azagaia”. No princípio do século XIX, a Carta régia de 28 de Janeiro de 1804 descrevia assim a situação da Igreja em Cabo Verde: «Uma indecência em que se acham as paróquias desse bispado pela ruína e a rusticidade dos templos e guiamentos precisos: não existindo o Santíssimo Sacramento em muitas freguesias, há falta de azeite, carência de sacerdotes e de cônegos. Na realidade, a maior parte das Igrejas estavam,

então, fechadas, por falta de párocos». ¹¹⁴ Um triste e lamentável quadro de misérias materiais e morais, eis o que era a situação da Igreja em Cabo Verde, situação que chegou até aos nossos dias.

2.2.2- O papel da Igreja na Evangelização em Cabo Verde séc. XIX

Segundo o escritor Teixeira de Sousa, os primeiros mestres – educadores e evangelizadores – terão sido os franciscanos chegados à ilha de Santiago em 1466, isto é, seis anos após o achamento do arquipélago de Cabo Verde.¹¹⁵ Apesar de todas as situações de penúria, isso não significa que a Igreja parou no tempo: podemos continuar a afirmar que a Igreja era de facto um dos expoentes institucionais do arquipélago de Cabo Verde e que tinha uma influência notável sobre a população e sobre as autoridades locais. O estabelecimento da Igreja nas ilhas de Cabo Verde insere-se num projeto bem vasto que estava ligado à conquista de novos mundos. A Coroa Portuguesa tinha a consciência do que representava ter a seu lado o trabalho dos espirituais, não apenas para a conversão e conquista do gentio, mas para o controlo da população. A Igreja entraria em Cabo Verde alicerçada na máquina estatal. Ainda que o sincretismo religioso não tenha sido aprofundado, referiu-se, em alguns momentos, que se a religião cristã era a oficial, ela não suprimiu a influência religiosa trazida pelos negros africanos. Deste modo, a Igreja era responsável pelos cuidados da alma do morador, enquanto cabia ao feiticeiro africano atender às necessidades mais corporais.¹¹⁶

O Concílio de Trento conferiu prioridade à catequese, como forma de educar pela fé, através do ensino da doutrina cristã. Esta decisão deu origem à publicação de

¹¹⁴ MONTEIRO, J., *Os rebelados da ilha de Santiago de Cabo Verde*, CECV, Santiago, 1974, p. 39-40.

¹¹⁵ SOUSA, Henrique Teixeira, *A Igreja e a Literatura em Cabo Verde*, Fundação Calouste Gulbenkian-Centre Culturel Portugais, Paris, 1985, p. 303.

¹¹⁶ SEMEDO, Adilson F. C., *Religião e Cultura: A Influência da Religião Católica na Reprodução da Dominação Masculina em Cabo Verde*, p. 84.

numerosos catecismos, baseados no *Catechismus ex decreto Concilii Tridentini*¹¹⁷. No Reino e decerto nas áreas ultramarinas, corriam catecismos em latim, espanhol e português. De entre os textos em português, portanto mais acessíveis ao clero com formação menos exigente, destaca-se o *Catecismo ou doutrina cristã e práticas espirituais*. Catecismo significa forma de instrução que se ensina nas escolas e nas igrejas restauradas conforme a palavra de Deus e é composto por perguntas e respostas sobre os princípios da doutrina cristã.

A catequese ocupava-se da Fé e da Moral, tratava do que era necessário e importante para o bem da alma nas coisas da fé. Os sacerdotes habilitados para ensinar necessitavam não só saber as coisas da fé mas também levar uma vida digna que transmitisse fé em ato. A ação dos catequistas dirigia-se especialmente às crianças. Numa terra onde o ensino não dispunha de uma estrutura autónoma, a aprendizagem da doutrina e das primeiras letras fazia-se ao mesmo tempo. Ao atrair as crianças para o ensino, a Igreja influenciava indiretamente os seus pais e a sociedade em geral, propondo um percurso de conversão e uma religiosidade sem acesso direto ao estudo do catecismo. Na catequese existia um método de ensino que era por perguntas e respostas, ou seja, em sabatina, criava a emulação e o entusiasmo entre os jovens, que se refletia na comunidade em geral.¹¹⁸ A pregação, o ensino e a catequese foram as principais formas de intervenção e de trabalho com os fiéis e o batismo, por seu lado, era uma atividade chave que originou alguns confrontos entre muitos padres e senhores de escravos que não respeitavam a obrigatoriedade do batismo dos cativos.

É uma hipótese que o escravo tenha visto, na religião católica, um mecanismo de mobilidade social ou, quando muito, uma forma de melhorar a sua vida e, em função, a sua sujeição à ação evangélica dos clérigos. A Igreja desenvolveu um intenso trabalho

¹¹⁷ Designado habitualmente por Catecismo Romano.

¹¹⁸ SANTOS, Maria Emília Madeira e SOARES, Maria João – «Igreja, Missionação e Sociedade», in: SANTOS, Maria Emília Madeira, Coord. *História geral de cabo verde*, p. 488- 490.

de socialização, não apenas com os negros mas com os moradores em geral. As crianças eram os alvos preferenciais e o ensino fazia-se em simultâneo com a doutrinação. Enquanto mecanismo de controlo social, a ação da Igreja também foi marcante, visto que esta detinha o poder de estabelecer um bom vínculo entre o vivente e o além.

Uma das outras facetas de história da Igreja de Cabo Verde foi a sempre difícil transição dos Bispos e os longos períodos de abandono da Diocese. Em certos momentos, a Igreja Cabo-verdiana viu-se completamente abandonada. Nos momentos de crise social, a Igreja agiu de forma variada e conforme a força e o carisma de quem a dirigia. Assim, houve momentos em que enfrentou levantes populares e denunciou as autoridades civis, outros em que compactuou com as autoridades e se submeteu a estas e outros ainda em que apenas procurou salvaguardar o seu próprio pessoal. A partir do século XIX, a Igreja passaria a partilhar com a escola a tarefa de educar e formar moralmente os cabo-verdianos. A escola nasce nos seminários que eram simultaneamente liceus, mas gradualmente e com o passar dos anos, deixou de estar na tutela da Igreja e passou para a do Estado.¹¹⁹

A Igreja tem um papel fundamental que é a conversão. Para além da conversão interior de cada cristão, pretendia atingir a conversão da sociedade, isto é, que a convivência refletisse o exercício e o respeito pelos valores ensinados na catequese, visto que sem as obras a fé é morta. O sacerdote e as instâncias coletivas, tais como o tribunal da inquisição, tinham poder de julgar, conferir o perdão ou determinar a penitência para atingir a reconciliação do crente com a Igreja. Ao cabido competia proceder ao exame da vida, conduta, letras e virtudes dos opositores aos benefícios eclesiásticos da diocese e, mais que isso, passava certidão sobre a forma como o governador exercera a governação do distrito.

¹¹⁹ SEMEDO, Adilson F. C., *Religião e Cultura: A Influência da Religião Católica na Reprodução da Dominação Masculina em Cabo Verde*, p. 87.

Na sociedade católica dos séculos XVI, XVII, XVIII e XIX, a confissão ocupava um lugar capital nas manifestações de piedade, visto que a remissão dos pecados era a garantia da vida e da libertação eterna. Através da confissão, a Igreja cuidava de enformar a relação de cada um dos fiéis com Cristo e com o próximo, atingindo a vida social. As confissões eram completas, porque não existe qualquer pecado, por mais grave que seja, que a Igreja não possa perdoar. Mas a confissão implica penitência através de práticas que demonstrem arrependimento por parte do cristão: o jejum, a oração e a esmola.¹²⁰ Visto que a Igreja tem poder para intervir a favor do cristão no sentido de obter a misericórdia de Deus para as penas temporais dos pecados, também pode obter indulgências para os fiéis defuntos em vias de purificação, de modo a que sejam libertos do Purgatório. Os sufrágios em favor do fiel defunto podem ser esmolas e ações piedosas, mas acima de tudo, valoriza-se o sacrifício eucarístico, isto é, a Missa.¹²¹

Nesta perspetiva, a evangelização em Cabo Verde acompanha a história da descoberta, povoamento e colonização pelos portugueses, em que o ensino religioso aparece em destaque. Considerando que o ensino constitui uma experiência, levada a cabo pelas instituições religiosas, muito anterior à descoberta das ilhas de Cabo Verde, acabou-se, também aqui, por seguir o mesmo exemplo, defendendo os mesmos princípios e os mesmos ideais, reafirmados em 1545-1563, pelo Concílio de Trento.

¹²⁰ SANTOS, Maria Emília Madeira e SOARES, Maria João – «Igreja, Missionação e Sociedade», in: SANTOS, Maria Emília Madeira, Coord. *História geral de cabo verde*, Vol. II, p. 492.

¹²¹ SANTOS, Maria Emília Madeira e SOARES, Maria João – «Igreja, Missionação e Sociedade», in: SANTOS, Maria Emília Madeira, Coord. *História geral de cabo verde*, Vol. II, p. 498.

2.3- O sincretismo religioso na cultura cabo-verdiana

2.3.1- Tabanca

A tabanca é um movimento que marcou com muita intensidade a cultura e a religiosidade do povo cabo-verdiano da Ilha de Santiago e pode ser definida como uma associação laica de socorros mútuos, com atividades, culturais, festivas e religiosas em determinados períodos do ano. Não é descabido referir aqui os fatores do tipo espiritual que ajudaram bastante para a evangelização do povo cabo-verdiano, como a tendência do agrupamento familiar das casas, ou tabanca, que tantas vezes deu lugar à formação de aglomerações importantes, de características muito particulares em que, no interior de uma cerca, as casas se dispunham geralmente, em torno de um núcleo constituído pela capela, pela prisão, pela enfermaria e pelo quartel. A tabanca, desaparecida há muito poucos anos, pela proibição das manifestações religiosas e festejos a ela ligados, era uma verdadeira associação de socorros mútuos em que os sócios se assistiam moral e materialmente em caso de doenças ou de morte, se auxiliavam na construção das casas e nos trabalhos agrícolas e contribuía com uma quota mensal para as despesas gerais da organização.¹²²

Tudo isto tinha uma visão religiosa e civil, apostava-se na evangelização de uma forma tradicional, na formação e na educação do povo. A organização da tabanca era assegurada por uma hierarquia civil e militar, encabeçada por um rei tesoureiro e por um conselheiro, escolhido entre os sócios mais respeitáveis, por uma rainha (nunca era a mulher do rei). A tabanca representava a sociedade e, como tal, tinha o rei e a rainha da festa, além de representar as profissões mais influentes da sociedade, como sejam governadores, ministros, médicos, enfermeiras, polícias, ladrões, soldados e

¹²² PERREIRA, Eduardo A. C., *Política e Cultura: As revoltas dos Engenhos (1822), de Achada Falcão (1841) e de Ribeirão Manuel (1910)*, p. 38.

conselheiros. Os mais velhos, como guardiães da tradição, tinham a missão de passar os ensinamentos aos mais jovens.¹²³ Em cada ano, decorriam os festejos que começavam no dia 3 de Maio (dia da Santa Cruz) até os fins de Junho (dia de S. Pedro), onde cada tabanca, além da sua população permanente, recebia uma massa importante de associados vindos das outras ilhas, porque tabanca era a tradição só na ilha de Santiago. Santa Cruz (3 de Maio), Santo António (13 de Junho), São João Baptista (24 de Junho) e São Pedro (29 de Junho) eram as festas tradicionais que marcavam o ponto alto das atividades das tabancas.

Era hábito dos grandes proprietários da ilha de Santiago permitir maior liberdade aos seus escravos no dia da Santa Cruz, dado que a Cruz de Cristo simboliza a libertação do homem. O início das festas da tabanca pode ser uma herança portuguesa, visto que as festas das romarias começam nesta altura do ano, isto é, no início da estação seca no clima mediterrânico. Tabanca inclui rituais africanos e culto popular dos Santos e elementos pré-cristãos. Apresenta uma codificação cénica africana e um conteúdo estritamente católico.

Tabanca foi uma criação genuinamente cabo-verdiana; reflete a mestiçagem no sentido que tomou, como empréstimo de uma cultura portuguesa e de outras africanas, elementos que deram origem a uma expressão cultural autónoma.¹²⁴ Cada localidade tem a sua tabanca com as suas normas próprias. O seu papel social é notório entre os seus membros, pois aprende-se a rezar, a amar, a trabalhar e, principalmente, a viver em comunidade. Para tal, a tabanca tem as suas normas que, por sua vez, organizam a vida da comunidade, distribuindo papéis a cada membro da comunidade, o que é presenciado com mais nitidez quando começam o cortejo em busca do santo roubado. A tabanca

¹²³ SEMEDO, José M. e Maria R. T., *Cabo Verde: ciclo ritual das festividades da tabanca*, Spleen edições, Praia, 1997, p. 10.

¹²⁴ FILHO, João Lopes, *contribuição para o estudo da Cultura cabo-verdiana*, Biblioteca Ulmeiro, Lisboa, 1983, p. 246, nº 15.

estabelece as regras de decoro para cada situação concreta, como nos funerais e nas rezas coletivas. Reforçam-se determinados valores morais e religiosos, como a compaixão e a devoção, pelos quais a vida em comunidade é regida.¹²⁵

2.3.2- Os rituais festivos da tabanca

Nos rituais festivos da tabanca, temo-la dividido em três níveis: religioso; lúdico-espetacular (batuque e saída ritualizada nas ruas da tabanca) e gastronómico. As atividades festivas têm as seguintes sequências: três dias antes da festa do Santo começa o pilão, que consiste na extração do farelo do milho para a refeição comum da festa, cuja tradição de «cochir milho» é ainda hoje vivenciada nas festas paroquiais onde se costumam ajuntar fiéis católicos e não católicos de toda a ilha para festejar. Esta operação era conduzida geralmente à noite, isto é, depois das horas de trabalho, e quase sempre animada de batuques. Na véspera da festa, a noite era animada de batuque, às vezes apresentavam a vida do Santo que se festejava numa representação teatral até de madrugada. No dia do santo, a primeira atividade é a missa na Igreja católica, seguida de procissão e roubo do Santo na capela da tabanca, chamada capela da corte. A missa podia ser transferida para um domingo mais próximo.¹²⁶ Neste caso, o roubo do Santo ocorre nesse dia, uma vez que, de acordo com as normas da tabanca, só se pode roubar o Santo, depois da missa rezada. Se a data da missa for alterada em relação ao dia do Santo, todas as atividades serão também adiadas.

Regra geral, a missa é rezada na própria localidade, pelo que os associados tomam a devida providência em criar, na aldeia onde existe tabanca, uma capela. Onde não existe uma capela era comum solicitar ao padre uma missa campal. Também no dia

¹²⁵ PERREIRA, Eduardo A. C., *Política e Cultura: As revoltas dos Engenhos (1822), de Achada Falcão (1841) e de Ribeirão Manuel (1910)*, p. 39.

¹²⁶ FILHO, João Lopes, *contribuição para o estudo da Cultura cabo-verdiana*, p. 247.

do Santo, pode haver festa animada de batuque. Desde o dia do roubo do Santo até à sua recuperação, todas as noites há salvas na capela da corte.¹²⁷

O «Roubo De Santo» consiste numa brincadeira da festa, «na verdade, o que se rouba não é a imagem do Santo, mas sim o seu símbolo, que corresponde a uma pequena bandeira branca com uma cruz vermelha ao centro. Além da bandeira, o ladrão levava as duas varas da tabanca. Estas varas também representam o Santo e entram em vários rituais da tabanca, nomeadamente salva, cortejo e levantamento do Santo. A seguir à missa, dois soldados da tabanca deslocam-se à capela da corte para defender o Santo, mas um ladrão habitualmente acompanhado por duas mulheres, ultrapassa a guarda da porta e efetua o roubo. Imediatamente, levam o Santo para venda numa localidade teoricamente desconhecida, mas que na realidade todos conhecem, visto o comprador ser uma das Rainhas ou um dos Reis da tabanca. Regra geral, o Santo deve ser vendido sete anos seguidos na mesma casa. O comprador responsabiliza-se pelo acolhimento e alimentação de todos os oficiais e cativos que dormem na sua casa no dia do cortejo. Depois do roubo do Santo, a bandeira é colocada a meia haste, na capela da corte, símbolo do luto da tabanca, e só é hasteada no topo depois da recuperação do Santo. Enquanto não recuperarem o Santo, a tabanca não deve prosseguir a marcha, o único cortejo aceitável é o que se destina à busca do Santo.»¹²⁸

A «Salva» consiste num ritual que é feito depois do roubo de Santo na capela da corte, com todos os associados. Na capela da corte, à volta do altar cheio de velas, onde estão coladas imagens de Santos e um crucifixo, homens e mulheres, na maioria de idade avançada, estão sentados em bancos coletivos postos ao longo dos dois lados da parede. De pé, em frente do altar, estão dois «tamboreiros». Ao lado do altar, dois

¹²⁷ SANTOS, Maria Emília Madeira e SOARES, Maria João – «Igreja, Missionação e Sociedade», in: SANTOS, Maria Emília Madeira, Coord. *História geral de cabo verde*, Vol. II, p. 507.

¹²⁸ SEMEDO, José Maria e Maria R. T., *Cabo Verde: O ciclo ritual das festividades da tabanca*, Spleen-Edições, Praia, 1997, p. 80.

rapazinhos seguram duas varas de marmeleiro cruzadas em X. Para dar início à salva, o Rei pede aos presentes para se levantarem. Os tamboreiros iniciam um batimento compassado, depois de um passo em frente e ligeira flexão da cabeça. Depois, os tamboreiros batem num único compasso e os dois rapazinhos depositam as duas varas deitadas sobre o altar em frente dos tamboreiros. Um dos tamboreiros chama ao *beijo das varas*. Tal ritual inicia-se pelos homens, que se posicionam dois a dois, passam ao lado dos tamboreiros, baixam a cabeça primeiro para o beijar depois. Depois dos beijos dos homens, seguem-se as mulheres e, no final, as Rainhas e os Reis. O beijo dos Reis é diferente: estes dirigem-se ao altar sozinhos, um dos Reis pega numa das varas e levanta-a ao alto, faz vários movimentos do braço, balançando a vara para diante e para traz, depois pouisa as varas em frente do altar, genuflete e beija-as em frente da imagem do Santo. O último beijo é o do Rei da corte.

Toda a sequência dá ideia de um verdadeiro ritual africano, mas na realidade é uma encenação do rosário com figurações: os batimentos dos tambores correspondem às Ave-marias e Glórias. Antes do ritual dos beijos, costuma-se rezar o Pai-Nosso de oferenda ao Santo padroeiro. Além dos períodos festivos, fazem-se salvas quando morre algum cativo da tabanca, as quais têm lugar no sétimo dia depois do enterro. Este ritual precede as Vésperas e as ladainhas, que também são habituais no levantamento da esteira, que hoje também se reflete na tradição de algumas localidades.¹²⁹

Podemos constatar que a tabanca não tem assim uma presença estrutural de natureza eclesiástica, mas contribuiu muito para a evangelização, civilização e educação na realidade cabo-verdiana porque, mesmo sem uma inteligência profunda daquilo que é

¹²⁹ SEMEDO, José Maria e Maria R. T., *Cabo Verde: O ciclo ritual das festividades da tabanca*, p. 81-82.

o mistério de Deus, não deixa de parte a missa e as orações da Igreja. Cabo Verde foi desde sempre um país que, na sua cultura, foi integrando o religioso cristão.¹³⁰

2.3.3- A devoção popular em Cabo Verde no século XIX

O que marcava toda a ação religiosa na vivência da fé era a tabanca, as irmandades e a festa de «Corpus Christi». As irmandades tinham um importante papel na organização e na celebração da festa do Corpo de Deus. Como instituição leiga, as irmandades criavam um conjunto de laços sociais e religiosos compartilhados entre os seus membros, dentre os quais cabe destacar a piedade e a caridade. As irmandades também dispunham de um corpo dirigente, designado mesa diretora, com direito ao voto em decisões importantes, o que aponta para a presença de certa hierarquia interna. Sob o ponto de vista religioso, o que define uma irmandade é a comunhão fraternal dos seus membros, como também a devoção aos santos. As irmandades em Cabo Verde também contavam com a proteção da coroa portuguesa.¹³¹ Pelas regras internas das irmandades, é possível conhecer a organização desta importante instituição sócio-religiosa na ilha de Santiago.

Tudo isso faz parte da evangelização do povo cabo-verdiano no século XIX. A festa do Corpo de Deus é o centro de toda a vivência da fé. Segundo o estatuto da irmandade do Santíssimo Sacramento, todos os membros estariam por ela obrigados a servir o Santíssimo Sacramento, porque todos os escravos devem servir ao seu Senhor, não só por ser criador de todas as criaturas, como também porque os filhos devem servir aos seus pais, destacando-se que o Santíssimo ficou neste mundo para o nosso sustento. No domingo da celebração do Corpo de Deus, todos os membros da irmandade seriam

¹³⁰ SANTOS, Maria Emília Madeira e SOARES, Maria João – “Igreja, Missionação e Sociedade”, in: SANTOS, Maria Emília Madeira, Coord. *História geral de cabo verde*, Vol. II, 507.

¹³¹ Cf. SCARANO, Julita M. L., *Devoção e escravidão: a irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos pretos no distrito diamantino no século XVIII*, Tese: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1969, p. 24-30.

obrigados a festejar o Santíssimo Sacramento, no final da missa teriam como obrigação organizar a procissão com o Santíssimo saindo pelas ruas da comunidade, para, após o final da procissão, o depositarem no sacrário.

Torna-se importante conhecer, não só o ritual das festas religiosas em Cabo Verde, como também as formas como eram celebradas de ilha em ilha.

Em Cabo Verde, a festa do corpo de Deus foi festejada desde o início do povoamento das ilhas de Santiago e Fogo.¹³² Os rendeiros rezavam ladainhas ao santo padroeiro da comunidade, neste caso, a Nossa Senhora do Rosário, pedindo ajuda e proteção. Dentre os santos de devoção, cabe ainda realçar: S. José, São Pedro, S. Miguel Arcanjo, S. Francisco e Santa Catarina. Com esta prática religiosa, os mesmos acreditavam que estavam expulsando os males que podiam cair sobre as comunidades. Por meio dela, os mais velhos pediam ao santo padroeiro bênçãos para os presentes e para os membros da comunidade local. Rezava-se ainda com devoção ao santo padroeiro por boa colheita e ainda muita saúde para todos.¹³³ Na ilha de Santiago, registam-se dezassete festas de santos, sendo nove dedicadas a Nossa Senhora, três ao nascimento de Cristo, Epifania, São José, São João Batista, São Francisco, São Boaventura, Santo António, São Bernardino e Santa Clara. Partindo dos ensinamentos franciscanos, os rendeiros buscaram nas ladainhas valores religiosos como piedade, amor, confiança invencível, salvação, misericórdia e coragem. Os rendeiros, inspirados no amor, na piedade e na misericórdia ao próximo, insurgiram-se contra a decisão do morgado em expulsar os seus compadres das terras da ribeira dos Engenhos. As

¹³² PERREIRA, Eduardo A. C., *Política e Cultura: As revoltas dos Engenhos (1822), de Achada Falcão (1841) e de Ribeirão Manuel (1910)*, p. 61.

¹³³ MEMMI, Albert, *Retrato do colonizado precedido pelo retrato do colonizador*, Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1967, p.8.

ladainhas proporcionavam aos rendeiros momentos únicos de busca de confiança para as suas fraquezas, como também condenavam as práticas despóticas.¹³⁴

Na ilha de Santiago, as pessoas rezavam muito. Temos conhecimentos de algumas orações que os habitantes faziam, pedindo a proteção do santo padroeiro. Partindo desse imaginário religioso, os devotos acreditavam que se rezassem quinze «Pai Nosso» e quinze «Ave Marias» durante um ano, quinze almas sairiam do purgatório e esses devotos receberiam perdão por outros tantos pecados, bem como teriam fartura para sempre. Também acreditavam que quem tomasse o corpo e o sangue de Cristo receberia em troca o sinal da Cruz, símbolo de guarda e de defesa, como também toda a assistência na morte e salvação eterna da sua alma, por meio do perdão dos seus pecados. Além disso, Cristo era apresentado não só como aquele que destruiu os soberbos com o amor ao próximo, como também aquele que derrubou os poderosos dos seus assentos, enaltecendo as pessoas humildes. Aos pobres famintos concedeu bens e aos ricos ambiciosos deixou sem nada. O reinado do império de Cristo sobre a terra era o centro de toda a devoção. O sacrifício de Cristo na cruz é amplamente conhecido por todos os devotos, mesmo entre os que não se conhecem. Aqui podemos constatar que o comportamento do homem religioso tem por base o sagrado.¹³⁵

2.4- A influência das três grandes revoltas política (séc. XIX e XX) na vivência da fé do povo cabo-verdiano

As revoltas e os movimentos políticos implicavam sempre uma complexa negociação ou articulação cultural. A identidade deve ser pensada a partir dos aspetos internos e externos a cada comunidade. Em cada momento, ocorrem mudanças capazes de deslocar o sentido e o significado dos valores preestabelecidos, o que nos leva a falar

¹³⁴ GEERTZ, Clifford, *A interpretação da cultura*, Zahar editores, Rio de Janeiro, 1978, p.135, 210.

¹³⁵ PERREIRA, Eduardo A. C., *Política e Cultura: As revoltas dos Engenhos (1822), de Achada Falcão (1841) e de Ribeirão Manuel (1910)*, p. 72-73.

em negociação identitária. As revoltas podem ser compreendidas enquanto subversão da ordem sociopolítica vigente no interior da ilha de Santiago, na qual os morgados detinham não só o monopólio da terra, como também roubavam e extorquiam os bens dos seus rendeiros. Tais iniciativas faziam parte de estratégias políticas para enfraquecer o poder económico dos rendeiros e, dessa maneira, evitar que tivessem acesso aos cargos políticos. A própria tradição deve ser compreendida como conjuntos de valores, os quais vão sendo deslocados, relidos por diversas gerações em diferentes momentos.¹³⁶ Na verdade, a realidade cabo-verdiana foi muito marcada por uma vigorosa articulação entre evocações etnográficas, conceitos sociológicos e minúcia historiográfica que demonstram que as grandes revoltas camponesas do interior de Santiago, do século XIX e início do século XX, tinham causas materiais e foram conduzidas, também, por razões culturais.

A colonização portuguesa foi ameaçada por revoltas de escravos e de rendeiros: pelo menos por três vezes, os rebeldes atuaram ao longo de um tenso século agrário santiaguense. As revoltas, efetivamente, ocorreram porque, para além das estruturas materiais e das disposições subjetivas, houve formas de resistência e de atuação. Mulheres e homens afrontados rezaram, armaram, fizeram complôs e desafiaram as autoridades coloniais corpo a corpo. Essas três revoltas são: as Revoltas dos Engenhos em 1822, as de Achada Falcão em 1841 e as de Ribeirão Manuel em 1910. A dimensão religiosa da vida camponesa no interior da ilha de Santiago é explorada à exaustão mas não constituiu motivos suficientes para a eclosão da revolta dos rendeiros. Na reconstituição da textura etnográfica, o festejo do batuque, da tabanca, dos reinados e do Corpo de Deus fornecem elementos de legitimação e modelo de

¹³⁶ CHARTIER, Roger, *A história cultural. Entre práticas e representação*, Bertrand Brasil, Rio de Janeiro, 1990, p. 136-137.

atuação.¹³⁷ A eficácia do poder de uma autoridade divina está diretamente relacionada ao mundo dos significados e à própria prática de dominação, formando o que se nomeou como hibridismo. Por isto, a revolta dos rendeiros desafia a autoridade dos padres e das suas doutrinas, fazendo com que as palavras eclesiásticas não fossem vistas como fonte de verdade. A autoridade divina teria que se ajustar aos valores socialmente aceites na comunidade.¹³⁸ Há fatores religiosos que permitem compreender certas formas de reivindicação e de resistência às autoridades religiosas e civis. A deterioração da situação económica e social em Cabo Verde, na primeira metade do século XIX, foi determinante para a eclosão das revoltas dos rendeiros do interior da ilha de Santiago. As revoltas são analisadas não só como decorrentes da deterioração da situação socioeconómica, como traduzem as manifestações sociais em Cabo Verde.

As revoltas deviam-se às elevadas rendas pagas pelos rendeiros, à precariedade dos contratos e às desigualdades sociais.¹³⁹ A transferência da sede do governo para a ilha de São Vicente tinha como objetivo reformar as caducas instituições agrárias, criar uma administração mais dinâmica e ligar o arquipélago ao mundo.¹⁴⁰ As festas representavam momentos propícios para as reivindicações políticas. As festas religiosas não são autossuficientes para justificar a eclosão das revoltas, caso contrário, as revoltas circunscrever-se-iam ao tempo das festas. Pelo contrário, as festas representavam momentos em que não só o devoto procurava venerar o santo padroeiro, como também de mobilização política. A própria mão-de-obra era regida por normas estabelecidas pela tabanca. Assim sendo, é válido considerar que a revolta dos Engenhos (1822) deveu-se aos excessos na cobrança das rendas e arbitrariedades

¹³⁷ PERREIRA, Eduardo A. C., *Política e Cultura: As revoltas dos Engenhos (1822), de Achada Falcão (1841) e de Ribeirão Manuel (1910)*, Imprensa Nacional de Cabo Verde, Praia, 2015, p. 13.

¹³⁸ BHABHA, Homi K., *O local da cultura*, Reimp, Belo Horizonte, 2005, p. 115.

¹³⁹ ANDRADE, Elisa S., *As ilhas de Cabo Verde: da descoberta a independência (1460-1975)*, Éditions L'Harmattan, Paris, 1996, p. 115.

¹⁴⁰ SILVA, António L.C., *No tempo do Porto Grande do Mindelo*, Praia/ Mindelo: Centro Cultural Português, 1998, p. 20.

praticadas pelo morgado. A revolta deve ser compreendida no âmbito das mobilidades políticas, com a introdução do liberalismo em Cabo Verde, resultado das reivindicações dos rendeiros contra o monopólio da terra no interior da ilha de Santiago.

Tais festas propiciavam união dos rendeiros à volta dos principais problemas da comunidade de trabalhadores rurais. Durante a semana do cortejo das tabancas, os seus membros faziam festas que iam noite fora, com muita aguardente. Estas festas eram pontuadas pelo batuque e pelas cantigas próprias da tradição local, isto é, do interior da ilha de Santiago.¹⁴¹ Na revolta dos Engenhos, os rendeiros amotinados tinham diversos instrumentos rituais por eles utilizados nos acampamentos, o que aponta para a presença do ritual utilizado nos reinados da tabanca. Dentre estes instrumentos, salienta-se a presença de tambor de Nossa Senhora do Rosário que, ao contrário de ser utilizado para resistir às autoridades, propiciava brincadeiras entre os rendeiros. O tambor não era apenas utilizado para acordar os rendeiros, como era tocado como divertimento, o que nos remete para as festas do reinado da tabanca tanto quanto para a celebração do Corpo de Deus. As revoltas não tinham apenas como objetivo protestar contra a opressão e as explorações que os rendeiros vinham sofrendo dos seus morgados. Também serviam para contestar a ordem política, exigindo o reconhecimento por parte do governo-geral dos seus direitos políticos. Além da tentativa de organização militar e política dos escravos e rendeiros do interior da ilha, destacam-se as vertentes religiosas de tais associações, garantes dos laços solidários no seio da comunidade.¹⁴²

No imaginário coletivo dos habitantes das ilhas, ainda hoje, a falta da chuva nunca foi tida como um acontecimento natural e sim como castigo divino pelo pecado humano. No caso específico da revolta dos Engenhos, de 1822, os rendeiros, ao

¹⁴¹ PERREIRA, Eduardo A. C., *Política e Cultura: As revoltas dos Engenhos (1822), de Achada Falcão (1841) e de Ribeirão Manuel (1910)*, p. 35-37.

¹⁴² PERREIRA, Eduardo A. C., *Política e Cultura: As revoltas dos Engenhos (1822), de Achada Falcão (1841) e de Ribeirão Manuel (1910)*, p. 66-68.

expulsarem o morgado, fundaram um ritual próprio erguendo um altar onde recitavam as ladainhas. A revolta dos rendeiros de Achada Falcão estava diretamente associada ao desejo desenfreado do morgado na recuperação dos rendimentos da dita fazenda, o que resultou no aumento exagerado das rendas das terras e na expulsão dos devedores.

Os rendeiros vinham sofrendo com as medidas arbitrárias dos morgados nos finais de 1828. Também, mesmo que o rendeiro pagasse a sua renda em dia, o seu futuro estava diretamente associado ao desejo do morgado. O sagrado tem o poder de se apropriar de coisas, como no caso das terras e das casas dos rendeiros, transformando-as em bens sagrados, bem como o poderio de uns sobre os outros. A vida, na sua totalidade, passa a ser interpretada como sendo santa, em virtude de uma criação divina. A vida santificada implica viver uma vida transformada. Para os rendeiros, os alimentos são também santos, conseguidos com a bênção dos santos padroeiros. As suas casas, feitas de colmos, de coqueiro, palha, pedra e barro, representavam a manjedoura onde Cristo nasceu e viveu; por isso, ao mandar destruir as suas casas, o morgado estaria a destruir um bem sagrado, tendo em conta que também o corpo representa o templo de Deus. O morgado, ao praticar vexames, expulsar os rendeiros das suas terras e casas, estaria também a desafiar a justiça divina, indo contra os princípios sagrados. Não é por acaso que a paixão de Cristo é festejada até hoje com toda a pompa na ribeira dos Engenhos, representando a salvação de Cristo crucificado. A própria festa do Corpo de Deus era identificada com a libertação dos antigos escravos. Jesus Cristo era o justiceiro nos momentos das injustiças.¹⁴³

Para os trabalhadores rurais, as injustiças sociais reinantes constituíam uma afronta às leis comunitárias, tendo em vista que Cristo não fazia distinção entre rico e pobre. Os assaltos às propriedades dos morgados pelos rendeiros em 1910, com a

¹⁴³ PERREIRA, Eduardo A. C., *Política e Cultura: As revoltas dos Engenhos (1822), de Achada Falcão (1841) e de Ribeirão Manuel (1910)*, 80-81.

revolta de Ribeirão Manuel, representavam a vinda de Cristo, arrebatando de assalto os justos e fazendo justiça sobre os injustos. No imaginário do interior da Ilha de Santiago, tornava-se indispensável a redenção do ser humano, tornava-se fundamental que os devotos se guiassem pelo modelo que é Cristo, a «Pedra Angular». Os rendeiros acreditavam que sem a graça de Deus não poderiam ser libertados da exploração na qual viviam, pois Jesus venceu o sofrimento e a escravidão deste mundo e restabeleceu a liberdade humana. Com esta demonstração, verifica-se um processo de conscientização sobre a dignidade da pessoa humana, a fraternidade, os direitos e dos deveres.

Os padres da terra esforçavam-se também para conscientizar os rendeiros de que os morgados não deveriam monopolizar o poder político. Além disso, nas rezas dos responsos, faziam crer aos mesmos que não era pecado roubar aos morgados, uma vez que estariam tomando o que lhes pertenciam, como também a pressionar as autoridades locais a declararem o regime de trabalho vigente como injusto. Acreditavam que depois de garantir a salvação do género humano, Deus estabeleceu a sua lei, pela qual deveremos guiar as nossas condutas, renunciando à perversidade. Para tal, deveria fazer renúncia às paixões individuais, deixar de ser escravos dos próprios apetites, para servirem a vontade de Deus. Todo aquele que quisesse atingir a salvação, deveria renunciar aos bens terrenos, para seguir os bens mais supremos do céu, sobretudo o amor de Deus. Portanto, os rendeiros, ao revoltarem-se contra os desmandos dos morgados, acreditavam estar renunciando ao egoísmo, à ambição por bens terrenos e à perversidade, como principais exigências para atingir a dignidade da pessoa humana. Além disso, segundo estes, Cristo aconselhou a prática de obras de Caridade e de justiça como pré-condição para a salvação. Segundo esses padres, os rendeiros deveriam renunciar a todos os bens materiais, bem como àqueles que buscassem bens materiais,

como principais fundamentos para alcançar a vida eterna e as bênçãos de Deus.¹⁴⁴ A resistência religiosa dos rendeiros ao catolicismo dava lugar constantemente às resistências políticas. Se, no âmbito religioso, os rendeiros contestavam as doutrinas, bem como a forma de organização do culto divino, na mobilização política, os rendeiros resistiam ao regime político-económico vigente, representado pelos abastados morgados.

Podemos salientar que a evangelização em Cabo Verde não se baseou somente na parte espiritual, mas também no campo moral, porque os padres, nas suas homilias, pretendem contestar não só o monopólio espiritual, como, sobretudo, o monopólio político-económico vigente. É preciso dizer que a mensagem religiosa foi constantemente significativa para os devotos, o que explica porque os dogmas tendem a afastar-se da mensagem original. A revolta dos rendeiros contra os morgados estava assente em princípios bíblicos, segundo o qual «é mais fácil entrar um camelo pelo fundo de uma agulha do que um rico no reino de Deus» (Mt 19, 24).

As doutrinas religiosas modificaram o significado para cumprir novas funções políticas, segundo as quais os rendeiros pretenderam questionar o sistema político vigente. Para os rendeiros, a dignidade da pessoa humana, inspirada em Cristo, deveria estar acima de todos os interesses económicos. Fazia crer que Deus, por meio do relato bíblico, estabelecia direitos iguais para todos os homens, criados à sua imagem e semelhança. O clero local fazia crer que, como obra de salvação, os rendeiros deveriam cumprir a vontade de um Deus que condenava a injustiça. Para os rendeiros, os frutos resultantes da colheita não pertenciam ao morgado, antes constituíam uma bênção de Deus ao seu povo. Ao apropriar-se dos seus frutos, o morgado estaria a roubar a graça concebida por Deus e atraindo a sua ira sobre a comunidade. Os padres desse tempo

¹⁴⁴ TURNER, Victor W., *O processo ritual: estrutura e antiestrutura*, Editora Vozes, Petrópolis, 1997, p. 118, 143.

tinham um trabalho redobrado porque tinham que fazer a vontade de Deus, de modo que ninguém saísse prejudicado de acordo com a justiça de Deus.¹⁴⁵

A revolta de Ribeirão Manuel foi liderada por mulheres. Estas organizaram os assaltos aos morgados, organizaram resistências contra as autoridades administrativas além da convocação dos demais rendeiros. Não foi por acaso que foram presas pela autoridades locais que, com esta medida, pretendiam punir os revoltados. Para os rendeiros, a prisão das suas mulheres constituía, antes de mais, uma afronta a Deus, pois, «bem-aventurados os que têm fome e sede de Justiça, porque serão saciados» (Mt 5, 6). Acreditavam que tanto o seu sofrimento quanto a perseguição por parte dos morgados, assemelhava-se à perseguição contra o povo de Deus. A revolta constituía um sacrifício a Deus, que tudo superou com humildade, pois garantiu que «Bem-aventurados os humildes de espírito, porque deles é o reino dos céus» (Mt 5, 3).¹⁴⁶

2.5- A Ilha de S. Nicolau no centro dos acontecimentos eclesiásticos no Séc. XIX

Nos primeiros anos de povoamento das ilhas, as missões religiosas chamaram a si a tarefa de ensinar os rudimentos da escrita e da leitura aos escravos que eram posteriormente vendidos ao continente americano. Não havendo grandes possibilidades de exploração agrícola devido ao clima seco e às condições desfavoráveis dos solos, restava tempo para o desenvolvimento de outras tarefas, nomeadamente a evangelização; daí o forte contributo e empenho da Igreja Católica na propagação do ensino informal em diversas paróquias e, mais tarde, na criação oficial de estabelecimentos de ensino. Foi o caso do Seminário-Liceu de São Nicolau, primeira escola secundária do arquipélago a funcionar regularmente e que contribuiu para a

¹⁴⁵ BOURDIEU, Pierre, *A economia das trocas simbólicas*, 6ª ed. Perspetiva, São Paulo 2007, p. 43, p. 69.

¹⁴⁶ PERREIRA, Eduardo A. C., *Política e Cultura: As revoltas dos Engenhos (1822), de Achada Falcão (1841) e de Ribeirão Manuel (1910)*, p. 471-472.

formação de alguns sacerdotes, mas também de indivíduos laicos que integraram os serviços administrativos noutras colónias portuguesas.¹⁴⁷ A ilha de S. Nicolau, situada pouco mais ou menos no centro geográfico de Cabo Verde, parecia o lugar aconselhado para a instalação do Seminário-Liceu e das estruturas da Diocese. É conhecida como o berço da intelectualidade. O seminário de São José, construído em 1866, foi o primeiro liceu do país. Daí ser, frequentemente, atribuída a esta ilha a denominação de berço da intelectualidade cabo-verdiana.¹⁴⁸ A Igreja de S. Nicolau foi Sé nos tempos em que o Bispo de Cabo Verde se mudou de Santiago para a Ilha de S. Nicolau, em busca de melhor clima e tranquilidade. Foi guardião de um tesouro valioso de que resta o belo cálice de ouro, deixado na Igreja depois do bispado ter regressado à capital com todo o seu espólio.

No início do século XIX, um observador estranho ao meio, com intenção de intervir ativamente na governação da colónia, afirmava que os capitulares, estes poucos que existem, são faltos das necessárias luzes e doutrinas, para cumprirem os deveres da sua instituição e cargos. A educação, mesmo que informal, ministrada a laicos e clérigos, parece ter desaparecido ou decaído muito. A gravidade do problema, porém, parece ter atingido o seu máximo nesta época, visto que, logo a partir de 1817, as escolas de ensino primário proliferaram e o liceu nacional da província de Cabo Verde foi fundado em 1860, integrando as cadeiras de Filosofia Racional e Moral e de Teologia. Seis anos mais tarde o Seminário-Liceu de Cabo Verde, organizado pelo Bispo D. Luís Alves Feijó, na Ilha de S. Nicolau, viria solucionar o problema da

¹⁴⁷ BASSEY, Magnus, *Western Education and Political Domination in Africa: A Study in Critical and Dialogical Pedagogy*, Bergin Garvey, Boston, 1998, in: RAMOS Maria da Luz, *O fenómeno elitista em Cabo Verde: o papel da educação escolar em Cabo Verde*, (tese) p. 12.

¹⁴⁸ LOPES, João Filho, *Ilha de São Nicolau. Cabo Verde. Formação da Sociedade e Mudança Cultural*, Vol. II, Edição: Secretária-geral, Ministério da Educação, Praia, 1996, p. 20.

instrução específica do clero.¹⁴⁹ S. Nicolau ficou marcado pelo despertar do século XIX, em Portugal, como de resto em muitos dos países da Europa de então, pois o anticlericalismo tinha adquirido relevância nos combates ideológicos, sociais e políticos. Constituía motivo de sufoco para ações ligadas a quaisquer instituições religiosas. Marcado pelo triunfo do liberalismo e pelo ideal humanista do século precedente, o século XIX alicerça-se na defesa dos direitos do indivíduo encarnadas pelo Estado, disputando as diversas formas de autoridade e estabelecendo que a felicidade só pode ser concebida à escala individual. Na sua exigência de liberdade, o liberalismo proíbe toda e qualquer forma de compromisso pessoal que limite o seu exercício, quer se trate de votos perpétuos proferidos pelos membros do clero regular, quer se trate do compromisso, mesmo voluntário, com uma associação profissional que submeta os seus membros a um regulamento comum.

Assiste-se nessa época a vários ataques à autoridade da Igreja e, por conseguinte, a uma diminuição da prática religiosa, contornada, entretanto, pela cúpula da Igreja Católica sempre que os ventos da mudança se apresentassem a seu favor. A Igreja Matriz de Nossa Senhora do Rosário, na Vila da Ribeira Brava, ilha de São Nicolau, será a mais antiga igreja existente e em funcionamento em Cabo Verde. Construída nos finais do século XVIII, foi mais tarde reconstruída tal como hoje se apresenta, a partir de 1890, tendo as obras demorado sete anos e sendo a nova basílica inaugurada a 8 de Maio de 1898. Em contrapartida, a ideia de tolerância e de laicismo, após a Revolução Francesa, são motivos de preocupação das Igrejas. A laicidade das instituições assustadas: tendo detido durante muito tempo o monopólio da educação dos filhos, aceitam mal

¹⁴⁹ SANTOS, Maria Emília Madeira e SOARES, Maria João – «Igreja, Missionação e Sociedade», in: SANTOS, Maria Emília Madeira, Coord. *História geral de cabo verde*, Vol. II, p. 505-506.

o próprio princípio de um ensino público que se vai esboçando e ganhando corpo a partir dos finais do século XIX.¹⁵⁰

2.5.1- O Seminário - liceu

O Seminário-Liceu de S. Nicolau foi uma tentativa de interpretar, em traços largos, o caminho percorrido pelos cabo-verdianos nos domínios da educação e do ensino, como mola propulsora, a partir da qual a dimensão educativa passou a ocupar o centro das preocupações do homem cabo-verdiano. É sob a proposta de criação de uma instituição que servisse para ministrar o ensino eclesiástico e civil, que a ideia acabava por vingar e dar lugar ao surgimento de um estabelecimento de ensino muito respeitado na época, em Cabo Verde, em toda a Costa Ocidental de África, quiçá um dos mais conceituados em todas as ex-colónias do império português. Como é sabido, a fundação do Seminário-Liceu de S. Nicolau deu-se na segunda metade do século XIX, época em que a situação social no arquipélago era insustentável, suportando as ilhas mais uma das graves crises de fome, com assustadora mortandade, obrigando os cabo-verdianos a abandonar o território pela via da emigração.¹⁵¹

Atravessava a Igreja, porém, no século XIX, uma grande crise, quando sentiu vivamente a necessidade de reformar o ensino eclesiástico. Por tal motivo, os Padres do Ecuménico Concílio Tridentino, excogitaram ou antes renovaram um método de educar ministros ilustres em ciência e morigeração por meio dos Seminários. Dentro deste contexto, e como forma de poder contar com o apoio jurídico/ legal e económico/ financeiro das autoridades governamentais, nascia em Cabo Verde, em 1866, após longos séculos de tentativas sem sucesso, o Seminário-Liceu, com o duplo objetivo de

¹⁵⁰ BRESTEIN, Serge e Miliza Pierre, *História do Século XIX*, Publicações Europa - América, Lisboa, 1997, p. 83.

¹⁵¹ NEVES, Baltazar Soares, *Seminário - Liceu de S. Nicolau: o contributo para a história do ensino em Cabo Verde*, Centro de Estudos Africanos da Universidade do Porto, Porto, 2008, p. 26-27.

formar sacerdotes para as reais necessidades do arquipélago e, ao mesmo tempo, formar quadros para a vida civil. Assim, apesar de inúmeros constrangimentos, graças, principalmente, aos constantes esforços dos ilustres Prelados (Reitores) da diocese, embora contrariados por diversas causas, fundaram-no e fizeram-no funcionar em benefício do clero e da sociedade cabo-verdiana.

Foi preciso remover vários obstáculos para que este acontecimento viesse à luz do dia, emergindo da letargia em que se encontrava mergulhado, ainda que arrastando a sua abertura efetiva por muito tempo, situação favorecida pelo clima anticlerical, bastante exacerbado, nos meados do século XIX. A iniciativa consiste, todavia, em apontar pistas e as sinergias da moral e do ideal da educação, da História do Ensino em Cabo Verde, como forma de compreender o passado, chave essencial para podermos entender e interpretar o presente e perspetivar o futuro.¹⁵² No ano de 1866, recebia o Bispo, vindos do Seminário de Cernache do Bonjardim, três cónegos, três sacerdotes e cinco seminaristas. Foi com estes contributos preciosos que, em 3 de Setembro do referido ano de 1866, se dava início ao Seminário de São Nicolau. Os resultados benéficos provenientes da abertura do novo Seminário depressa se fizeram sentir: os novos padres, cheios de zelo e de boa vontade, além da direção do seminário, exerciam a sua atividade nas paróquias, servindo de estímulo aos outros sacerdotes.

O programa de estudos do Seminário era equiparado ao dos Liceus em Portugal: o curso preparatório era oferecido não somente aos candidatos ao sacerdócio, mas também aos destinados ao funcionalismo. O curso preparatório dividia-se em dois: o primeiro, a fase elementar, e o segundo, a fase complementar. A fase complementar abrangia 16 cadeiras distribuídas por seis anos, incluindo, além do estudo das línguas, a literatura clássica, filosofia nacional, direito, economia política, ciências físico-químicas

¹⁵² NEVES, Baltazar S., *Seminário - Liceu de S. Nicolau: o contributo para a história do ensino em Cabo Verde*, p. 28-30.

e matemática. O Curso Eclesiástico era de três anos e comportava 19 cadeiras.¹⁵³ O Seminário-Liceu pode ser visto como uma demonstração, não só da capacidade organizativa da Igreja Católica, mas também da sua aceitação e influência no arquipélago, onde não encontrou grandes resistências no processo e conversão ao catolicismo dos africanos levados para as ilhas, ao invés do que sucedia noutras colónias portuguesas, onde o islamismo ou o animismo dificultavam o avanço do cristianismo.

O ensino de qualidade providenciado pelo Seminário-Liceu, o seu carácter elitista, alicerçado em princípios religiosos e culturais dos portugueses, permitiu formar jovens que foram integrar os serviços públicos das outras colónias ultramarinas, desempenhando um papel de mediador entre as populações locais e os objetivos de assimilação gizados pelo Governo da Metrópole.¹⁵⁴ A fundação do Seminário-Liceu foi dos acontecimentos mais felizes da história de Cabo Verde – dele partiu a luz que mais intensamente iluminou Cabo Verde. Efetivamente, quem, senão o Seminário-Liceu de São Nicolau, formou famosos talentos - prosadores brilhantes, poetas distintos e outros – tais como José Lopes, Corsino Lopes, Miguel Monteiro, Porfírio Tavares, Pedro Monteiro, Silva Araújo, Costa Teixeira, Duarte da Graça, Lopes Cardoso, Marques Lopes, Pedro Delgado e Tertuliano Ramos? Filhos do Seminário foram ainda os «esperançosos moços», cujos nomes também se registava na história da literatura cabo-verdiana – Barbosa Ferreira, Barreto de Carvalho, Francisco Duarte, José Calangans, Lela Lopes, Mário Pinto e outros tantos. A ação educativa do Seminário-Liceu foi decisiva na civilização cabo-verdiana.¹⁵⁵

¹⁵³ CERRONE, Frederico, *História da Igreja de Cabo Verde: 450 anos da Igreja em Cabo Verde*, p. 38.

¹⁵⁴ BORGES, José dos Reis, «*O Seminário-Liceu da Ilha de São Nicolau de Cabo Verde*», in: Boletim da Agência Geral das Colónias, Março, Lisboa, 1929 Separata do nº 45.

¹⁵⁵ http://submarinocaboverdiano.blogspot.pt/2015/01/o-seminario-liceu-da-ilha-de-sao_5.html, 30/09/2015, 22:35.

Assim, pode-se considerar que este estabelecimento de ensino exerceu papel precursor e propulsor da arte literária, das transformações religiosas, culturais, identitárias, sociais e da economia; rompeu em definitivo com o conformismo do passado, com as contingências do descontínuo e afirmou-se como símbolo de continuidade.

Nos velhos tempos, criava-se uma cadeira de Moral aqui, outra de Gramática acolá e volvidos anos se encerravam, por falta de estímulos, de apoios financeiros e de competência académica que garantisse a sua manutenção, como por diversas vezes ocorreu com as cadeiras de Moral e Gramática, criadas ora em Santiago, ora em S. Nicolau, ora no Fogo, ou na Brava. No entanto, o porvir da educação, ancorado em todas as ilhas, seria uma questão de tempo.¹⁵⁶ Nos fins do século XIX e graças ao seminário de S. Nicolau, a Igreja em Cabo Verde atingia um nível tal, que, tendo já clero quase suficiente, se permitia ao desmembramento de algumas paróquias de maior densidade, como por exemplo, a de Cova Figueira na Ilha do Fogo, Nossa Senhora do Monte na Ilha Brava. Uma das críticas apontadas à organização do Seminário-Liceu de S. Nicolau era de que a formação dos alunos destinados ao funcionalismo era demasiado condicionada à formação eclesiástica e a de que era proibido às raparigas frequentarem as aulas do Seminário.¹⁵⁷

2.5.2- A Igreja e o Regime Republicano em Cabo Verde

A implantação do regime republicano em Portugal, em 5 de Outubro de 1910, apresentava-se, mal oculta sob a capa de liberdade, animada de cínico sectarismo religioso: a lei de separação do Estado da Igreja, aprovada em 1911, foi o golpe de misericórdia nas mais benéficas instituições. Muitos seminários tiveram que fechar as

¹⁵⁶ NEVES, Baltazar S., *Seminário - Liceu de S. Nicolau: o contributo para a história do ensino em Cabo Verde*, p. 241.

¹⁵⁷ CERRONE, Frederico, *História da Igreja de Cabo Verde: 450 anos da Igreja em Cabo Verde*, p. 42.

suas portas, alguns bispos tiveram de partir para o exílio, nacionalizada a maior parte dos edifícios da Igreja e os seus bens pura e simplesmente confiscados. Devia a referida lei ter aplicação rápida, íntegra e total no ultramar, pelo que toda a organização missionária de ensino e evangelização seria substituída por missões laicas. Não acataram tal decisão os administrativos das colónias, vendo e prevendo a ruína total de tanto bem trazido às populações através da Igreja. O novo bispo a chegar a Cabo Verde, em fins de 1910, foi impedido de desembarcar na Praia, sob o pretexto de que o povo assim queria, por acreditar que o desembarque do bispo suspenderia as chuvas. Teve assim de rumar para S. Nicolau. Enquadrado no espírito sectário e antirreligioso da nova Republica, o novo governador, Marinha de Campos, procurou por todos os meios, achincalhar e zombar da religião, na pessoa dos seus ministros. Marinha de Campos mandou prender o pároco de Santa Catarina, sob pretexto de que ele aconselhava o povo a desrespeitar a propriedade alheia e, não concordando com a proposta do juiz, o censurado tinha de apresentar fiança, mantendo-o em prisão o tempo que lhe aprovesse. Marinha de Campos, em 1911, suspendeu o exercício e vencimentos a um professor do Seminário-Liceu, por este ter pregado contra o divórcio.

A lei de 20 de Fevereiro de 1911, que tornava obrigatório o registo civil dos nascimentos, casamentos e óbitos, forneceu pretexto para passarem abusivamente à Conservatória do Registo Civil os livros e documentos da Câmara Eclesiástica; nas paróquias, por ocasião da transferência ou morte do pároco, os arquivos passaram para os postos do Registo Civil.¹⁵⁸

O Regime Republicano provocou um grande golpe no coração da diocese: «O advogado Afonso Costa, maçónico ferrenho e anticlerical de gema, afirmava em alto e bom som, que em Portugal Fé–Religião–Crença terminariam em menos de duas

¹⁵⁸ CERRONE, Frederico, *História da Igreja de Cabo Verde: 450 anos da Igreja em Cabo Verde*, p. 43-44.

gerações. Em Cabo Verde, outro tanto aconteceu. Uma lei, emanada em 30 de Junho de 1917, propunha a reestruturação da Instrução Pública, extinguindo o Seminário - Liceu, transferido para São Vicente, e criando duas escolas primárias superiores, uma na Praia e outra em S. Nicolau, no antigo seminário». ¹⁵⁹

A perseguição procurava desnortear também os fiéis: chegou-se a pretender formar uma Associação de Culto, na Praia, com o nome de Irmandade de Nossa Senhora da Graça. ¹⁶⁰ A partir de 1921, começaram a aparecer leis em Portugal que favoreciam a Igreja. No entanto, Cabo Verde e Guiné pouco se aproveitariam dessa acalmia. Perdia-se o Governo de Lisboa em diatribes políticas, ocas de sentido e falhas de resultados práticos. Em Cabo Verde, não se vislumbravam perspectivas de desenvolvimento, quer pela incúria dos governantes, quer pela seca praga, já encontrada na vida normal das ilhas. Foi crescendo a emigração para os Estados Unidos. De 1900 a 1920, transferem-se para a América 18.629 pessoas, provenientes, na grande maioria, das ilhas de Sotavento, mais populosas e mais atingidas pela seca. Também, no meio disso tudo, existia a emigração forçada, onde os indivíduos eram forçados a emigrar para S. Tomé, no intuito de escaparem a uma situação de miséria. Os cabo-verdianos eram assalariados como mão-de-obra barata. ¹⁶¹

De 1920 a 1940, estende-se um grande silêncio sobre a Igreja e Cabo Verde: a Escola Superior de S. Nicolau, que ainda permitia a formação de alguns seminaristas, foi extinta inesperadamente em 1931 e transformada em albergue de 200 deportados políticos, perdendo-se assim a sua valiosa biblioteca. Pouco tempo depois, foi o mesmo edifício ocupado por tropas de Angola. Nas outras ilhas, sentia-se falta de pastores: morriam os párocos e não eram substituídos por não os haver.

¹⁵⁹ CRUZ, Pe. Lopes e Pe. Miguel de Oliveira, *Anuário Católico de Portugal do ano 1933*, Composto e impresso na Tip. da União Gráfica Travessa do Despacho, Lisboa, p. 304.

¹⁶⁰ CERRONE, Frederico, *História da Igreja de Cabo Verde: 450 anos da Igreja em Cabo Verde*, p. 45.

¹⁶¹ CERRONE, Frederico, *História da Igreja de Cabo Verde: 450 anos da Igreja em Cabo Verde*, p. 46.

Nessa situação, podemos constatar como é que os povos viviam a fé: um resto do povo, talvez animado por qualquer leigo, de sólida formação religiosa, ia vivendo a sua religiosidade. Assiste-se a uma espécie de conversão por parte do Estado e das forças públicas. As missões católicas não eram somente toleradas, mas desejadas.

A Revolução de 1926 reconhece a personalidade jurídica da Igreja e confessa abertamente a sua preferência pelas missões católicas. A Santa Sé congratula-se com o facto e em 1928 aparece já o primeiro Acordo Missionário respeitante aos territórios do Oriente. Mas o apogeu só foi atingido em 1940 com a Concordata e em 1941, com o Acordo Missionário.¹⁶²

¹⁶² CERRONE, Frederico, *História da Igreja de Cabo Verde: 450 anos da Igreja em Cabo Verde*, p. 46-47.

III CAPÍTULO

A IGREJA EM CABO VERDE NUMA PASTORAL DE DESENVOLVIMENTO

(SÉC. XX)

Neste capítulo pretendo abordar a veracidade daquilo que a Igreja apresenta no seu desenvolvimento para o crescimento de Cabo Verde em todos os níveis no século XX. Passada a borrasca do vendaval anti-religioso implantado em 1910 em Portugal e beneficiando de leis tolerantes e até, em certo sentido, favoráveis à Igreja que foram aparecendo a partir de 1921, Cabo Verde passaria, desde 1941, a usufruir das vantagens de ordem espiritual e temporal do Acordo Missionário então estabelecido entre a Santa Sé e Portugal. Por força desse acordo, Portugal deveria permitir a entrada nas então colónias de missionários não portugueses. Em Cabo Verde, aconteceram certas crises na transmissão da fé, o que foi um facto facilmente verificável, sofrido e intensamente lamentado por muitos crentes, pelas comunidades cristãs e pelos seus responsáveis.¹⁶³

No mesmo documento, previa-se a transferência da sede da Diocese de S. Nicolau para a cidade da Praia. E seria ainda para cumprir as letras do Acordo Missionário que o território da Guiné-Bissau viria a deixar de fazer parte da Diocese de Cabo Verde. Estes factos abriram um novo período na vida da Igreja em Cabo Verde, no qual se poderiam destacar a seguinte: 1941 a 1955, com D. Faustino dos Santos que chamou à missiões na Diocese os seus confrades Espiritanos, os Salesianos, os Capuchinhos, conseguindo a revitalização da missão na Diocese.¹⁶⁴

¹⁶³ BORGES, José dos Reis, *O Seminário-Liceu da Ilha de São Nicolau de Cabo Verde*, Boletim da Agência Geral das Colónias, Março, Lisboa, 1929, Separata do n° 45.

¹⁶⁴ Cf. <http://diocesessantiago.org/site/index.php/diocese/historia>. 24/05/2016 9:26.

3.1- A estabilidade e o início de uma nova era (séc. XX)

Em 1935, foi nomeado bispo de Cabo Verde D. Rafael da Assunção, mas a falta de saúde obrigou-o a regressar a Lisboa. Em 1940, a bula «*Solemnibus Conventionibus*» limitou a diocese ao arquipélago, vigorando em Cabo Verde, segundo o Acordo Missionário, o regime paroquial, constituindo cada ilha uma vigararia forânea. A área da Diocese de Cabo Verde era demasiado vasta, a ponto de o bispo não poder dar-lhe a cobertura necessária, em termos de visitas pastorais. Isso levava ao surgimento de frequentes conflitos. Outro aspeto que complicou o governo da Diocese foi a questão de o seu espaço ser heterogéneo em termos físicos, étnicos e religiosos, contribuindo para uma difícil gestão da diocese.¹⁶⁵ A partir de 1941, a diocese ficou a cargo dos padres da Congregação do Espírito Santo. Os sacerdotes desta Congregação e o bispo D. Faustino Moreira dos Santos, nomeado naquele ano para a diocese e falecido em Lisboa em 1955, lutaram pela renovação do clima religioso das ilhas¹⁶⁶.

Em 1941, a diocese estava em ruínas. Segundo o relatório da Congregação do Espírito Santo de 10 de Maio de 1943, o arquipélago tinha 30 paróquias, das quais 18 não tinham padre. De entre os 10 padres aí presentes, seis tinham entre 63 e 74 anos e 7 estavam doentes. Quanto à ilha de Santiago contava 11 paróquias para 77 192 mil habitantes e um único padre de 66 anos.¹⁶⁷ O séc. XX foi o que mais marcou a Igreja em Cabo Verde de uma maneira positiva, porque houve um olhar mais de amor, de piedade para com a fome do povo que vivia em Cabo Verde. Ainda em 1941, Cabo Verde era uma Diocese fantasma, quase não tinha sacerdotes; as Igrejas ruíam abandonadas; os fiéis, como ovelhas sem pastor, deixavam-se arrastar na torrente

¹⁶⁵ Cf. SANTOS, Maria Emília Madeira e SOARES, Maria João, «*Igreja Missionação e Sociedade*», In: SANTOS, Maria Emília Madeira, Coord. *História Geral de Cabo Verde*, Vol. II, p. 373.

¹⁶⁶ Cf. VARELA, S. H., *A Igreja em Cabo Verde da decadência à restauração: O contributo dos Missionários do Espírito Santo*, Dissertação para obtenção do grau de Mestrado Integrado em Teologia, orientada pelo Doutor Adélio Abreu e apresentada na Faculdade de Teologia, Universidade Católica Portuguesa, Porto, 2008, p. 15.

¹⁶⁷ Cf. ASCHER, F., *Os Rabelados de Cabo Verde: História de uma revolta*, p.27.

caudalosa das paixões e dos instintos; a criança não aprendia a erguer as mãos para o céu e o jovem desconhecia o caminho da Igreja e dos sacramentos. Metódico, perseverante a paciente, o senhor D. Faustino arrancou a Diocese dos miasmas da estagnação espiritual em que vegetava, espalhou-a ao sol vivificador de Cristo, purificou-a do lamaçal de imoralidade e do misticismo de superstição em que vivia, arejou-a com uma atmosfera nova de cristianismo, adaptou-a aos métodos modernos de civilização cristã e impulsionou-a para uma vida mais nobre e mais alta – a vida nobre dos ideais sublimes de Cristo.

A nomeação de D. Faustino Moreira dos Santos para Bispo da Diocese de Cabo Verde, homem de grande experiência e maturidade apostólica, proporcionou uma estrutura às paróquias em vários moldes. Já em 1955, ano em que faleceu D. Faustino, Cabo Verde podia ombrear, sem vergonha, com muitas Dioceses metropolitanas, quer no luzimento das suas festas, quer na frequência dos sacramentos e na vida cristã dos seus fiéis.¹⁶⁸ O século XX, portanto, foi uma época muito rica em termos da missão em Cabo Verde porque, depois da chegada dos Missionários do Espírito Santo em 1941, chegaram os Padres Salesianos em 1943 e a seguir, em 1947, chegaram os Padres Capuchinhos. O mesmo aconteceu com as Congregações femininas. Em 1943, chegaram as Irmãs do Amor de Deus e, em 1946, as Irmãs Espiritanas.

3.1.1- Os Espiritanos em Cabo Verde

A Congregação do Espírito Santo, fundada por Claude Poullart des Places, em 1703, nasceu vocacionada para se dedicar aos pobres. Tal dedicação teria, porém, de se alicerçar numa espiritualidade profunda, decorrente dos votos e da vida comunitária, fontes de dinamismo apostólico bem distinto da mera agitação filantrópica. A dedicação

¹⁶⁸ DIOCESE DE CABO VERDE, *Província ultramarina de cabo verde: Relatório das missões católicas referente ao ano 1955*, Minerva de Cabo Verde, Praia, 1955, p. 1.

aos pobres tinha a finalidade bem marcada de, antes de mais, salvar almas, o que se obtém pela oração e consagração ao Senhor mais do que mediante correrias através dos continentes. Esta finalidade de uma vida religiosa profunda, tendo em vista a salvação das almas mais abandonadas, não incluía em concreto qualquer campo de apostolado: indicá-lo seria obra da vontade de Deus. Algo maravilhoso aconteceu também com Cabo Verde. Apesar de não aparecer como evidente campo de realização dos objetivos imediatos da Congregação, em 1941, a Província Portuguesa da Congregação do Espírito Santo é chamada a evangelizar as ilhas de Santiago e do Maio, descobrindo o quanto Cabo Verde era campo adequado ao exercício da sua vocação específica: aí depararam-se com um povo pobre, com necessidade de salvação e ansioso por dispor dos meios para a ela aceder. Nos finais do século XIX e primeiras décadas do século XX, Cabo Verde passou por momentos e circunstâncias difíceis que levaram a uma quase total decadência, quer do ponto de vista económico, quer do religioso, apresentando-se, portanto, como campo apostólico que correspondia aos fins da Congregação.¹⁶⁹

A Congregação do Espírito Santo, na fidelidade ao seu carisma, continuou a sua missão de se ocupar dos ministérios humildes e difíceis, para os quais a Igreja dificilmente encontra obreiros apostólicos, especialmente a evangelização dos infieis, e entre estes os mais miseráveis, os da raça negra. A penosa situação do arquipélago de Cabo Verde, provocada pelas secas cíclicas, a instauração da República em 1910, agravaram a situação da prática religiosa em Cabo Verde, e só a partir do ano de 1941, favorecida pela Concordata de 1940, foi possível a reevangelização da Diocese por intermédio da ação apostólica dos Espiritanos, quase todos da Província Portuguesa e

¹⁶⁹ Cf. BORGES, Elvino M. O., *O projeto do Padre Francisco Libermann e a atividade missionária dos 1º Espiritanos em Cabo Verde (1941-1975)*, Dissertação final para obtenção do grau de Mestrado Integrado em Teologia orientado pelo Prof. Doutor Adélio Abreu e apresentada na Faculdade de Teologia, Universidade Católica Portuguesa, Porto, 2015, p. 3-4.

uma minoria da Suíça, e apoiados pelas Congregações religiosas masculinas e femininas e por alguns padres seculares.¹⁷⁰ Os missionários não tardaram em instruir o povo. A catequese foi um dos primeiros métodos usados logo no início e teve bom resultado. Como forma de reacender a chama da fé cristã e travar ou pôr termo aos atos imorais e ainda de lutar contra a fome e a miséria, os missionários começaram por catequizar as pessoas e a formar catequistas que futuramente seriam importantes colaboradores seus. A catequese foi um importante meio de reevangelização.¹⁷¹

A primeira preocupação dos missionários espíritanos foi a de zelar pela promoção das comunidades cristãs e pela formação de um laicado comprometido e responsável. Esta intensa atividade pastoral teve como fruto o nascimento de vocações sacerdotais, religiosas e missionárias. Quando a diocese começava a ganhar uma estrutura estável, reabriu-se, pois, um seminário diocesano dedicado a São José e como tal designado. O primeiro Reitor desse seminário foi um espíritano, o padre Augusto Nogueira de Sousa.¹⁷²

Os missionários em Cabo Verde tinham a consciência de que a sua ação devia ser social e não reduzida apenas à pregação e à catequese, porque a Igreja que aqui se pretendia implantar era uma Igreja local inerente ao solo (sociedade perfeita). A ação missionária, para lançar raízes e perdurar, devia dirigir-se à inteligência e ao coração do indígena, através de escolas, hospitais e outros centros de apoio social. Durante muito tempo, o povo cabo-verdiano careceu de uma identidade que o levasse a reconhecer-se ou como africano ou como europeu. Sendo mestiço, as duas particularidades encontravam-se em choque e, no entanto, havia a necessidade de uma harmonização das

¹⁷⁰ Cf. MIRANDA, José Pereira, *Padre Louiz Allaz: Missionário em Cabo Verde 1947-1976: Uma estrela na madrugada cabo-verdiana*, Assomada: Imprensa Nacional de Cabo Verde, 2014, p. 10.

¹⁷¹ APPCSSp. Padre José Maria de Sousa, relatando a sua experiência missionária em Cabo Verde desde 1963 a 1974, 29/06/2011.

¹⁷² BORGES Elvino M. O., *O projeto do Padre Francisco Libermann e a atividade missionária dos Espíritanos em Cabo Verde (1941-1975)*, p. 132.

duas partes. Os missionários, conscientes da crise social de um povo à deriva, por intermédio do Evangelho e segundo o carisma da Congregação, foram ajudando o povo a construir a sua própria sociedade. Para isso, era necessário discernimento de forma a ajudar o povo simples a acolher aquilo que servisse para a edificação da sua sociedade e a recusar os maus hábitos, ou seja, tudo aquilo que não serve para edificar uma sociedade civilizada onde reinem a união e a comunhão.¹⁷³ Em Cabo Verde, antes da reabertura do Seminário diocesano, os missionários acolheram alguns jovens desejosos da vida missionária e enviaram-nos para Portugal, a fim de continuarem a formação nos seminários da província portuguesa da Congregação do Espírito Santo. Dos enviados, o primeiro a ser ordenado foi Paulino Livramento Évora que, logo depois da ordenação, em 1963, foi missionário em Angola. Mais tarde, a 22 de Abril de 1975, três meses depois da independência, foi nomeado bispo da Diocese de Cabo Verde. O Padre Paulino Livramento Évora começou a sua atividade pastoral em Cabo Verde em 1975, como bispo da diocese de Cabo Verde, o primeiro bispo cabo-verdiano.¹⁷⁴

3.1.2- A Origem dos Rebelados

É um problema que podemos perguntar se surgiu com a chegada dos padres espiritanos ou se se manifestou apenas por essa ocasião. Não são necessariamente os padres missionários que provocaram a existência da comunidade dos rebelados. Para isso, temos que recorrer a uma visão geográfica da Ilha de Santiago:

¹⁷³ MIRANDA, *Padre Louiz Alla.*, p. 53.

¹⁷⁴ Cf. BATALHA, Luís, «A elite portuguesa-cabo-verdiana: ascensão e queda de um grupo colonial intermediário». In Carvalho, Clara Cabral, João de Pina, *A Persistência da História, Passado e Contemporaneidade em África*, Imprensa de Ciências Sociais, Lisboa, 2004, p. 225.



175

Temos a geografia da Ilha de Santiago, com uma forma que parece uma folha, com uma parte mais larga (mais ou menos no centro) e a outra mais estreita (o sul é mais largo e o norte mais estreito). Há nessa Ilha alguns aspetos: primeiramente, tem uma ponte de saída histórica que será a Cidade Velha, depois duas estradas que eram elementos de comunicação na ilha de Santiago (saindo da Praia, podemos ir até a Variante e aí desviar-nos para o Tarrafal via Calheta ou via São Domingos e Assomada). Essas estradas têm quase a forma da ilha: num determinado ponto da ilha, há uma maior largura entre as duas estradas. A maior distância deve ser a que vai de Picos, perto da Assomada, até Santa Cruz. Podemos dizer que os rebelados estão localizados na maior largura entre as duas estradas – à medida que a vamos

¹⁷⁵ Cf. <http://www.portugalcaboverde.com>.24/05/2016 16:45.

percorrendo, aí estão os rebelados.¹⁷⁶ Quando analisamos a situação dos anos de 1936 a 1940, que é uma época em que vai explodir essa situação dos rebelados, verificamos que as duas estradas atrás referidas já existiam, mas não havia ligação entre elas, isto é, não havia linhas ou vias de comunicação entre elas. Estes fenómenos provocam um tipo de isolamento, com pessoas de certa forma isoladas no centro dessas duas estradas. Se descobrirmos que os rebelados estão nesses lugares, longe do centro, podemos dizer que eles podem ser fruto da ausência de comunicação, ou seja, fruto do isolamento. Essas pessoas sofrem de isolamento e sentem-se automaticamente abandonadas, o que é normal, porque quando uma pessoa tem pouca comunicação, fica logo desconfiada à primeira novidade, porque não está habituada à essa mudança, e isso não é fácil.

Antes de 1936, os polos da comunicação na ilha eram a Cidade Velha e o Tarrafal, mas não era pela estrada, porque não as havia – saia-se da Cidade Velha, passava-se pelos Engenhos, Comissiono, Picos, Santa Catarina, São Miguel, depois chegava-se ao Tarrafal. Podemos ver que era uma comunicação pelo interior, que, ao fim e ao cabo, quase que nos vem mostrar que essa linha originária era uma linha no centro da Ilha; se formos ver, a Cidade Velha tem grande importância para Picos, Santa Catarina e Tarrafal.¹⁷⁷

Quando os agentes da evangelização chegaram a Cabo Verde (os missionários), passavam pelo meio e como não eram muitos, iam formando catequistas e esses iam fazendo a levedação e a catequização de todos os elementos que estivessem naquele sítio. Esses catequistas aguentavam a vida de fé através da catequese e da informação que tinham e também de uma liturgia reduzida que passava por um determinado tipo de orações que eram orações litúrgicas, rezavam o breviário (donde vêm as rezas), depois os livros em que as pessoas aprendem certo tipo de orações, por exemplo, as rezas de

¹⁷⁶ BENTO, Padre José Constantina, “*Origem de quem são os Rebelados*”, num diálogo informal, Cabo Verde, 29/08/ 2015.

¹⁷⁷ Cf. ASCHER, F., *Os Rebelados de Cabo Verde: História de uma revolta*, p. 30.

vésperas como havia naquele tempo – tudo em latim. A vida sacramental passava pelo Batismo, e esse era feito pelos catequistas: as crianças nasciam e, com o grande problema da mortalidade infantil, tinham que as batizar logo após o nascimento e só depois, se a criança não morresse, o padre passava para uma celebração mais solene – os catequistas «faziam cristão» para a criança não morrer sem o Batismo.¹⁷⁸ Dentro dessa situação difícil, de poucos padres, sem estrada, então foi-se criando uma comunidade que vivia do pouco que tinha. A chegada dos missionários gerou um embate maior no relacionamento com essas comunidades. Com a chegada de D. Faustino em 1941, verificamos uma dificuldade maior no que respeita à passagem dos missionários para esses lugares. Houve uma pequena confusão nesse «status quo». Mas os padres começaram a fixar-se nessas paróquias e começaram a penetrar no centro da ilha; podemos inferir que as pessoas perguntassem: «o que é que estes padres estão cá a fazer»? Tinha acontecido em 1936, uma certa revolta cultural com o surgimento dos «Claridosos» em que começaram a pôr o valor do interior das ilhas em relevo, o que tem a ver com a realidade política: quer dizer, houve, duas penetrações no interior da ilha: a dos missionários e uma dos políticos. Essas penetrações vão ser sintetizadas em três níveis: 1) Escola; 2) Saúde; 3) Catequese.¹⁷⁹

Esses três níveis são indispensáveis para a vida de uma comunidade, portanto é nessa época que começaram a explodir as escolas; surgem os cuidados com crianças para evitar a mortalidade infantil; inicia-se a luta contra o paludismo, promovendo-se em seguida uma campanha de desinfeção e luta contra os mosquitos. A partir daí, o Estado vai avançar com os trabalhos de endemias e entrar em todas as casas para fazer desinfeção. É dentro deste panorama que um belo dia chegaram os missionários para dar

¹⁷⁸ Cf. ASCHER, F., *Os Rebelados de Cabo Verde: História de uma revolta*, p. 58-59.

¹⁷⁹ BRÁSIO, António, *Descobrimento, Povoamento, Evangelização do Arquipélago de Cabo Verde*, in *Studia* 10 (1962), 49-97.

a sua catequese; tinham chegado os homens das endemias para pulverizar as casas e os professores para ensinar a doutrina - então os homens revoltaram-se e foram morar no «funco»¹⁸⁰.

Os homens rejeitaram essa necessidade de mudança e de crescimento; por isso, por falta de informação, saíram de casa com os que os quiserem seguir e foram morar no funco. Com eles, levaram os costumes que tinham, como as tais rezas, as orações, a sua cultura, o seu partido político. Podemos concluir que os rebelados são o resultado de uma ausência de comunicação, ausência de informação para o crescimento, para o avanço e para o desenvolvimento a nível cultural, intelectual, religioso, social e político, que levam as pessoas a não abrirem o horizonte para ver mais longe e a ficarem bloqueados no que pensam e nos que fazem o seu dia-a-dia sem pensar no bem comum, pois preferem levar a sua vida à parte, sem ir à escola, sem ir aos hospitais, sem a participação na vida política. Hoje, já quase não existem rebelados, vão acabando. À medida que mais pessoas vão chegando, mais informações recebem e menos rebelados estão ficando.¹⁸¹

3.2- A reorganização e recristianização na Igreja em Cabo Verde (séc. XX)

D. Faustino Moreira dos Santos é conhecido como o Bispo que fez uma grandiosa obra no campo da espiritualidade, mas podemos dizer que ele é igualmente grandioso no campo das realizações materiais, no sentido das construções das igrejas novas e das restaurações dos que estavam em ruínas. O recrutamento de pessoal missionário foi a sua primeira preocupação. A messe, de verdade, era grande e os operários poucos, mesmo muito poucos. Teve dificuldades na época, mas tudo venceu. Ordenou 6 sacerdotes seculares e recrutou pessoal de cinco Congregações Religiosas

¹⁸⁰ «Casas feitas de palhas e bocados de madeiras».

¹⁸¹ Cf. MONTEIRO, J., *Os rebelados da ilha de Santiago de Cabo Verde*, p.55- 56.

que muito o coadjuvaram no seu trabalho, que foi uma gloriosa obra de recristianização de Cabo Verde. Em 1955, contava no mapa dos agentes da evangelização nesta diocese 7 Padres seculares, 14 Padres da Congregação do Espírito Santo, 3 padres Salesianos e um Irmão Auxiliar, 13 Padres Capuchinhos e um irmão auxiliar, 9 Irmãs do Amor de Deus e 9 Irmãs do Espírito Santo. Nessa época, o pessoal não era suficiente, mas todas as freguesias tinham um Padre residencial ou encarregado que, frequentemente, fazia visitas, dando assistência com certa regularidade e eficiência.

Um dos problemas que preocupavam D. Faustino era, sem dúvida alguma, a reconstrução das igrejas e residências paroquiais. Como nos é dado ver pelos escassos recursos de que dispunha, pode-se perfeitamente afirmar que a obra das igrejas foi miraculosa. O Governo da Província, dentro das possibilidades do seu reduzido orçamento, coadjuvou eficazmente o Bispo nestas obras grandiosas de construções materiais. Com D. Faustino, podemos ver a sua atitude e preocupação em reconhecer a importância e a vantagem de uma Paróquia bem estruturada e organizada. «A Paróquia, sendo a Igreja colocada no meio das casas dos homens, vive e atua profundamente integrada na sociedade humana e intimamente solidária com as suas aspirações e os seus dramas. Frequentemente, o contexto social, sobretudo em certos países e ambientes, é violentamente sacudido por forças de desagregação e de desumanização: o homem pode encontrar-se perdido e desorientado, mas no seu coração permanece o desejo, cada vez maior, de poder sentir e cultivar relações mais fraternas e humanas.

A resposta a esse desejo pode ser dada pela Paróquia, quando esta, graças à participação viva dos fiéis leigos, se mantém coerente com a sua originária vocação e missão: ser no mundo «lugar» da comunhão dos crentes e, ao mesmo tempo, sinal e instrumento da vocação de todos para a comunhão; numa palavra, ser a casa que se abre para todos e que está ao serviço de todos, ou, como gostava de dizer o Papa João XXIII,

o fontenário da aldeia a que todos acorrem na sua sede». ¹⁸² Num olhar retrospectivo, contemplemos o quadro verdadeiramente consolador das obras realizadas desde 1941 a 1955, por iniciativa e responsabilidade da Diocese e do seu Prelado (D. Faustino): ¹⁸³

I - ILHA DE SANTIAGO

Igrejas Novas	Igrejas reparadas	Capelas reparadas	Residências Paroquias
Nossa Senhora de Fátima, em Santa Catarina: começada em 1947 e inaugurada em 1949.	S. João Batista em 1953.	Santa Ana, em São João Batista, em 1954.	Residência de S. Lourenço dos Órgãos, comprada em 1943.
S. Nicolau Tolentino, em S. Domingos: começada em 1945 e concluída em 1955.	Santa Catarina em 1954.	S. António, em São João Batista, em 1954.	Residência Episcopal, comprada em 1945 e ampliada em 1946 e 1947.
Santo Amaro Abade, na vila do Tarrafal: começada em 1947 e inaugurada em 1954.			Residência de Nossa Senhora da Graça, comprada e modificada em 1950.

II- ILHA DO FOGO

Igrejas Novas	Igrejas reparadas	Capelas reparadas	Residências Paroquias
Santa Catarina, em Cova Figueira: Começada em 1953 e terminada em 1955.	São Lourenço em 1952.	Santa Filomena, na freguesia de Nossa Senhora da Conceição, construída em 1954.	S. Lourenço: feita de novo, começada em 1953 e terminada em 1955.
	Nossa Senhora da Conceição em 1952.		Nossa Senhora da Conceição, São Felipe, comprada em 1953
	Nossa Senhora da Ajuda, nos Mosteiros, em 1955.		Santa Catarina, começou em 1955

III- ILHA BRAVA

Igrejas reparada
S. João Batista em Nova Sintra, em 1953.

¹⁸² PAPA JOÃO PAULO II, *Exortação Apostólica pós-sinodal Christifideles Laici*, 1988, nº 27.

¹⁸³ Cf. DIOCESE DE CABO VERDE, *Província ultramarina de cabo verde: Relatório das missões católicas referente ao ano 1955*, p. 2.

Nossa Senhora do Monte, em 1953.

IV- ILHA DO MAIO

Capelas novas	Capelas reparadas
São José, na Calheta_ começada em 1947 e terminada em 1949.	Nossa Senhora do Rosário. Lugar do penoso, em 1954.
Santa Filomena, no Morro, _ começada em 1954 e terminada em 1955.	

V- BOAVISTA

Residências Paroquias
Residência paroquial de Santa Isabel, comprada em 1952.

VI- ILHA DE S. NICOLAU

Igrejas reparadas	Capelas novas	Residências paroquiais
Nossa Senhora da Lapa, em 1949.	Nossa Senhora do Carmo, na Praia Branca: começada em 1948 e terminada em 1949.	Nossa Senhora da Lapa: comprada em 1942.
Nossa Senhora do Rosário, na Ribeira Brava, em 1954.		

VII. ILHA DE S. VICENTE

Igreja reparada	Capela nova
Nossa Senhora da Luz, em 1954 e 1955.	Santo António em Salamanca, em 1953.

XVIII - ILHA DE S. ANTÃO

Igreja nova	Igrejas reparadas	Residências paroquiais
Santo Crucifixo: começada em 1954.	Nossa Senhora do Rosário, Ribeira Grande, em 1945.	Ribeira Grande: comprada em 1944.
	Nossa Senhora do Livramento, Ponta do Sol, em 1953	Santo António das Pombas: comprada em 1950.

	Santo António das Pomba, Paul, em 1953	S. João Batista, Porto Novo: construído em 1955.
--	--	--

IX - ILHA DO SAL

Durante este período, construiu-se ainda a Igreja de Nossa Senhora das Dores, com residência paroquial anexa, na Ilha do Sal, por iniciativa do Senhor António Nogueira e que foi terminada em 1955, pela viúva, Dona Maria Luiza Nogueira.¹⁸⁴

Neste quadro, podemos ver que num espaço de 14 anos (1941-1955), a Igreja em Cabo Verde cresceu bastante na sua estrutura e organização para uma recristianização mais radical, porque, quando temos um espaço bem adequado, tudo se torna mais fácil e com mais sentido. A evangelização também se radica neste sentido de organização material das ferramentas que ajudam a levar o Evangelho de Cristo aos que se encontram longe. Neste âmbito, a Igreja, em Cabo Verde, em 1941, não possuía nada, mas, em 1955, já havia dois orfanatos para meninas, em S. Vicente e em S. Nicolau, dirigidos pelas Religiosas do Amor de Deus; Escolas de labores e uma Creche na Cidade da Praia; um dispensário e uma Escola de labores em Santa Catarina; a obra Salesiana em S. Vicente; 4 Conferências de S. Vicente de Paulo na Praia, no Tarrafal, em S. Lourenço do Fogo e em Santa Catarina de Santiago; 44 escolas rurais e 344 postos de catequese, espalhados por todas as Ilhas e sustentadas com um subsídio da Diocese. É de louvar a missão realizada pelo senhor D. Faustino, durante os treze anos e meio que dirigiu a Diocese.¹⁸⁵

O quadro revela-nos que o povo cabo-verdiano é um povo muito mariano, porque a maioria das paróquias tem como padroeira Nossa Senhora. Maria tem um papel fundamental na vida dos cabo-verdianos, Ela é a Mãe da evangelização.

¹⁸⁴ DIOCESE DE CABO VERDE, *Província ultramarina de cabo verde: Relatório das missões católicas referente ao ano 1955*, p. 2-5.

¹⁸⁵ DIOCESE DE CABO VERDE, *Província ultramarina de cabo verde: Relatório das missões católicas referente ao ano 1955*, p. 5.

«Juntamente com o Espírito Santo, Maria está sempre no meio do povo. Ela reunia os discípulos para o invocarem (Act. 1,14), e assim tornou possível a explosão missionária que se deu no Pentecostes. Ela é a Mãe da Igreja evangelizadora e, sem ela, não podemos compreender cabalmente o espírito da nova evangelização».¹⁸⁶

3.2.1- A língua crioula: instrumento para comunicar o Evangelho

O então dialeto crioulo unificou a totalidade do homem cabo-verdiano e estendeu-se também ao território da Guiné-Bissau. O crioulo foi inicialmente a língua materna dos escravos e seus descendentes e tornou-se, no decorrer dos séculos, a língua comum dos cabo-verdianos. O uso permanente e constante, em todos os níveis sociais, a antiguidade e a sua utilização quotidiana e em todas as situações são atestados documentalmente desde há séculos. A língua, mais do que qualquer outro fator, é um índice da identidade cultural do povo cabo-verdiano.¹⁸⁷ Também na base dessa cultura crioula está o desenvolvimento da educação e conseqüente valorização dos recursos humanos, articulando-se com o processo de constituição da elite política em Cabo Verde, uma vez que a posse de um diploma escolar sempre tem funcionado como um dos importantes critérios de recrutamento. O Seminário-Liceu de S. Nicolau e o Liceu de São Vicente representam os dois estabelecimentos de ensino que, historicamente, estão na gênese da primeira elite crioula. Após a independência, em 1975, a política de formação de quadros, implementada pelo governo para suprir a inexistência de uma universidade, marcaria o perfil dos cabo-verdianos que chegaram ao topo das estruturas de poder no arquipélago.¹⁸⁸

¹⁸⁶ PAPA FRANCISCO, *Exortação apostólica Evangelii Gaudium*, 6ª edição, secretariado-geral do Episcopado, Paulinas editora, Prior Velho, 2014, p. 187.

¹⁸⁷ TERRA NOVA, *Seminário linguístico sobre o crioulo em S. Vicente*. S. Filipe, Fogo, Ano V, Maio 1979, nº 50, p. 4.

¹⁸⁸ AFONSO, Manuela, *Educação e Classes Sociais em Cabo Verde*, Spleen Edições / Associação Académica África Debate, Lisboa - Praia, 2002, p.19.

No que se refere à Evangelização, a língua crioula foi e vai sendo um instrumento muito importante para fazer chegar a todos os cabo-verdianos a palavra que sustenta a alma. Ao lado e de braço dado com os missionários, encontravam-se nesta Diocese, verdadeiras almas de apóstolos que trabalhavam desinteressada e incansavelmente na obra que era comum para a recristianização de Cabo Verde. Muitas crianças que não podiam frequentar as escolas oficiais, quer por morarem longe, quer por falta de roupa para se apresentarem decentemente, quer ainda por insuficiência das escolas oficiais, iam aprendendo a ler e a escrever nas escolas paroquiais e, com os rudimentos da instrução primária, iam-se instruindo nas verdades da fé e da moral do evangelho; quase tudo era transmitido na língua crioula para facilitar a compreensão. Só não falavam crioulo os missionários estrangeiros, mas que com o tempo iam aprendendo e compreendendo essas almas que viviam na segura tremenda da palavra da vida e dos sacramentos. Os catequistas tinham uma ação catequética, evangelizadora, litúrgica e sacramental e começaram a ter um papel muito importante no contexto da vivência da comunidade porque o padre só passava duas vezes por ano se houvesse disponibilidade. Em 1955, podemos dizer que eram relativamente poucas as escolas paroquiais: 44 apenas em toda a Diocese. Embora todos reconhecessem a sua necessidade e influência, tinham de cruzar os braços perante a situação económica da Diocese que se sentia verdadeiramente impotente para alargar e ampliar a sua obra civilizadora e evangelizadora.¹⁸⁹

Os missionários descobriram na alma do povo uma grande disponibilidade para acolher o Evangelho porque era um povo considerado com capacidades e inteligência. O estado em que estava não justificava o contrário, porque na realidade, o que faltava era instrução. Os missionários acreditaram na capacidade e inteligência do povo; por

¹⁸⁹ DIOCESE DE CABO VERDE, *Província ultramarina de cabo verde: Relatório das missões católicas referente ao ano 1955*, p. 11.

isso, confiantes em que o povo tinha capacidade para aprender, muitas iniciativas e atividades foram por eles levadas a cabo. No mundo, ainda são muitas as pessoas que não conhecem Jesus Cristo. A missão *ad gentes* mantém a sua urgência e vigência e todos os batizados são chamados a participar, pois, como recorda o Papa Francisco, a «Missão faz parte da gramática da fé. Quem segue Cristo não pode deixar de ser missionário».¹⁹⁰

3.2.2-A relevância da catequese na missão evangelizadora da Igreja em Cabo Verde

Em Cabo Verde, a Igreja é consciente de que as escolas não têm uma base religiosa e esforça-se para dar a todos os meninos e meninas, na catequese, os elementos que são fundamentais para a boa educação dos jovens, humana e cristã. A Igreja faz este trabalho, mas era necessário que a Igreja e o Estado colaborassem e o próprio Estado aceitasse os trabalhos da Igreja como válidos para a formação dos jovens.¹⁹¹

«Testemunhar o Evangelho não é privilégio de alguns. Reconhecemos com alegria a presença de tantos homens e mulheres que com a sua vida se tornam sinal do Evangelho no meio do mundo. Reconhecemo-los também em tantos nossos irmãos e irmãs cristãos com os quais a unidade, infelizmente, ainda não é perfeita, mas que estão contudo marcados pelo Batismo do Senhor e são seus anunciadores. Tudo isso para nós é uma experiência comovedora: ouvir as vozes de tantos responsáveis influentes de Igrejas e Comunidades eclesiais que nos testemunharam a sua sede de Cristo e a sua dedicação ao anúncio do Evangelho, também eles convictos de que o mundo precisa de uma nova evangelização.»¹⁹² Os missionários não tardaram em instruir o povo. A

¹⁹⁰ PAPA FRANCISCO, *mensagem para o dia mundial das missões*, in: Alem - mar, 2013, p 17.

¹⁹¹ RODRIGUES, Larissa, *entrevista ao Padre Caetano Pimenta Pereira*, Seminário diocesano, Praia, 2005, p. 5.

¹⁹² [Http://www.vatican.va/roman_curia/synod/documents/rc_24/02/2016_22:40](http://www.vatican.va/roman_curia/synod/documents/rc_24/02/2016_22:40).

catequese foi um dos primeiros métodos usados logo no início e teve bons resultados. Como forma de reacender a chama da fé cristã e travar ou pôr termo aos atos imorais e ainda de lutar contra a fome e a miséria, os missionários começaram por catequizar as pessoas e formar catequistas que futuramente seriam importantes colaboradores seus. A catequese foi um importante meio de reevangelização. Desde os primeiros tempos do cristianismo vem a Igreja exercendo a sua missão de ensinar e transmitir aos homens a mensagem da salvação, quer pela catequese oral ou escrita, quer pelo púlpito ou pela escola e por todos os meios de comunicação social, em uso nas diferentes épocas. O ensino e a educação têm sido sempre uma preocupação constante da Igreja, que nunca descurou a promoção humana dos povos aos quais leva a fé em Cristo.

Portanto, podemos ver que a catequese foi muito importante na vida da Igreja em Cabo Verde porque com a escassez de clérigo, os catequistas é que desempenhavam esse papel de transmitir a fé e ensinar as doutrinas às crianças, aos jovens, aos adultos e aos velhos.¹⁹³ Esta preocupação de transmitir a verdade e contribuir para a educação e promoção do homem assenta no mandato de Cristo aos seus apóstolos e à sua Igreja: «Ide pelo mundo inteiro e anunciai a boa nova a todas as criaturas» (Mc 16, 15), «ensinai todas as nações» (Mt 28, 19). Os catequistas também têm essa missão de levar a boa nova aos que estão perdidos e longe de Deus.

A mensagem de Cristo, mensagem de salvação e de vida, dirige-se a todos os homens e ao homem considerado na sua totalidade física, moral e religiosa, na sua natureza, na sua origem e no seu destino eterno. A Igreja, como Mãe espiritual, no seio da qual o homem é batizado e gerado para uma vida sobrenatural e para a graça divina, adquire sobre o mesmo, direito de educação na ordem sobrenatural, ordem eminentemente superior e diferente do direito natural dos pais à educação dos seus

¹⁹³ IGREJA CATOLICA, *Primeira pastoral dos Bispos de Moçambique: os padres brancos*, p.108.

filhos, sendo estes direitos, tanto da família como da Igreja, anteriores aos Estados.¹⁹⁴ Para o povo cabo-verdiano, a evangelização tem como pedra angular Cristo, porque Ele trouxe para todo o mundo a caridade e o amor ao próximo, desejando que estes valores religiosos fossem compartilhados por todos os homens, em troca da consagração e bênção do seu povo. A catequese é, foi e será sempre um instrumento muito forte para a evangelização em Cabo Verde porque é através dela que hoje esse povo conhece a verdade da palavra de Deus. Desde o início do cristianismo, a Catequese foi a base da formação do povo. Não é por acaso que, hoje, a celebração da Páscoa na Ribeira dos Engenhos constitui um dos principais momentos da vida religiosa da comunidade local, apresentando um Cristo Salvador e redentor dos nossos pecados.¹⁹⁵

A Igreja não é simplesmente uma confraria sacerdotal, como também uma comunidade moral, formada por todos os seus seguidores que, por sua vez, concebem o mundo sagrado da mesma forma. A catequese é a educação da fé das crianças, dos jovens e dos adultos, de maneira orgânica e sistemática, para levar à vida cristã. É o primeiro anúncio do Evangelho para suscitar a fé, ensinando as verdades básicas contidas no Credo, os Sacramentos, a moral cristã baseada nos Dez Mandamentos e a espiritualidade nas orações. O Catecismo é o texto básico para os catequistas.¹⁹⁶ No que se refere à catequese, como uma referência muito marcada no século XIX em Cabo Verde, é de frisar que, por meio dos princípios morais e das doutrinas cristãs, foi determinado que a moral cristã devia ser ensinada em todas as escolas primárias. Os professores deveriam estudar o carácter dos seus alunos e a forma como se relacionam com os outros, usando contos e histórias para formar o coração das crianças nas virtudes da justiça e do amor de Deus. A escola, nos finais no século XIX, era uma autêntica

¹⁹⁴ DIAS, Eurico N., *A escola e a Igreja*, Lourenço Marques, 1968, p. 13.

¹⁹⁵ PERREIRA, Eduardo A. C., *Política e Cultura: As revoltas dos Engenhos (1822), de Achada Falcão (1841) e de Ribeirão Manuel (1910)*, p. 77.

¹⁹⁶ ELIADE, Mircea, *O sagrado e o profano: a essência das religiões*, Martins Fontes, São Paulo, 1996, p. 35 e 171.

catequese da evangelização. Os alunos deveriam aprender as doutrinas cristãs tais como: benzer-se, rezar o Pai-Nosso, a Ave-Maria, a Salve-Rainha, conhecer a Santíssima Trindade, o Credo, os Mandamentos, os preceitos da Igreja Católica, os pecados capitais, as virtudes teológicas e cardeais, as obras de misericórdia, os sacramentos da Santa Igreja, o santo sacrifício da missa. Os professores deveriam observar a pronúncia de cada frase, de modo que todos pudessem aprender da melhor maneira possível.¹⁹⁷

Em 1955, a Diocese de Cabo Verde, contava com 344 postos de catequese. Eram almas de boa vontade que, voluntariamente ou com uma insignificante gratificação, iam ensinando os seus irmãos a amar a Cristo e a sua Igreja e preparando-os para uma vida cristã, conscientes das suas obrigações e responsabilidades. O que se precisava na altura, era criar uma escola de catequistas, onde se pudessem formar cristãos convictos, devidamente preparados, moral e intelectualmente, para poderem desempenhar cabalmente a sua missão de educadores.¹⁹⁸

Neste sentido, importa recordar aquilo que o Papa Paulo VI disse na sua Exortação Apostólica «*Evangelii Nuntiandi*» onde ele apresentou, como um dos acontecimentos mais graves na evangelização, a rutura entre o evangelho e a cultura: «Poder-se-ia exprimir tudo isto dizendo: importa evangelizar, não de maneira decorativa, como que aplicando um verniz superficial, mas de maneira vital, em profundidade e isto até às suas raízes, a civilização e a cultura do homem, no sentido pleno e amplo que estes termos têm na Constituição *Gaudium et Spes*, (50) a partir sempre da pessoa e fazendo continuamente apelo para as relações das pessoas entre si e com Deus. O Evangelho e conseqüentemente, a evangelização, não se identificam por certo com a cultura e são independentes em relação a todas as culturas. E no entanto, o reino que o Evangelho anuncia é vivido por homens profundamente ligados a uma

¹⁹⁷ *Boletim Oficial*, 17 de Novembro de 1900 p. 359, n° 46.

¹⁹⁸ DIOCESE DE CABO VERDE, *Província ultramarina de cabo verde: Relatório das missões católicas referente ao ano 1955*, p. 12.

determinada cultura e a edificação do reino não pode deixar de se servir de elementos da civilização e das culturas humanas. O Evangelho e a evangelização, independentes em relação às culturas, não são necessariamente incompatíveis com elas, mas suscetíveis de as impregnar a todas sem se escravizar a nenhuma delas. A rutura entre o Evangelho e a cultura é sem dúvida o drama da nossa época, como o foi também de outras épocas. Assim, importa envidar todos os esforços no sentido de uma generosa evangelização da cultura, ou mais exatamente, das culturas. Estas devem ser regeneradas mediante o impacto da Boa Nova. Mas um tal encontro não virá a dar-se se a Boa Nova não for proclamada.»¹⁹⁹

Para que haja uma cristandade consciente, ativa e viva em Cabo Verde, é necessário estender uma rede de Catequese que atinja não só as crianças, mas também os adultos. Os problemas presentes não são de ordem teórica, mas prática: formação de catequistas, organização e coordenação da catequese, de tal modo que atinja todas as pessoas, mesmo que vivam fora da Igreja. Certamente, os Centros Paroquiais, os Cursos de Cristandade, a Biblioteca Paroquial, a Ação Católica, etc., são meios eficacíssimos para uma Catequese autêntica. No Conselho Presbiteral do ano 1969, a primeira ideia que surgiu foi a criação de um centro de formação de catequistas na ilha de Santiago, mas com um âmbito diocesano. O Secretariado de Catequese foi constituído apenas por pessoas da ilha de Santiago, visto que tem de estar em atividade permanente, o que seria difícil se houvesse pessoas de outras ilhas, por causa das comunicações.²⁰⁰

¹⁹⁹ PAPA PAULO VI, *Exortação Apostólica: Evangelii Nuntiandi*, in AAS 68, 1975, n° 20.

²⁰⁰ DIOCESE DE CABO VERDE, *Resumo da acta do conselho presbiteral*, Seminário da Diocese, 1969, p. 4.

3.3- D. José Felipe do Carmo Colaço (1955- 1975)

3.3.1- Biografia

Desde a instituição do cristianismo, vários sacerdotes de Goa trouxeram grande glória para a Igreja Católica pela sua alta integridade, trabalho dedicado à comunidade e tremendo zelo espiritual com que guiaram o rebanho que lhes era confiado. Entre eles estava D. José Filipe do Carmo Colaço, que nasceu em Margão em 14 de Julho de 1910, filho de Serulino Colaço e de Isabel de Santa Rita Vaz. Ele pertencia à família Colaço bem conhecida de Margão e era irmão do médico proeminente, escritor e palestrante e ex-membro do Parlamento, Dr. António Colaço de veneranda memória. Após completar os seus estudos em Rachol, Goa, D. José foi ordenado sacerdote no dia 22 de Setembro de 1934 e depois foi para Roma, onde fez o seu doutoramento em Teologia.

No seu retorno, foi nomeado professor do Seminário Maior de Rachol e, mais tarde, passou a ser o seu Reitor. Reconhecendo os seus méritos como um professor inteligente e competente e as suas qualidades como um homem altamente espiritual que inspirou muitas gerações de sacerdotes, a Santa Sé nomeou-o, Bispo de Cabo Verde, então uma colónia portuguesa em África. Ele foi consagrado bispo em Velha Goa, no dia 27 de Maio de 1956, seguindo para Cabo Verde, onde serviu com grande dedicação e zelo por 20 anos, até que sentiu que era sensato e adequado entregar as rédeas da Diocese a um nativo e, em 1975, com a independência, entregou a Diocese ao Bispo D. Paulino Livramento Évora que foi o primeiro bispo nativo a governar a Igreja em Cabo Verde. D. José Colaço, voluntariamente aposentado prematuramente, em 1976, retornou a sua casa, em Margão. Ele, como um sacerdote de túnica imaculada, alto, bonito e simples na sua batina branca, fazia a sua caminhada à noite pelas ruas movimentadas de

Margão e ninguém iria adivinhar que ele era um bispo. O que o tornou querido para a maioria daqueles que o conheceram, era a sua natureza modesta e humilde e a sua disponibilidade, sempre pronta para ajudar e servir. Isso permitiu que muitas Paróquias em Goa aproveitaram os seus serviços para várias funções religiosas, que ele, prontamente, aceitava officiar, acrescentando um fervor especial e significado para a ocasião com a sua presença inspiradora de pensamentos positivos que levavam a grandes homilias. D. José faleceu subitamente no dia de ano novo, em 1991.²⁰¹

3.3.2- As conjunturas eclesiais

Em 1956, foi nomeado o novo governador da diocese de Cabo Verde, D. José do Carmo Colaço, oriundo da arquidiocese de Goa. Naquela altura, as estatísticas da diocese davam os seguintes números: 12 paróquias; 1 seminário, que, tendo sido criado em 1866 e encerrado pela República em 1911, foi reaberto já depois de 1956, contando cerca de 15 seminaristas; 40 sacerdotes; 20 religiosas; 35 escolas primárias com uma frequência de 1400 alunos; cerca de 350 catequistas. A percentagem de católicos era superior a 90%; todavia, a emigração em larga escala dos jovens cabo-verdianos para diversos territórios do continente africano, levantava um problema que, não sendo dos nossos dias, se mantém ainda hoje: a não construção de lares. A indiferença religiosa da população, apesar da esmagadora percentagem dos que se declaram católicos, é grande e dificulta a ação da Igreja, surgindo o protestantismo, que não se tem poupado a esforços para se enraizar no arquipélago.²⁰²

A Santa Sé insistia todos os anos na criação de um seminário para a formação do clero nativo, visto que, até 1955, quase todos os sacerdotes eram cedidos a esta diocese, por diversas Congregações Religiosas Missionárias. A diocese precisava de padres seus,

²⁰¹ Cf. [http://www.geni.com/people/D-José Filipe-do-Carmo-Colaço](http://www.geni.com/people/D-José_Filipe-do-Carmo-Colaço), 27/03/2016 00:00.

²⁰² CRUZ, Mons. Lopes, *Anuário católico de Portugal*, Oficinas gráficas da rádio renascença, Lisboa, 1957, p. 340.

com quem pudesse contar com certeza para as suas necessidades espirituais, e não podia, indefinidamente, mendigar o pessoal às congregações religiosas.²⁰³ De 1955 a 1975, com D. José do Carmo Colaço, abriu o Seminário de S. José, na Praia, que era de uma grande necessidade, permitindo a formação de sacerdotes diocesanos, os quais eram um sinal de esperança de uma nova largada na evangelização do arquipélago. O Seminário teve uma importância fundamental na formação da personalidade dos futuros servidores, quer no Governo, quer na Igreja, ajudando na educação dos cabo-verdianos em todos os níveis: formação humana, formação desportiva, formação para serem líderes. A qualidade do ensino no Seminário, deveu-se primeiro aos professores e em segundo lugar à maneira de ser dos alunos, que vinham ao Seminário para estudar. Antigamente, os alunos diziam: “Eu vou estudar para padre”. A sua intenção era esta. Não pensavam em outra coisa: “Eu vou estudar para padre”. As matérias que eram dadas no Liceu, eram dadas no Seminário; deste modo, o estudo era mais proveitoso e os alunos eram muito mais bem formados, quer intelectualmente, quer moralmente, quer disciplinarmente.²⁰⁴

No resumo das atas do Conselho Presbiteral da Diocese de Cabo Verde referente ao ano 1969, podemos ver em que situação se encontrava a diocese e as prioridades na sua liderança. Estavam presentes 16 membros dos 18 que o constituíam, sentindo-se bem não só o palpitar de todas as ilhas, mas mesmo o de todas as paróquias na pessoa dos seus Vigários Forâneos, o do Cabido com a presença dos seus Cónegos e ainda o pulsar da juventude, representada pelo Assistente Regional da Ação Católica. Isto é para mostrar que a diocese já estava a caminho do seu desenvolvimento, a nível pastoral e constitucional, porque já existia um Conselho Presbiteral que se reunia para ver em

²⁰³ DIOCESE DE CABO VERDE, *Província ultramarina de cabo verde: relatório das missões católicas referente ao ano 1955*, p. 9.

²⁰⁴ RODRIGUES, Larissa, *entrevista com o Padre Caetano Pimenta Pereira*, Seminário diocesano, p. 4.

conjunto o modo de como fazer para anunciar o reino de Deus que Cristo veio trazer.²⁰⁵

D. José Colaço, corajoso, através de muitas dificuldades, cuidou da diocese. A esperança é uma virtude que marcava o povo cabo-verdiano, é uma epígrafe que melhor se coaduna com a própria realidade da Diocese, quer no que ela tem de promissor, quer no que ela apresenta de inacabado.

D. José Colaço afirmou que estavam reunidos para o serviço do Reino, firmemente radicados no Decreto *Presbyterorum Ordinis* (Nº 7): «Todos os presbíteros participavam de tal maneira com os Bispos no mesmo e único sacerdócio e ministério de Cristo que a unidade de consagração e missão requeria a sua comunhão hierárquica com a Ordem episcopal. Esta comunhão, manifestam-na de modo perfeito, por exemplo, na concelebração litúrgica, quando, juntamente com eles, professam celebrar o banquete eucarístico.

Portanto, os Bispos, pelo dom do Espírito Santo dado aos presbíteros na sagrada ordenação, têm-nos como necessários cooperadores e conselheiros no ministério e múnus de ensinar, santificar e apascentar o Povo de Deus. Isto mesmo afirmam, claramente, os documentos litúrgicos dos primeiros tempos da Igreja, quando pedem solenemente a Deus pelo Presbítero ordenando, a infusão do espírito de graça e conselho, para que, com o coração puro, ajude e governe o povo, como o espírito de Moisés, no deserto, se comunicou aos setenta varões prudentes, e, servindo-se Moisés do auxílio destes, tornou-se-lhe fácil governar a grande multidão do povo. Por causa desta comunhão no mesmo sacerdócio e ministério, os Bispos devem estimar os presbíteros, como irmãos e amigos, e esforçar-se para o bem deles, quer o material, quer, sobretudo, o espiritual. Recai sobre eles, muito particularmente, a grave responsabilidade da santificação dos seus sacerdotes; ponham, pois, particular empenho

²⁰⁵ DIOCESE DE CABO VERDE, *Resumo da acta do conselho presbiteral*, p. 4.

na contínua formação do seu presbitério. Estejam dispostos a ouvi-los, consultem-nos e troquem com eles impressões sobre os problemas pastorais e o bem da diocese. Para que isto se torne eficiente, haja, em conformidade com as atuais circunstâncias e necessidades, com estrutura e funções a determinar; um conselho ou senado de sacerdotes, que representem o presbitério, e pelos seus conselhos, podem ajudar eficazmente o Bispo no governo da diocese.

Os presbíteros, porém, tendo presente a plenitude do sacramento da Ordem recebido pelos Bispos, reverenciem neles a autoridade de Cristo, pastor supremo. Adiram ao seu Bispo com caridade e obediência sinceras. Esta obediência sacerdotal em espírito de cooperação, fundamenta-se na própria participação do ministério episcopal, conferida aos presbíteros pelo sacramento da Ordem e pela missão canónica. A união dos presbíteros com os seus Bispos é tanto mais necessária nos nossos dias, quanto, por diversas razões, os empreendimentos apostólicos não só se revestem de múltiplas formas, mas também ultrapassam necessariamente os limites da paróquia ou diocese. Assim, nenhum presbítero pode realizar suficientemente a sua missão, isoladamente, más só num esforço comum com os outros presbíteros, sob a direção dos que estão à frente da Igreja.»²⁰⁶

Também, D. José Colaço mencionou particularmente o *Motu Próprio Ecclesiae Sanctae* de 6 de Agosto de 1966 (nº 15), que dá as normas sobre o Conselho Presbiteral. A planificação das estruturas do Conselho Presbiteral – elaboração das suas bases e dos seus estatutos – foi o primeiro ponto da agenda tratado nas atas do Conselho Presbiteral da diocese de Cabo Verde, referente ao ano de 1969.²⁰⁷ Segundo os documentos Conciliares e pós-Conciliares, o Conselho Presbiteral é obrigatório em todas as

²⁰⁶ II CONCILIO DO VATICANO, *Decreto Presbyterorum Ordinis*, nº 7.

dioceses, dependendo do Prelado a oportunidade da sua criação, e os seus membros podem ser todos nomeados ou em parte nomeados e em parte escolhido pelo clero da diocese. Na Diocese de Cabo Verde desde ano 1969 foi considerado que deve haver membros eleitos e esses devem ser escolhidos por zonas formadas pelas diferentes ilhas, exceto Maio e Sal, que ficaram anexas, respetivamente a Santiago e a S. Nicolau. Havia duas reuniões por ano, uma na segunda semana de Janeiro, e outra durante as férias de verão (Julho). As sugestões devem ser pedidas a todos os padres da Diocese, com três meses de antecedência e a agenda deve ser enviada aos membros do Conselho Presbiteral com mês e meio de antes. A comissão para a preparação do Conselho deve ser criada e constituída por três membros escolhidos pelo Conselho. Em 1969, concordaram que era ainda prematura a viabilidade da criação do Conselho Pastoral, sendo necessário criar infraestruturas para preparar os leigos, sobretudo nas classes mais evoluídas, lembrando-se para tal, a criação dos Cursos de Cristandade e dos Concelhos Paroquiais.

Em relação aos Conselhos Paroquiais, D. José Colaço exortou que fossem imediatamente criados nas paróquias em que os respetivos párocos encontrassem membros capazes.²⁰⁸ Foi assim, nesta organização, que D. José Colaço entregou a sua vida para a daquele povo que Deus lhe confiou. Na governação de D. José Colaço, houve um acontecimento que marcou a vida da Igreja universal, a convocação do Concílio Ecumênico Vaticano II, no dia 25 de Dezembro de 1961, através da bula papal "*Humanae salutis*", do Papa João XXIII. Este mesmo Papa inaugurou-o, a ritmo extraordinário, no dia 11 de Outubro de 1962. O Concílio, realizado em 4 sessões, só terminou no dia 8 de Dezembro de 1965, já sob o papado de Paulo VI.²⁰⁹ Este foi um momento de reflexão global da Igreja sobre si mesma e sobre as suas relações com o

²⁰⁸ DIOCESE DE CABO VERDE, *Resumo da acta do conselho presbiteral*, p. 1-8.

²⁰⁹ PAPA JOÃO PAULO II, *Discurso do encerramento do congresso internacional sobre a atuação dos ensinamentos conciliares*, 2000.

mundo. «O Concílio Ecuménico Vaticano II quis ser um momento de reflexão global da Igreja sobre si mesma e sobre as suas relações com o mundo. A essa reflexão impelia a necessidade de uma fidelidade cada vez maior ao seu Senhor. Mas o impulso vinha também das grandes mudanças do mundo contemporâneo, que, como sinais dos tempos, exigiam ser decifradas à luz da Palavra de Deus. Foi mérito de João XXIII não só ter convocado o Concílio, mas também ter-lhe dado o tom da esperança, tomando as distâncias dos profetas de desventura e confirmando a própria e indómita confiança na ação de Deus.»²¹⁰

Na História dessa Igreja de Cristo que vive em Cabo Verde, há uma figura muito importante a que não poderíamos deixar de referir: o Padre Caetano Pimenta Pereira que deu a sua vida pelo povo de Cabo Verde. Natural de Goa, veio para Cabo Verde bastante jovem, em 1957, com o então bispo, D. José Colaço, também natural daquela antiga colónia portuguesa. Durante os 50 anos que viveu no arquipélago, desempenhou importantes funções a nível da Diocese de Cabo Verde. Foi Pároco nas paróquias de Nossa Sra. do Livramento (Santo Antão) e Nossa Senhora da Graça (na Praia), Vice-presidente da Cáritas Cabo-verdiana e Chanceler da Cúria Diocesana. Engajou-se direta e abnegadamente na formação humana e intelectual de várias gerações de cabo-verdianos, tendo sido membro da equipe diretiva do Seminário de São José na Praia, desde o início (1957) até 1975, data em que foi trabalhar em Santo Antão. Além de professor e prefeito do Seminário, foi também professor no Instituto Superior de Educação, Diretor Espiritual do Corpo de Escutismo Católico, que ajudou a fundar, Fundador da Santa Infância Missionária, entre outras missões que levou a cabo com coragem e singular dedicação.

²¹⁰ PAPA JOÃO PAULO II, *História da Igreja: Sobre a importância do Concílio Vaticano II*, 1995.

O padre Pimenta foi, depois do Cónego Jacinto da Costa, um dos colaboradores mais próximos de D. Paulino Livramento Évora, bispo que governou a diocese de 1975 a 2009. Como um zeloso assistente do bem-estar espiritual e social do homem cabo-verdiano, particularmente das diferentes comunidades onde trabalhou, o Padre Pimenta deixou dos seus cinquenta anos de convivência, de trabalho abnegado de evangelização em prol da dos cabo-verdianos, marcas que certamente são reconhecidas e que ficarão para sempre na memória de todos os que puderam conviver com ele, o grande promotor e amigo dos jovens, a quem desafiava em todos os sentidos. Muitas personalidades distintas em Cabo Verde hoje reconhecem essa dívida moral para com o padre Pimenta. Faleceu no dia 13 de Junho de 2007, em Roma, onde se encontrava em tratamento médico e foi sepultado em Cabo Verde.²¹¹

3.4- Família como primeira célula da Igreja e da sociedade

A diocese, ao celebrar 450 anos da sua ereção em 1983, reuniu-se em Assembleia Diocesana para examinar a situação da vida cristã em Cabo Verde, indicou algumas pistas de orientação pastoral e destas escolheu duas como prioridades: a Família e os Jovens. A escolha prioritária efetuada pela Assembleia Diocesana inscreve-se no âmbito da constante e solícita preocupação da Igreja pela família, célula vital da sociedade e da Igreja. Vê-se que a família foi sempre objeto de atenção pastoral por parte da Igreja, como se pode ver pelo ensino ininterrupto do magistério, desde os tempos apostólicos até ao Vaticano II, culminando com o Sínodo dos Bispos sobre a Família e a Exortação Apostólica *Familiaris Consortio*, do Papa João Paulo II.²¹²

A relação da família sempre teve grande importância no desenvolvimento da sociedade. O núcleo familiar, pais e filhos, é responsável pela forma como veremos o

²¹¹ Cf. www.diocesesantiago.cv, 10/03/2016 14:30.

²¹² DIOCESE DE CABO VERDE, *Assembleia Diocesana: Família e Juventude*, Imprensa Nacional, Praia, 1983, p. 3.

mundo no futuro. Na Diocese de Cabo Verde, a função principal da maior parte do clero consiste na doutrinação e sacramentalização, dando batismo aos não cristãos, com vista à sua integração no seio da Igreja.²¹³ O relato de S. João sobre as bodas de Caná (Jo 2,1-11) mostra claramente como Jesus valoriza a família. Foi o seu primeiro milagre, abençoando com a sua presença os noivos, que pretendiam iniciar uma nova família. Ao iniciar o anúncio do Reino num casamento, mostrou que a família é importante para Ele. A família é a base, o esteio, o sustento de uma sociedade mais justa. Ao longo da história da humanidade, assistimos à destruição de nações grandiosas por causa da dissolução dos costumes, que foi motivada pela desvalorização da família. A família é a primeira célula da sociedade e da Igreja. O Concílio chamou à família Igreja doméstica, porque é lá que nasce o primeiro fundamento da real presença de Deus no meio do seu povo. A família é a imagem de Deus, que no mais íntimo do seu mistério não é uma solidão, mas uma família. Ela carrega uma profunda marca da Trindade.

O Concílio Vaticano II chama à família nascida do sacramento do Matrimônio, uma espécie de “Igreja doméstica” e “santuário íntimo da Igreja”. Quais as causas da desorganização ou falta de família em Cabo Verde? Sem penetrar no passado, há quem defenda a estrutura vigente da vida moral em Cabo Verde. A razão é, pois, a falta de moralidade. A Igreja só por si, não pode resolver o problema, mas precisa da cooperação do Estado e da colaboração pública. Um passo em frente nesse campo seria facilitar os casamentos religiosos; já se batalhou muito neste ponto, mas é preciso continuar.²¹⁴ O ensino da doutrina contida na Sagrada Escritura e na Sagrada Tradição é a missão da Igreja. Não é pela intuição pessoal, mas pela palavra que se chega à Fé. Se, no dizer do Concílio, a família é a Igreja Doméstica, a ela compete, em primeiro lugar, a educação. A Igreja, porém, deve completar essa educação inicial e, muitas vezes, suprir,

²¹³ CARREIRA, A., *Cabo Verde: Classes sociais, estrutura familiar, migrações*, p. 16.

²¹⁴ DIOCESE DE CABO VERDE, *Resumo da acta do conselho presbiteral*, p. 3.

como acontece geralmente em Cabo Verde, em que a Igreja, neste campo, não tem apenas uma função subsidiária, mas supletória, atendendo a que não falta a educação religiosa na família. Uma Igreja missionária foi o sonho de Jesus Cristo e é também o da Igreja.

O Papa Francisco recordou-nos muitas vezes, com as suas palavras e atos, que a Igreja não é uma fortaleza medieval com muralhas altas, fossos, pontes levadiças e guardas antipáticos e violentos que impedem o ingresso. A Igreja é um lar de portas abertas, que acolhe a todos com ternura e fraternidade. «É uma Igreja-mãe, samaritana, que revela na História o coração da misericórdia de Deus, nosso Pai, que Jesus nos manifestou. Não é por acaso que continuo a afirmar que a vivência da Igreja em Cabo Verde foi e continua a ser uma autêntica presença de Deus no meio do Seu povo, porque a sua misericórdia é visível e manifesta em cada pessoa a envolvimento do seu amor sem fim». ²¹⁵

3.4.1- A família comunidade crente e Evangelizadora

Frequentemente acontece que os pobres têm a Igreja em tão alta conta que não conseguem identificá-la com a sua humilde comunidade. Veem a Igreja nos sacerdotes, nas paróquias, nos Bispos, nos institutos religiosos, pela força social que representam, porque a Igreja em Cabo Verde, com o tempo foi ganhando uma estrutura e um respeito acentuado a nível social. Não veem que a verdadeira grandeza da Igreja, pela sua vinculação com as Pessoas divinas, se encontra na simplicidade e na pobreza das comunidades. A ação evangelizadora da Igreja radica-se primeiro no servir aos mais necessitados, quer dos bens materiais, quer dos bens espirituais²¹⁶. Outros vêem nela

²¹⁵ DIOCESE DE CABO VERDE, *Contribuição da Igreja católica para a elaboração da nova constituição*, Conselho Presbiteral, Setembro de 1990, p. 3.

²¹⁶ DIOCESE DE CABO VERDE, *Província ultramarina de cabo verde: relatório das missões católicas referente ao ano 1955*, p. 12.

como que um poder quase totalmente humano, mas estes não vêem Deus na Igreja. Para eles, a Igreja são todos os sinais exteriores do poder religioso, é um poder semelhante aos deste mundo. A Igreja tem como seu fim último evangelizar todos os povos para que conheçam na sua fé a verdade que Jesus Cristo nos veio revelar. A Igreja está ao serviço dos pobres, mas está inserida numa sociedade com muitos obstáculos dentro e fora, de tal modo que muitas vezes eles impedem de dar passos para a evangelização. A nossa tentação será sempre a de considerar a Igreja como um lugar, um espaço, uma sociedade e uma organização de que a pessoa não se pode aproveitar para se promover. O mistério da Igreja reside no facto de que nela as Pessoas divinas se tornam presentes.²¹⁷

As portas abertas da Igreja são também expressão do carácter missionário da comunidade cristã. É uma Igreja em estado de missão, marcada pelo dinamismo missionário do Espírito de Pentecostes, que deseja evangelizar, fazer o que Jesus fez. Uma Igreja que se mete ao caminho, que sai para estar presente nas encruzilhadas da História e construir o Reino de Deus. Uma Igreja que anuncia a Boa Notícia do Evangelho. «A Alegria do Evangelho enche o coração e a vida inteira daqueles que se encontram com Jesus. Quantos se deixam salvar por Ele, são libertos do pecado, da tristeza, do vazio interior, do isolamento. Com Jesus Cristo, renasce sem cessar a alegria».²¹⁸

Na mensagem para o dia mundial das missões no ano de 2015, o Papa Francisco sublinha que a missão é uma paixão por Jesus Cristo e, ao mesmo tempo, uma paixão pelas pessoas. Todos somos chamados a anunciar o Evangelho, conscientes de que no campo imenso da atividade missionária da Igreja, cada batizado é chamado a viver o

²¹⁷ RODRIGES, Nuno Miguel, *Diálogo de um missionário: Experiencias vividas em Cabo Verde*, Edição especial em ano da vida consagrada, Lisboa, 2015, p. 45-46.

²¹⁸ PAPA FRANCISCO, *Exortação Apostólica Evangelii Gaudium: Ao Episcopado, ao clero, às pessoas consagradas e a todos os fiéis leigos: sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual*, 6ª edição, Paulinas: Secretariado-geral do Episcopado, Prior Velho, 2014, nº1.

melhor possível o seu compromisso, segundo a sua situação pessoal.²¹⁹ Esta situação requer da Igreja e das comunidades cristãs, a tomada de consciência, ainda que sem dramatismo da exigência da crise que possa acontecer para o futuro do cristianismo. A paixão do missionário é o Evangelho. S. Paulo afirma: «Ai de mim se eu não evangelizar!» (1 Cor 9, 16). O Evangelho é fonte de alegria, liberdade e salvação para cada homem. Ciente desde dom, a Igreja não se cansa de anunciar, incessantemente, a todos «o que existia desde o princípio, o que ouvimos, o que vimos com os nossos olhos» (1 Jo 1, 1). A missão dos servidores da Palavra – Bispos, Sacerdotes, Religiosos e Leigos – é colocar todos, sem excluir ninguém, em relação pessoal com Cristo.²²⁰

A Assembleia Diocesana, após ter refletido sobre a família cabo-verdiana, traçou linhas concretas de ação pastoral, cujo objetivo fundamental é levar a família cabo-verdiana a ser aquilo que é, segundo o apelo do Papa: «Família, torna-te aquilo que és».²²¹ São estas as resoluções aprovadas Assembleia Diocesana de 1983: face à contestação a que a família é hoje sujeita, consciencializar o povo de Deus do valor intrínseco da família como lugar privilegiado de comunhão, de crescimento no amor, de dedicação aos outros, de vivência e testemunho de fé. Sendo a vida um esplêndido dom de Deus, ajudar as Comunidades cristãs a porem-se em atitude de reflexão sobre a moral conjugal, o valor da vida, e a conseqüente gravidade do crime do aborto, para que os resultados desta reflexão tenham uma ressonância pública e abram aos cristãos a possibilidade de uma atuação positiva na sociedade. Como Cristo se dignou elevar o amor conjugal à dignidade do sacramento, há que promover uma verdadeira espiritualidade conjugal e familiar, por meio de retiros, encontros, cursos, com base nos

²¹⁹ PAPA FRANCISCO, *Exortação Apostólica Evangelii Gaudium: Ao Episcopado, ao clero, às pessoas consagradas e a todos os fiéis leigos: sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual*, n.º 268.

²²⁰ DIOCESE DE CABO VERDE, *Carta pastoral de D. Paulino Livramento Évora: A Igreja de Cabo Verde e o desenvolvimento*, Biblioteca da casa da memória- S. Filipe_ Ilha do Fogo, 1985, p. 19.

²²¹ IGREJA CATÓLICA, Papa, 1978-2005 (João Paulo II) – *Familiaris consortio: Exortação Apostólica de 22 de Nov. de 1981*, n.17, in AAS 74 (1982), 81-191.

documentos da Igreja, especialmente a «*Familiaris Consortio*». Considerando que a ajuda de família à família constitui um dos modos mais simples e eficazes de apostolado familiar, há que sensibilizar e formar Leigos para que assumam responsabilidades na pastoral familiar e no apoio às famílias em situações difíceis.²²²

3.5- Dom Paulino Livramento Évora, primeiro bispo do Cabo Verde Independente 1975-2009

3.5.1- Biografia

Nasceu a 22 de junho de 1931, na cidade da Praia, pertenceu à congregação dos Espiritanos e foi ordenado Presbítero no dia 16 de dezembro de 1962. Quando foi nomeado Bispo de Cabo Verde, encontrava-se em missão em Angola, Malange. Foi o primeiro Bispo cabo-verdiano, na lista dos 33 que Cabo Verde teve desde a criação da diocese em 31 de janeiro de 1533, pelo papa Clemente VII, a pedido de D. João III. No dia 21 de abril de 1975, é eleito Bispo de Cabo Verde. D. Paulino tomou posse, poucos dias antes da Independência de Cabo Verde, o que viria a acontecer no dia 5 de julho desse mesmo ano: 1975. Uma aventura-missão que tinha raízes na vivência cristã desde a sua infância, vivida em Lém Ferreira, Praia, e continuada na juventude. Membro da Legião de Maria, ele integrava um grupo de amigos que ficou intrigado pela partida de um jovem para Portugal para ser padre.

No dia 20 de Agosto do ano de 1945, segue para Portugal, numa viagem feita de barco, para uma nova aventura. Chegou a Cabo Verde a 22 de junho de 1975 e liderou a Diocese de Santiago, a mais antiga de África, desde 1975, data da independência. Numa entrevista exclusiva ao Jornal “Terra Nova” no dia 9 de setembro de 2015 D. Paulino

²²² DIOCESE DE CABO VERDE, *Assembleia Diocesana: Família e Juventude*, Imprensa Nacional, Praia, 1983, p. 10-11.

afirmou que o maior desafio que encontrou na diocese em 1975, «foi a sinceridade dos homens. Aliás Jesus também enfrentou isto. Ele costuma contar uma história que até é verídica, que está ligada ao futebol. Dizia-se que em Viana de Castelo, o Vianenses estava na segunda divisão e tinha perdido e toda a gente, inclusive os polícias que lá estavam, ficaram aborrecidos com situação mas tinham a obrigação de proteger os árbitros. Os árbitros ficaram no meio do campo à espera da proteção. Mas os polícias, que eram Vianenses, estavam também um bocado agastados com a situação. Então aquele piquete que lá estava fez uma roda para proteger o árbitro que ficou no meio. Mas o comandante daquele pequeno piquete ficou de fora e enquanto iam para o balneário tirava do seu cacete dava duas ou três cacetadas na cabeça do árbitro e dizia: “Aqui ninguém bate no árbitro”. Essa é que era a situação em que se encontrava o estado de Cabo Verde».²²³ Durante os 34 anos que esteve à frente da Igreja Católica em Cabo Verde, D. Paulino Évora procurou ser um homem verdadeiramente vivo. Procurou animar todos os cristãos católicos no sentido de terem o espírito livre, para não se contentarem com a libertação apenas humana.²²⁴

Em 2009, renunciou ao Governo, sendo nomeado como seu sucessor, D. Arlindo Furtado, que era Bispo do Mindelo desde Fevereiro de 2004. Passa a receber uma pensão do tesouro público no valor de 125 mil escudos. É o reconhecimento pelo seu contributo e serviços prestados no domínio da evangelização no país, da história recente da Igreja e da Nação cabo-verdiana. O Governo de Cabo Verde justifica esta pensão pelo papel desempenhado pela Igreja Católica e particularmente pelo Bispo D. Paulino Évora, na formação do homem cabo-verdiano, na divulgação de valores e na coesão da sociedade.²²⁵ Dom Paulino Évora foi também um grande lutador e impulsionador da

²²³ Cf. <http://diocesemindelo.org>, 24/05/2016 10:46.

²²⁴ BOLETIM DA DIOCESE DE CABO VERDE, /Maio - Junho 1997, n. 58.

²²⁵ Cf. <http://pt.radiovaticana.va/> D. Paulino Livramento Évora comemora 84 anos de vida e 40 de bispo, 23/03/2016 10:49.

democracia em Cabo Verde.²²⁶ Devido ao contexto que se vivia no arquipélago na altura, Dom Paulino trouxe consigo um lema especial: “N‘mandadu da nhôs noba di Deus”.²²⁷ De acordo com o padre João Augusto, «ele encarnou desde o início a mensagem libertadora de Cristo que enquadra em qualquer atividade da libertação humana, mas que ultrapassa essa dimensão porque, para os cristãos, o reino dos céus está sempre presente e Dom Paulino quis mostrar que este reino dos céus, que está presente, é Jesus Cristo, liberta o homem de todas as outras tentativas de escravidão porque as libertações humanas são sempre relativas e incompletas».²²⁸

3.5.2- A fase da Reconstrução Nacional (1975-1990)

A 5 de julho de 1975, o PAIGC, partido binacional, que já estava no poder na Guiné-Bissau, tomou conta do poder em Cabo Verde, passando ambos os países a viver sob o regime de partido único. Esta união foi mantida até o golpe de Estado de 1980, em Bissau, o que levou à cisão dos dois Estados, dando lugar a um novo partido, o PAICV, que passou a governar Cabo Verde a partir de 1981. No entanto, o regime continuou a ser de partido único. Em 1990, o Conselho Nacional do PAICV decidiu proceder à abertura política, permitindo que outros partidos concorressem às eleições.

Assim, as eleições legislativas, as presidenciais e as autárquicas de 1991, foram vencidas de forma clara pelo único partido da oposição que cumpria as exigências legais para concorrer, o MPD.²²⁹ É do conhecimento geral que, no período de 1975-1990, o mundo foi politicamente marcado por alguns acontecimentos dos quais destacamos: a divisão política do mundo em dois blocos (capitalista e socialista), a terceira vaga de

²²⁶ Cf. <http://www.asemana.publ.cv>, 15/02/2016 00:00.

²²⁷ «Fui enviado a anunciar-vos a boa nova de Deus».

²²⁸ Cf. <http://www.diocesessantiago.cv>, 17/04/2016 16:44.

²²⁹ Cf. PEREIRA, Ludmila Cardoso, *Cabo Verde: da Descolonização à Abertura Democrática*, Dissertação apresentada para a obtenção de grau de Mestre em Ciência Política – Cidadania e Governação no Curso de Mestrado em Ciência Política – Cidadania e Governação conferido pela Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Lisboa, 2013, p. 5.

democratização, a consolidação da presença de países africanos como atores políticos internacionais, o magistério moral/político do Papa João Paulo II, a Perestroika, a Glasnost, a queda do mundo de Berlim. Por sua vez, internamente, em Cabo Verde destacam-se factos relevantes: a Independência nacional, a implantação da democracia nacional revolucionária, a promoção da diplomacia como fator de desenvolvimento do país, a falência do projeto de unidade Guine - Cabo Verde, o reconhecimento político da inevitabilidade da liberalização da economia, as antinomias de Partido/Estado e do Governo, a visita do Papa João Paulo II e o fim do monopartidarismo.²³⁰

Tudo isso marcou a vida da Igreja e da sociedade cabo-verdiana, depois da independência nacional. No que diz respeito à última década do século XX, entende-se que o mundo foi politicamente marcado pelo colapso da União Soviética e o fim da Guerra Fria, pela guerra do Golfo, pela consolidação da democracia e do capitalismo global, pela globalização dos ideais liberais, da liberdade e dos direitos humanos, pelo recrudescimento de conflitos étnicos à escala global, a emergência do fundamentalismo e do radicalismo religioso como fundamento de reivindicações políticas na Ásia. Internamente, o contexto político cabo-verdiano foi marcado pela implantação do regime democrático pluralista, pelo redesenho da laicidade cabo-verdiana, pelas fragmentações no Movimento para a Democracia (MPD), pela política económica com tónica nas privatizações, pela renovação interpartidária no PAICV e pela alternância partidária na administração política do país.²³¹

A Igreja tem a ver com a vida política, social, económica e cultural de qualquer sociedade porque o homem está em todas essas realidades. O contributo da Igreja situa-se ao nível dos princípios que devem orientar as decisões concretas de cada um, projeta

²³⁰ FERNANDES, Gabriel, *Em Busca da Nação: notas para uma reinterpretação do Cabo Verde Crioulo*, Florianópolis: Editora da UFSC, Praia: Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro, 2006, p. 20.

²³¹ Cf. SEMEDO, Adilson F. C., *Religião e Política em Cabo Verde: Os Posicionamentos Públicos do Governo da Diocese perante as Mudanças Políticas (1975 – 2001)*, Tese de doutoramento apresentada na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto, 2014, p. 15.

a verdade sobre o homem, os seus direitos e deveres na vida privada e social, qualquer que seja a sua crença.²³² A Igreja, nos muitos ensinamentos oficiais que nos oferece, dá aos católicos, em primeiro lugar, mas a todos os homens de boa vontade, as linhas mestras para a construção de uma sociedade respeitadora da dignidade do ser humano. Daí, decorrem os fundamentos e os critérios a serem utilizados para a análise e reflexão dos acontecimentos da sociedade, juntamente com todos os cidadãos, na procura dos caminhos que estão mais de acordo com os princípios que ela aponta.²³³

3.5.3-As datas que marcaram a vida da Diocese de Cabo Verde Depois da Independência Nacional até hoje

Depois da independência, Cabo Verde atingiu o apogeu na sua identidade cultural a todos os níveis. No contexto desta investigação sobre a Evangelização em Cabo Verde neste período, algumas datas e factos relacionados com a Diocese de Cabo Verde merecem destaque:

- A 21 de Maio 1974 – A Santa Sé nomeia o Pe. Paulino Livramento Évora bispo de Diocese de Santiago (teve início o processo da «caboverdianização» do Governo da Diocese).

- Em Agosto 1975 – No Encontro de Agosto de 1975, efetuado na Praia com todos os elementos empenhados no serviço do Evangelho, delinearam-se as dimensões de atuação da Igreja local no sentido de a compaginar com as novas realidades (torna-se prioritário o projeto de caboverdianização da Igreja local).

²³² DIOCESE DE CABO VERDE, *Contribuição da Igreja católica para a elaboração da nova constituição*, Conselho Presbiteral, Setembro de 1990, p. 2.

²³³ MANUAL DE ESTUDO, *Igreja Sociedade e Política: Princípios da Doutrina social da Igreja*, Compilação feita pelo Secretariado Diocesano da ação Social: Cáritas cabo-verdiana, Praia, Junho de 1990, p. 4.

- De 18 a 21 Janeiro 1977 – No encontro dos responsáveis pela pastoral, estipulou-se que «deve-se evitar a todo o custo uma estrutura de Igreja em confronto com o Estado».²³⁴

- De Maio 1982 a Maio 1983 – Sob o slogan «Por uma Igreja Consciente e Jovem» a defesa da dignidade humana ganha forma de defesa da Fé.²³⁵

- Em Janeiro 1984 – O primeiro Embaixador (não residente) de Cabo Verde junto da Santa Sé apresenta as suas cartas credenciais ao Papa João Paulo II.

- Em Janeiro 1985 – O Presidente Aristides Pereira reconheceu publicamente a influência da Igreja Católica no processo de reconstrução nacional, enquanto responsável espiritual, a par das outras confissões religiosas então reconhecidas.

- A 15 de Setembro de 1985 – No encerramento da Assembleia Diocesana de Jovens, estes são exortados a discernir e a distinguir o que é filosofia, política e religião, a exigir um ensino integral, isento, completo e a evitar conflitos e tensões entre «ser cristão» e «ser cidadão».²³⁶

- Em Novembro de 1986 – Em nota pastoral, o Governo da Diocese problematiza a moralidade do projeto de Diploma Relativo à Interrupção Voluntária da Gravidez.

- De Janeiro a Julho de 1987 – Diálogos católicos e partidários dissonantes a partir dos órgãos informativos Terra Nova e Tribuna.

- A 12 de Junho de 1987 – «Desconhecidos profanam a Igreja Matriz da Praia».²³⁷

²³⁴ DIOCESE DE CABO VERDE, *Acta do Encontro de Responsáveis pela Pastoral em Cabo Verde*, Imprensa Nacional, Praia, 1977, p. 26.

²³⁵ Cf. D. PAULINO LIVRAMENTO ÉVORA, «A homilia de 30 de Janeiro 1983 por ocasião da romaria a Cidade Velha», in VASCETTO, Bernardo, *Ilhas de Cabo Verde: Origem do povo cabo-verdiano e da diocese de Santiago de Cabo Verde*, p. 388-398.

²³⁶ Cf. VASCETTO, Bernardo, *Ilhas de Cabo Verde: Origem do povo cabo-verdiano e da diocese de Santiago de Cabo Verde*, 1987, p. 517.

²³⁷ Cf. VOZ DE POVO, 13 de Junho de 1987.

- Em Janeiro de 1990 – O João Paulo II reafirma a ontologia humana proposta pela Igreja em Cabo Verde: «... jamais, nunca mais, a negação dos direitos de Deus sobre o homem: “o homem que vive é a glória de Deus”».²³⁸

- Em 23 Janeiro de 1991 – O Conselho Diocesano em nome do corpo ministerial, reconhece publicamente o seu envolvimento no processo de transição política.²³⁹

- De 2 a 8 de Setembro de 1991 – Decorreu a II Assembleia da Juventude Diocesana sob o lema «Filhos de Deus por um Cabo Verde novo».

- De Agosto a Setembro de 1991 – A Igreja local apresenta-se publicamente como moralmente responsável pelo novo regime político e promotora de uma nova engenharia social quando apresenta as suas propostas para a nova Constituição.²⁴⁰

- Em Maio de 1995 – O Governo da Diocese assume publicamente o seu descrédito com os decisores políticos (questões do hino, da bandeira, dos símbolos nacionais e da lei da interrupção da gravidez).

- No dia 29 de Junho de 1995 – a convite do PAICV, o Governo da Diocese participa no «Fórum Pensar Cabo Verde», ministrando uma palestra sobre «A doutrina social da Igreja Católica, a Igreja e os partidos políticos».

- Em Dezembro de 1995 – As profanações e violações dos símbolos religiosos dão o mote ao posicionamento do Governo da Diocese perante as eleições legislativas de 1995.²⁴¹

- No dia 28 de Outubro de 1996 – Os Padres de Santiago denunciam o crime das profanações e mostram-se convictos de que, com o apoio dos católicos, o problema será resolvido.

²³⁸ Cf. VOZ DE POVO, 30 de Janeiro de 1990.

²³⁹ Cf. TERRA NOVA, Janeiro de 1990, p.3.

²⁴⁰ Cf. VOZ DE POVO, 11 Setembro de 1990, p. 4-5.

²⁴¹ DIOCESE DE CABO VERDE, *A Doutrina Social da Igreja: A Igreja e os Partidos Políticos*, Imprensa Nacional de Cabo Verde, Praia, 1995.

- A 24 de Julho de 1998 – É tornado público que o Governo da Diocese equaciona a possibilidade de participação de «fiéis» no caso das profanações.

- A 20 de Abril de 2000 – O Governo da Diocese, na voz do Pró-Vigário-Geral e Diretor das Obras Pontifícias de Cabo Verde, Pe. Caetano Pimenta, anuncia que os responsáveis eclesiais não assumiriam nenhuma postura especial perante os embates eleitorais que se avizinhavam.²⁴²

No novo milénio, veio a consolidar-se o que já tinha despontado como tendência, desde os anos 80 do século XX, o retorno da religião ao espaço público, de tal modo que se assiste nesse período, enquanto fenómeno global, ao retorno da fundamentação religiosa das reivindicações políticas.²⁴³ Neste contexto e no que concerne à vida da Diocese de Santiago de Cabo Verde, merecem destaque:

- De 2001 a 2010 – A revitalização católica, permeada pela reorganização administrativa ao nível da diocese e das paróquias e pelo revigoramento do diálogo (interno e externo) desta Igreja com o Estado de Cabo Verde.

- De 2001 a 2013 – Geração de novas estruturas de diálogo estatal/católicas sustentadas no resgate da religião (cristã) como herança cultural;

- A 14 de Novembro de 2003 – Criação da Diocese de Mindelo e nomeação do segundo bispo nativo (D. Arlindo Gomes Furtado).²⁴⁴

- A 7 de Outubro 2007 – Celebração do 50.º aniversário do Seminário de São José.

- Em Julho de 2009 – Mudança de liderança no Governo da Diocese de Santiago.

²⁴² Cf. HORIZONTE, 20 Abril de 2000, p. 7.

²⁴³ BOBINEAU, Oliver e TANK-STORPER, Sébastien, *Sociologia das Religiões*, Publicações Europa - América, Mira - Sintra, 2008, p. 33.

²⁴⁴ www.diocesemindelo.org, 28/02/2016 14:45.

- Em Outubro de 2009 – O bispo da Diocese de Santiago participa e intervém no Sínodo dos Bispos para a África.

- A 10 de Setembro de 2010 – Anunciada a Concordata com a Santa Sé.

- Em Janeiro de 2011 – Nomeação do segundo bispo de Mindelo e terceiro bispo nativo (D. Ildo Fortes).

- A 10 de Junho de 2013 – O Estado de Cabo Verde e a Santa Sé assinam o Acordo Quadro sobre o Estatuto Jurídico da Igreja Católica em Cabo Verde.

- De 13 de Junho de 2013 a Maio de 2014 – Surgimento das demandas públicas de igual tratamento por parte de Igreja do Nazareno e a problematização da laicidade em Cabo Verde.

- A 16 de Maio de 2014 – Publicação da Lei que estabelece o Regime Jurídico da Liberdade de Religião e de Culto em Cabo Verde.

- A 14 de Fevereiro 2015 – Na Basílica de São Pedro, em Roma, tem lugar o rito de imposição do barrete e da entrega do anel e da bula de criação cardinalício a D. Arlindo Gomes Furtado (primeiro Cardeal cabo-verdiano) pelo Papa Francisco.²⁴⁵

3.6- Apelos e votos de São João Paulo II aos cabo-verdianos em 1990 na sua visita a Cabo Verde

O povo de Cabo Verde viveu, com a visita pastoral efetuada a este pequeno pedaço de África por Sua Santidade, o Papa João Paulo II, de 25 a 27 de Janeiro de 1990, um dos momentos mais transcendentos da sua história. Foi o primeiro e o único Papa que até hoje visitou Cabo Verde. «Efetivamente, os cabo-verdianos – católicos e não católicos – viram deste modo transformar-se em realidade, um sonho há muito acalentado e que só foi possível concretizar-se num Cabo Verde independente: receber a

²⁴⁵ www.diocesesantiago.org, 28/02/2016 15:45.

visita do Pastor Supremo da Igreja Católica».²⁴⁶ A visita do Santo Padre concretizou-se nos finais do séc. XX, período em que os valores morais da sociedade cabo-verdiana já vinham decaindo. Daí que o Bispo D. Paulino tenha sublinhado, na sua saudação ao Santo Padre, que os católicos aí presentes estavam atentos a escutar os seus apelos habituais de «defensor intrépido da verdade, da justiça, da vida, da liberdade e de todos os demais valores morais e espirituais do homem e da humanidade e também as suas sábias orientações de guia e mestre insigne e experiente».²⁴⁷

O Papa, na sua receção, apelou aos cabo-verdianos um desenvolvimento autêntico, por uma solidariedade que leva à fraternidade, assente nos direitos e liberdades fundamentais inseparáveis da dignidade do homem. Ele pediu o respeito pela dignidade da pessoa, o alcance das necessidades básicas: «Peço a Deus que cada cabo-verdiano seja sempre respeitado e respeite a dignidade da pessoa humana em si e nos demais, e possa dispor de suficiência dos meios indispensáveis para viver bem e assim, cada vez mais se sinta ufano e amigo da sua terra natal».²⁴⁸ Solicitou uma participação livre, responsável e solidária no destino da nação.

À sua chegada, no aeroporto internacional Amílcar Cabral, foi recebido pelo Reverendíssimo Bispo da Diocese de Cabo Verde, D. Paulino Livramento Évora, representantes da autoridade nacional e local e o povo cristão salense, que de todos os cantos da ilha ocorreu em massa ao aeroporto. Ansiosamente, aguardava-se aquele que D. Paulino Évora saudou com estas palavras bíblicas: «Bendito aquele que vem em nome do Senhor» (Mt 21, 9).²⁴⁹ João Paulo II foi promotor e defensor dos valores e medidas que favorecem o surgimento de um mundo mais justo, pacífico, seguro,

²⁴⁶ VOZ DE POVO, *Visita do Papa João Paulo II a Cabo Verde 25 a 27 de Janeiro de 1990*, Praia, 1990, p. 3

²⁴⁷ RAIMUNDO, Gabriel, *Na 45ª Visita Pastoral, no país mais católico do Continente Africano*, In: *Jornal VOZ DE POVO*, Praia, 1990, p. 4.

²⁴⁸ PAPA JOÃO PAULO II, *Receção Praia*, Cabo Verde 1990, nº 8.

²⁴⁹ RAIMUNDO, Gabriel, *Na 45ª Visita Pastoral, no país mais católico do Continente Africano*, In: *Jornal VOZ DE POVO*, Praia, 1990, p. 4.

propício à realização integral do homem e à proteção do meio ambiente. Na Catedral da Praia, apelou à Igreja em Cabo Verde que continuasse a colaborar na construção da sociedade: «Também aqui em Cabo Verde, a Igreja, seguindo aliás, na linha da sua própria tradição, continuará a colaborar na construção da sociedade cabo-verdiana, reconhecendo e encorajando as aspirações de Justiça e de paz que encontra neste povo, com a sua secular sapiência e com os seus atuais esforços de promoção. De tal modo a Igreja está ligada à história desta nação, que, eliminá-la ou desconhecê-la, seria mutilar o próprio património sociocultural do Arquipélago».²⁵⁰ A vinda do Sumo Pontífice revelou-se importante, por se verificar numa altura em que se constatavam, apesar de tudo, nítidos e promissores sinais de desanuviamento e distensão entre as grandes potências e nas relações internacionais. Também, o próprio espírito de confrontação parecia ceder lugar ao diálogo construtivo. A política de desarmamento impunha-se pouco a pouco e recorria-se cada vez mais às negociações pacíficas para resolver os conflitos regionais.²⁵¹

E, relativamente à situação da escravatura, João Paulo II sublinhou um aspeto que faz parte da linha constante do Magistério Eclesiástico: não às discriminações de todo o tipo; jamais a escravização do homem pelo homem; nunca qualquer forma de violência demolidora da dignidade das pessoas; jamais a negação dos direitos de Deus sobre o homem.²⁵² O Papa conta com todos os cabo-verdianos na Nova Evangelização: «Esta minha palavra prolonga os muitos votos que já formulei e têm um sentido de convite a olhades para a frente, com esperança, com muita esperança. Tendo recebido a fé cristã, aprofundai a vossa vivência e testemunho da mesma, com toda a coerência: “Sereis minhas testemunhas”, repete-vos hoje o Senhor, uma vez mais, pela boca do

²⁵⁰ PAPA JOÃO PAULO II, *Discurso aos cabo-verdianos*, Catedral da Praia, 1990, n° 7.

²⁵¹ VOZ DE POVO, *Visita do Papa João Paulo II a Cabo Verde 25 a 27 de Janeiro de 1990*, Praia, 1990, p. 14.

²⁵² PAPA JOÃO PAULO II, *Homilia*, Praia, Cabo Verde, 1990.

Bispo de Roma. Deste modo, estareis a contribuir para plasmar aqui uma civilização cristã original, que se alimente nas fontes, eleve o que há de bom nas vossas tradições e vá confluir no empenho da Igreja universal para construir a civilização do amor. Aqui, como em toda a parte, não é o Evangelho que há-de mudar, para haver inculturação, mas é a cultura que precisa de assimilar os germes da vida trazidos pelo Redentor do homem. O apóstolo do Evangelho vai humanizando o evangelizado, certo de que, ao mesmo tempo que se evangeliza, também se civiliza. Evangelizar, de facto, visa converter a consciência pessoal e coletiva dos homens, as atividades a que se aplicam, a vida e o meio ambiente que lhes são próprios. É esta evangelização, a nova evangelização de Cabo Verde, que incumbe a todos os batizados e lhes impõe tarefas urgentes, dentro da missão da Igreja; são estas tarefas – na família, na educação escolar, na economia e na vida social – que eu vos confio, irmãos e irmãs cabo-verdianas. O Papa conta convosco!»²⁵³

A visita do Papa João Paulo II a Cabo Verde foi um acontecimento memorável na história de Cabo Verde; por isso, não podia deixar de falar sobre esse acontecimento, porque marcou a evangelização em Cabo Verde no século XX, de uma maneira profunda.

²⁵³ PAPA JOÃO PAULO II, «Mensagem da despedida na sua visita à Cabo Verde», in MANUAL DE ESTUDO, *Igreja Sociedade e Política: Princípios da Doutrina social da Igreja*, Compilação feita pelo Secretariado Diocesano da ação Social: Cáritas cabo-verdiana, Praia, Junho de 1990, p. 32.

CONCLUSÃO

Percorridas as diferentes etapas de estudo sobre a História da Igreja em Cabo Verde, conforme o tema do trabalho, convém outra vez frisar alguns pontos essenciais e estruturantes na fundamentação dessa Igreja. Digamos que, neste país, a Igreja tem uma atitude de serva, ou seja, ajuda o homem a poder desenvolver-se por si mesmo. É esta a realidade e a tarefa da Igreja em Cabo Verde. O nosso país é um dos mais desprovidos do mundo. Além de sofrer de uma longa e persistente seca, não tem recursos naturais e não tem possibilidade nem de se bastar a si mesmo, nem de desenvolver uma economia de mercado, mesmo reduzida e suportando ainda os efeitos do bloqueio da emigração. É um país jovem e cheio de esperanças, consciente de tudo quanto possa ser empreendido para o seu rápido desenvolvimento, com desejos de gozar as novidades deste mundo e tendo capacidade cultural e intelectual de se assumir, mas, por outro lado, obrigado a estreitezas naturais, geográficas, económicas e políticas que o limitam e preocupado com o desemprego e a juventude de menos de 40 anos, que compõem mais de metade da sua população.

Com tudo isso, a Igreja, consciente da sua missão no campo da promoção humana, achou conveniente lembrar que todos somos chamados a nela nos empenharmos concretamente, contribuindo para uma melhor justiça social e caridade cristã, nesta porção da Igreja de Cristo que coincide com todo o Cabo Verde. Hoje, a nível pastoral, Cabo Verde está dividido em duas Dioceses: A mais antiga é a de Santiago de Cabo Verde e a mais nova denomina-se Diocese de Mindelo, erigida a 14 de Novembro de 2003, pelo Papa João Paulo II, por desmembramento da existente. O bispado mindelense tem como jurisdição toda a região de Barlavento, constituído pelas ilhas de São Vicente (sede), Santo Antão, São Nicolau, Boa Vista e Sal. O seu primeiro

bispo foi D. Arlindo Gomes Furtado, hoje Cardeal Gomes Furtado e Bispo da Diocese de Santiago. Em 25 de Janeiro de 2011, o Santo Padre Bento XVI nomeou como Bispo da Diocese de Mindelo (Cabo Verde), o Reverendo Padre Ildo Augusto dos Santos Lopes Fortes, que desde então é bispo da segunda diocese de Cabo Verde.²⁵⁴ Foi muito importante esta divisão para o desenvolvimento da evangelização, porque, de facto, vê-se que ninguém está excluído dessa realidade de anunciar e acolher Jesus em Cabo Verde. Sacerdotes, religiosos e leigos, todos são chamados a colaborar ativamente no desenvolvimento da pastoral social em Cabo Verde.

Só a atuação harmónica de cada um, de acordo com o seu carisma e funções próprias nesta Igreja, poderá contribuir para uma ação eficaz das nossas Dioceses, a bem de todos os homens e de cada um. «Toda a Igreja deve trabalhar para tornar os homens capazes de edificar retamente a ordem temporal e de a ordenar, por Cristo, para Deus. Aos pastores, compete propor claramente os princípios relativos ao fim da criação e ao uso do mundo e de proporcionar os auxílios morais e espirituais para que a ordem temporal se edifique em Cristo».²⁵⁵

Os sacerdotes, como íntimos cooperadores do bispo e a ele ligados, em virtude da comum ordenação e missão, não podem manter-se alheios às realidades sociais e ao bem da humanidade. Os sacerdotes devem ser os primeiros animadores de toda a atividade social, reconhecendo e promovendo a dignidade e a participação próprias dos leigos na Missão da Igreja.²⁵⁶ A evangelização em Cabo Verde, também passa pela promoção das vocações. Atualmente, as vocações sacerdotais, bem como o número de padres diocesanos estão a crescer. Nos últimos anos, houve uma diminuição das vocações femininas, relativamente às masculinas e, pela primeira vez, a Diocese de

²⁵⁴https://pt.wikipedia.org/wiki/Diocese_do_Mindelo. 25/05/2016 16:43.

²⁵⁵ CONCÍLIO DO VATICANO II, 1963-1965, *Decreto Apostolicam Actuositatem* sobre o apostolado dos leigos, n.7, p.4.

²⁵⁶ DIOCESE DE CABO VERDE, *Carta pastoral de D. Paulino Livramento Évora: A Igreja de Cabo Verde e o desenvolvimento*, p. 14.

Santiago tem agora vinte e dois seminaristas no seminário maior e a Diocese de Mindelo tem cinco, espalhados pela Europa, em formação, para depois servirem o povo de Deus em Cabo Verde, tendo também alguns no seminário menor em Cabo Verde. Portanto, em termos vocacionais, no que diz respeito aos sacerdotes diocesanos, as dioceses de Cabo Verde estão no melhor momento de sempre, nessa fase.

Gostaria ainda de frisar nessa parte conclusiva, um pouco daquilo que é a família cabo-verdiana. A maioria da população de Cabo Verde professa a fé cristã, todavia, só uma pequena percentagem das famílias tem consciência de que deve ser sinal de salvação para a vivência cristã, por amor autêntico, alimentado pela oração e reflexo da Palavra de Deus. Apesar disso, a família cabo-verdiana apresenta características de grande valor positivo: ela é, tradicionalmente conhecida pela prática de hospitalidade, pelo amor aos filhos e às crianças em geral, pelo respeito instintivo da vida. Perante as difíceis condições sócio económicas nas quais as famílias geralmente vivem, é consolador encontrar um notável espírito de sacrifício e capacidade de partilha, assumindo com confiança essas situações, embora esta seja, por vezes, marcada por um certo fatalismo e conseqüente passivismo. Por certo que não se deve também negar uma nota positiva/evangélica à atitude da mulher cabo-verdiana que não só se dispõe a perdoar as infidelidades do marido ou companheiro, como ainda muitas vezes, a assumir a responsabilidade do fruto do adultério, que frequentemente vem agravar as precárias condições familiares. É de salientar o surgimento de pequenos grupos de casais, que vão tomando consciência da família, na Igreja e na sociedade e das suas potencialidades apostólicas, começando a atuar como casais cristãos. Numa perspectiva realista, não se pode deixar de apontar algumas graves deficiências da família cabo-verdiana, originadas em parte pelas precárias condições socioeconómicas e também pela cultura tradicional que, conferindo ao homem um estatuto de superioridade, fere a

família no seu próprio fundamento. Este machismo conduz a uma situação de infidelidade quase generalizada, por vezes passivamente aceite pela mulher. A emigração também nem sempre traz consequências positivas para as nossas famílias. A este respeito, há que anotar a diferença entre Santiago, Fogo, Brava e as Ilhas de Barlavento, tendo cada uma as suas dificuldades específicas, que incidem negativamente sobre a constituição e a sobrevivência moral das famílias. Evidentemente, o nosso tempo é caracterizado por uma evolução acelerada. Os pais, apesar da sua boa vontade, sentem-se por vezes desarmados e impreparados para acompanhar devidamente os filhos.

As famílias cristãs, quer pela exiguidade do número, quer pela fraca vivência da fé, não conseguem constituir um modelo que se imponha como tal. Os jovens são os mais afetados por essa situação que desvaloriza a família e eles próprios se tornam os primeiros a contestar o valor da mesma e a desconfiar da capacidade humana de amar desinteressada e lealmente. Cria-se assim, um clima de amor livre e de liberdade sexual, desfavorável ao verdadeiro progresso da sociedade e à realização da família como lugar de comunhão e de amor. Esta situação constitui um apelo veemente à ação pastoral da Igreja. Esta consciência da sua missão salvadora e libertadora, quer empenhar-se com todas as suas forças para «proteger e fomentar a nativa dignidade do estado matrimonial e do seu alto e sagrado valor».²⁵⁷

Com efeito, é sempre a família que está na base de tudo. A Igreja e a própria sociedade civil serão o que forem as famílias que as compõem. Se queremos uma Igreja viva, uma Igreja renovada, uma Igreja presente e atuante no mundo em que se situa e dentro do qual deve ser sinal de salvação, temos de começar por atribuir à família melhor atenção e cuidado. Este contacto com a cultura cabo-verdiana ultrapassou todas

²⁵⁷ II VATICANO CONCILIO, *Const. Dogm. Gaudium et Spes*, nº 47.

as nossas expectativas e aumentou o desejo de saber cada vez mais sobre ela. Apesar das dificuldades em juntar as fontes e desenvolver os temas abordados, ficamos com um conhecimento maior sobre vários aspetos sociais e religiosos do povo. Todos estes aspetos da cultura não são indiferentes à história. Ela é a uma das partes que ajudam na organização da vida da Igreja e reflete o testemunho de toda a nossa fé e o dinamismo na relação com as coisas do sagrado e do divino, em qualquer lugar e em qualquer cultura. Por isso, engloba um vasto campo de elementos culturais e religiosos de um povo. Entretanto, respeitando as regras que são próprias da história, ela é sempre um desafio à criatividade e às respetivas adaptações a que pode ser submetida, segundo as necessidades e exigências de cada lugar.

Todo este caminho que a Igreja em Cabo Verde tem vindo a desenvolver mostra que o Povo de Deus não está localizado em determinado país, nem se distingue por uma raça especial, ou fala uma língua própria. Mas expressa o conjunto de todas as pessoas que, embora fazendo parte das mais diversificadas culturas e vivendo em todos os recantos do globo, sente a vocação comum de viver o reino de Deus que descobre na sua palavra e na tradição viva da própria Igreja. Este povo é também uma comunidade, porque não está diluído nos seus membros dispersos, mas tem uma organização e uma estrutura que garantem a sua presença em qualquer parte do mundo e, neste caso particular, em Cabo Verde. E esta comunidade está ao serviço da salvação do mundo porque vive a sua fé, atualiza a palavra de Deus e convoca a todos para viverem o Reino de Deus, tanto a nível pessoal como a nível comunitário e social. Só se percebe o valor da Igreja, na medida em que reflete esta dimensão comunitária, uma Igreja que está enraizada no “amor ao próximo”. Hoje, descobriu-se o valor e a força da comunidade que se organiza em busca de soluções para o problema da liberdade do homem e, por isso, não pode apenas praticar atos religiosos de forma individual e descomprometida

com a História. «O testemunho que a Igreja de hoje deve dar ao mundo, não pode ser um testemunho individual, isolado, de pessoas preocupadas apenas com o Reino do céu do futuro, mas reclama-se um testemunho global, coletivo, comunitário, de um povo inteiro que busca construir o Reino de Deus já neste mundo, para, juntos, gozarem do Reino definitivo que os espera. É assim que a Igreja, mantendo-se fiel a Jesus, descobre, em cada época histórica, a forma mais adequada de estabelecer a comunhão de Deus com os homens e dos homens entre si».²⁵⁸

²⁵⁸ OLIVEIRA, J. F., *Caminhar com Cristo: a fé explicada aos jovens e adultos*, Edições Paulistas, São Paulo, 1983, p. 152.

BIBLIOGRAFIA

1- Fontes

1.1- Fontes do Magistério

Catecismo da Igreja Católica, 2ª Edição, Gráfica de Coimbra, 1999.

CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ, *Alguns aspetos da Igreja como comunhão*, 1992.

CONCILIO DE TRENTO, *Doutrina sobre o Santo Sacrifício da Missa*, 22ª Sessão, 17 Setembro 1562, cap. 1, in Heinrich Denzinger, 1740.

II CONCILIO VATICANO, *Atividade missionária da Igreja: documentos conciliares*, Secretariado Nacional do apostolado da oração, Braga, 1966.

_____, *Const. Dei Verbum*, in Acta Apostolicae Sedis 58 (1966), 827.

_____, *Const. Dogm. Lumen Gentium*, in Acta Apostolicae Sedis 57 (1965), 5-75.

_____, *Const. Past. Gaudium et Spes*, in Acta Apostolicae Sedis 58 (1966), 1025-1120.

_____, *Const. Sacrosanctum Concilium*, in Acta Apostolicae Sedis 56 (1964), 97-138.

O Sacrossanto e Ecuménico Concílio de Trento em Latim e em Português, tomos I, Oficina Patriarcal, Lisboa, 1781.

MISSAL ROMANO, Ed. Gráfica de Coimbra, Conferência Episcopal Portuguesa, Coimbra, 1992.

PAPA FRANCISCO, *Exortação apostólica Evangelii Gaudium*, de 24 de novembro de 2013, 6ª edição, Secretariado-geral do Episcopado, Paulinas Editora, Prior Velho, 2014. PAPA JOÃO PAULO II, *Código de Direito Canónico (CIC)*, 4ª edição revista, Versão portuguesa: *Copyright by* Conferência Episcopal Portuguesa, Lisboa, 1983.

_____, *Exortação Apostólica Christifideles Laici*, 30 de dezembro de 1988.

_____, *Exortação Apostólica Familiaris consortio*, de 22 de novembro de 1981, in Acta Apostolicae Sedis 74, 1982.

PAPA PAULO VI, *Exortação Apostólica Evangelii Nuntiandi*, de 8 de dezembro de 1975, in Acta Apostolicae Sedis 68, 1976.

SINODO DOS BISPOS, *A evangelização do mundo contemporânea*, Edição de secretariado-geral do episcopado, Lisboa, 1973.

1.2- Fontes das Dioceses de Cabo verde

ANUÁRIO, *Diocese de Bissau e Bafatá*, 2009.

CONGRESSO INTERNACIONAL, *Concílio Trento: 450 anos de História*, Instituto de História e Arte Cristãs Braga, 2013.

BISPOS DE MOÇAMBIQUE, *Os padres brancos*, Delfos edição, Lisboa, 2000.

Boletim Oficial de Cabo Verde, n.º 15, de 12/06/1856.

CÁRITAS CABO-VERDIANA, *Igreja Sociedade e Política: Princípios da Doutrina social da Igreja*, Compilação feita pelo Secretariado Diocesano da Ação Social, Praia, junho de 1990.

CRUZ, Mons. Lopes, *Anuário católico de Portugal*, Oficinas gráficas da rádio renascença, Lisboa, 1957.

DIOCESE DE CABO VERDE, *Assembleia Diocesana: Família e Juventude*, Imprensa Nacional, Praia, 1983.

DIOCESE DE CABO VERDE, *Contribuição da Igreja Católica para a elaboração da nova constituição*, Conselho Presbiteral, setembro de 1990.

DIOCESE DE CABO VERDE, *Província ultramarina de Cabo Verde: relatório das missões católicas referente ao ano 1955*, Minerva de Cabo Verde, Praia, 1955.

ÉVORA, Bispo D. Paulino Livramento, *Carta pastoral: A Igreja de Cabo Verde e o desenvolvimento*, Biblioteca da Casa da Memória, S. Filipe, Ilha do Fogo, 1985.

GIORNALE QUOTIDIANO POLITICO RELIGIOSO, *L'Osservatore Romano*, Città del Vaticano, 1967.

HORIZONTE, 20 abril de 2000.

PAPA JOÃO PAULO II, *Discurso aos cabo-verdianos*, Catedral da Praia, 1990.

_____, *Homilia*, Praia/ Cabo Verde, 1990.

_____, *Voz de Povo: Visita a Cabo Verde 25 a 27 de Janeiro de 1990*, Praia. 1990.

OLIVEIRA, Miguel e CRUZ, Mons. Lopes da, *Anuário católico de Portugal*, União Gráfica, Lisboa, 1933.

RESPONSÁVEIS PELA PASTORAL EM CABO VERDE, *Acta do Encontro*, Imprensa Nacional, Praia, 1977.

SOUSA, Padre José Maria, *Relato da sua experiência missionária em Cabo Verde desde 1963 a 1974*, in Arquivo da Província Portuguesa da Congregação do Espírito Santo, 29/06/2011.

Terra Nova, S. Filipe, Fogo, 1979.

2- Estudos

AFONSO, Manuela, *Educação e Classes Sociais em Cabo Verde*, Spleen Edições / Associação Académica África Debate, Lisboa - Praia, 2002.

ANDRADE, Elisa S., *As ilhas de Cabo Verde: da descoberta a independência (1460-1975)*, Éditions L'Harmattan, Paris, 1996.

ASCHER, F., *Os Rabelados de Cabo Verde: História de uma revolta*, L'Harmattan, Paris, 2011.

BALENO, Ilídio Cabral, «Povoamento e formação da sociedade», in ALBUQUERQUE, Luís e SANTOS, Maria Emília Madeira, *Historia Geral de Cabo Verde*, Vol. I, Centro de Estudos de Historia e Cartografia Antiga Instituto de Investigação Científica Tropical / Direcção Geral do Património Cultural de Cabo Verde, Lisboa / Praia, 1991.

BAPTISTA, P., Ineida, *A valorização patrimonial como factor de desenvolvimento turístico – O caso de Ribeira Grande de Santiago*, ISE, Praia, 2008.

BARRATA, Óscar, *O povoamento de Cabo Verde, Guiné e São Tomé*, Instituto Superior de Ciências Sociais e Política Ultramarina, Lisboa, 1966.

BASSEY, Magnus, *Western Education and Political Domination in Africa: A Study in Critical and Dialogical Pedagogy*, Bergin Garvey, Boston, 1998, in RAMOS Maria da Luz, *O fenómeno elitista em Cabo Verde: o papel da educação escolar em Cabo Verde*.

BATALHA, Luís, «A elite portuguesa - cabo-verdiana: ascensão e queda de um grupo colonial intermediário», in CARVALHO, Clara, e CABRAL, João de Pina, *A Persistência da História. Passado e Contemporaneidade em África*, Imprensa de Ciências Sociais, Lisboa, 2004.

BORGES, Elvino M. O., *O projeto do Padre Francisco Libermann e a atividade missionária dos Espiritanos em Cabo Verde (1941-1975)*, Dissertação final para obtenção do grau de Mestrado Integrado em Teologia orientado pelo Prof. Doutor

- Adélio Abreu e apresentada na Faculdade de Teologia, Universidade Católica Portuguesa, Porto, 2015.
- BORGES, José dos Reis, *O Seminário-Liceu da Ilha de São Nicolau de Cabo Verde*, Boletim da Agência Geral das Colónias, Separata do nº 45, março, Lisboa, 1929.
- BRÁSIO, António, C.S.Sp. *Descobrimento, Povoamento, Evangelização do Arquipélago de Cabo Verde*, in: *Stvdia* 10, Lisboa, 1962.
- CABRAL, Iva, «Ribeira Grande: Vida urbana, gente, mercancia, estagnação», in: Maria Emília Madeira Santos, Coord. *História geral de Cabo Verde*, Vol. II, Ed. Centro de Estudos de História e Cartografia Antiga Instituto de Investigação Científica Tropical/ Instituto Nacional de Investigação Cultural Cabo Verde, Lisboa/ Praia: 2001.
- _____, *A primeira elite colonial atlântica: Dos «homens honrados brancos» de santiago à nobreza da terra*, Universidade de Cabo Verde, Praia, 2013.
- CABO VERDE, *Pequena monografia*, Agência-Geral do Ultramar, Lisboa, 1966.
- CABO VERDE, *Dez Ilhas, um país, cinco continentes*, Caixa Geral de Depósitos: SGE-Mediateca, Lisboa, 2007.
- CARREIRA, A., *Cabo Verde: Classes sociais, estrutura familiar, migrações*, Ulmeiro, Lisboa, 1977.
- CERRONE, Frederico, *História da Igreja de Cabo Verde: 450 anos da Igreja em Cabo Verde*, Gráfica do Mindelo, S. Vicente, 1983.
- DOMINGUES, Ângela, «Administração e Instituições: Transplante, Adaptação, Funcionamento», in: ALBUQUERQUE, Luís e SANTOS, Maria Emília Madeira, *Historia Geral de Cabo Verde*, Vol. I, Centro de Estudos de Historia e Cartografia Antiga Instituto de Investigação Científica Tropical / Direcção Geral do Património Cultural de Cabo Verde, Lisboa / Praia, 1991.
- FERNANDES, Gabriel, *Em Busca da Nação: notas para uma reinterpretação do Cabo Verde Crioulo*, Florianópolis, Editora da UFSC, Praia, Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro, 2006.
- FILHO, João Lopes, *Ilha de S. Nicolau - Cabo Verde formação de uma sociedade e mudança cultural*, Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 1993.
- _____, *Contribuição para o estudo da Cultura cabo-verdiana*, Biblioteca Ulmeiro nº 15, Lisboa, 1983.
- _____, *Ilha de São Nicolau. Cabo Verde. Formação da Sociedade e Mudança Cultural*, Vol. II, Edição: Secretária-geral, Ministério da Educação, Praia, 1996.

- GONÇALVES, Nuno S., *Os Jesuítas e a missão de Cabo Verde (1604-1642)*, Faculdade de História Eclesiástica, Roma, 1995.
- MONTEIRO, J., *Os rebelados da ilha de Santiago de Cabo Verde*, CECV, Santiago, 1974.
- MIRANDA, José Pereira – *Padre Louiz Allaz: Missionário em Cabo Verde 1947-1976: Uma estrela na madrugada cabo-verdiana*, Assomada: Imprensa Nacional de Cabo Verde, 2014.
- NEVES, Baltazar Soares, *Seminário - Liceu de S. Nicolau: o contributo para a história do ensino em Cabo Verde*, Centro de Estudos Africanos da Universidade do Porto, Porto, 2008.
- PERES, Damião, *História dos descobrimentos portugueses*, Portucalense Editora, Porto, 1943.
- PEREIRA, Eduardo A. C., *Política e Cultura: As revoltas dos Engenhos (1822), de Achada Falcão (1841) e de Ribeirão Manuel (1910)*, Imprensa Nacional de Cabo Verde, Praia, 2015.
- PEREIRA, Ludmila Cardoso, *Cabo Verde: da Descolonização à Abertura Democrática*, Dissertação apresentada para a obtenção de grau de Mestre em Ciência Política – Cidadania e Governação no Curso de Mestrado em Ciência Política – Cidadania e Governação conferido pela Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Lisboa, 2013.
- REBEIRO, A., *Estrutura eclesiásticas de Cabo Verde, Guiné e São Tomé e Príncipe*, Instituto Superior de Ciências Sociais e Política Ultramarina, Lisboa, 1966.
- ROCHA, Hugo, *Cabo Verde: A segunda republica*, Instituto Humanismo e Desenvolvimento, Lisboa, 1992.
- RODRIGUES, Larissa, *Entrevista ao Padre Caetano Pimenta Pereira*, Seminário Diocesano, Praia, 2005.
- RODRIGES, Nuno Miguel, *Diálogo de um missionário: Experiências vividas em Cabo Verde*, Edição especial em ano da vida consagrada, Lisboa, 2015.
- SANTOS, Maria Emília Madeira e SOARES, Maria João – «Igreja, Missionação e Sociedade», in SANTOS, Maria Emília Madeira, Coord. *História geral de Cabo Verde*, Vol. II, Ed. Centro de Estudos de História e Cartografia Antiga Instituto de Investigação Científica Tropical/ Instituto Nacional de Investigação Cultural Cabo Verde, Lisboa/ Praia: 2001.

- SANTOS, Matilde M., *Os bispos e o Tribunal do Santo Ofício no arquipélago de Cabo Verde (1538-1646)*, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Coimbra, 2010.
- SEMEDO, Adilson F. C., *Religião e Cultura: A Influência da Religião Católica na Reprodução da Dominação Masculina em Cabo Verde*, Centro de Estudos Africanos da Universidade do Porto, 2009.
- _____, *Religião e Política em Cabo Verde - Os Posicionamentos Públicos do Governo da Diocese perante as Mudanças Políticas (1975 – 2001)*. Tese de doutoramento apresentada na Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Porto, 2014.
- SEMEDO, José M., *Cabo Verde: ciclo ritual das festividades da tabanca*, Spleen edições, Praia, 1997.
- SILVA, António L.C., *No tempo do Porto Grande do Mindelo*, Mindelo: Centro Cultural Português, 1998.
- SOUSA, Henrique Teixeira, *A Igreja a Literatura em Cabo Verde*, Fundação Calouste Gulbenkian - Centre Culturel Portugais, Paris, 1985.
- TURNER, Victor W., *O processo ritual: estrutura e antiestrutura*, Editora Vozes, Petrópolis, 1997.
- TRAJANO, Wilson Filho, *Uma experiência singular de criouliização*, Série Antropológica, Brasília, 2003.
- UNESCO, *Proposition d'inscription sur la Liste du patrimoine mondial*, Centro Histórico de Ribeira Grande, Cidade Velha, 2008.
- VACHETTO, Bernardo P., *Ilhas de Cabo Verde: Origem do povo cabo-verdiano e da diocese de Santiago de Cabo Verde*, Edição Farol, Boston, 1987.
- VARELA, S. H. - *A Igreja em Cabo Verde da decadência à restauração: O contributo dos Missionários do Espírito Santo*. Dissertação para obtenção do grau de Mestrado Integrado em Teologia, orientada pelo Doutor Adélio Abreu e apresentada na Faculdade de Teologia, Universidade Católica Portuguesa, Porto, 2008.

3- Bibliografia complementar

- ARGAN, Giulio Carlo, *História da Arte como História da Cidade*, São Paulo: Martins Fontes, 1ª ed, 1992.
- BHABHA, Homi K., *O local da cultura*, Reimp, Belo Horizonte, 2005
- BOBINEAU, Oliver e TANK-STORPER, Sébastien, *Sociologia das Religiões*, Publicações Europa-América, Mira-Sintra, 2008.
- BOURDIEU, Pierre, *A economia das trocas simbólicas*, 6ª ed. Perspetiva, São Paulo 2007.
- BRÁSIO, António, *História e Missionologia*, Instituto de Investigação Científica de Angola, Luanda, 1973.
- BRESTEIN, Serge e MILIZA, Pierre, *História do Século XIX*, Publicações Europa-América, Lisboa, 1997.
- CHARTIER, Roger, *A história cultural. Entre práticas e representação*, Bertrand Brasil, Rio de Janeiro, 1990.
- GEERTZ, Clifford, *A interpretação da cultura*, Zahar editores, Rio de Janeiro, 1978.
- MAURO, Frederico, *A Expansão Europeia*. Editorial Estampa, Lisboa, 1988.
- MEMMI, Albert, *Retrato do colonizado precedido pelo retrato do colonizador*, Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1967.
- OLIVEIRA, J. F., *Caminhar com Cristo: a fé explicada aos jovens e adultos*, Edições Paulistas, São Paulo, 1983.
- OLIVEIRA, Miguel, *História Eclesiástica de Portugal*, Publicações Europa-América, Lisboa, 1994.
- OLIVEIRA, Ricardo, *Sob os Auspícios do Concílio de Trento: Pombal entre a Prevaricação e o Disciplinamento (1564-1822)*, Tese orientada pela Professora Doutora Isabel M. R. Mendes Drumond Braga, especialmente elaborada para a obtenção do grau de doutor em História Moderna, Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras, Departamento de História, 2013.
- PALOMO, Federico, *A Contra-Reforma em Portugal 1540-1700*, Livros Horizonte, Lisboa, 2006.
- RETOS de la Nueva Evangelización, *Bogotá: Comunicaciones sin fronteras*, Colección Vocación y misión, 2006.
- SCARANO, Julita M. L., *Devoção e escravidão: a irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos pretos no distrito diamantino no século XVIII*, Tese: Faculdade de

Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1969.

WEBER, Timothy P., «Evangelização», In ELWELL, Walter A., *Enciclopédia Histórico-Teológica da Igreja Cristã*, Vol. II, São Paulo, 1992.

4- Documentação eletrónica

<http://diocesemindelo.org>, 24/05/2016 10:46.

<http://dioces santiago.org/site/index.php/diocese/historia>, 24/05/2016 9:26.

<http://pt.radiovaticana.va/> D. Paulino Livramento Évora comemora 84 anos de vida e 40 de bispo, 23/03/2016 10:49.

https://pt.wikipedia.org/wiki/Diocese_do_Mindelo, 25/05/2016 16:43.

<http://submarinocaboverdiano.blogspot.pt.o-seminario-liceu-da-ilha-de-São-Nicolau-ht>, 05/02/2016 23:07.

<http://www.asemana.publ.cv>, 15/02/2016 00:00.

<http://www.dioces santiago.cv>, 10/03/2016 14:30.

<http://www.geni.com/people/D-José-Filipe-do-Carmo-Colaço>, 27/03/2016 00:00.

<http://www.meteopt.com>, 24/05/2016 17:09.

<http://www.portugalcaboverde.com>, 24/05/2016 16:45.

http://www.vatican.va/roman_curia/synod/documents/rc, 24/02/2016 22:40.